



O PRIMEIRO CENTENÁRIO DE UM SONHO

ELEMAR JOSÉ WILHELM
JOSÉ ODELSON SCHNEIDER SJ

SICREDI **UNIÃO** RS

100 ANOS

RO ENÁRIO SONHO



Elemar José Wilhelm,
nasceu em 29 de março de 1949.
Tem formação em Magistério;
Licenciatura em Pedagogia –
Administração Escolar, pela UNIJUÍ;
Pós-Graduação em Educação –
Supervisão Escolar, pela UNIJUÍ;
Curso de Extensão Universitária:
Administração Municipal Eficaz
com Responsabilidade Fiscal, pela
UFRGS;
Curso de Aperfeiçoamento da
Língua Alemã, na Alemanha;
Pós-Graduação em Gestão de
Cooperativas, pela URI.

Atualmente é Conselheiro de
Administração da Sicredi União RS.
Foi Conselheiro indicado para
acompanhar o Programa “A União
faz a Vida”, nos municípios de
Entre-Ijuís, Tucunduva e Santa Rosa.

As experiências profissionais foram
em Escolas Estaduais e Escola
Particular, bem como, nas
Secretarias de Educação e da Saúde
nos Municípios de Cerro Largo e
Salvador das Missões.

Para entrar em contato com o autor:
TELEFONE: 55-3359-1961 ou
e-mail: elemarjw@gmail.com



ELEMAR JOSÉ WILHELM
JOSÉ ODELSON SCHNEIDER SJ

O PRIMEIRO
CENTENÁRIO
DE UM SONHO

1ª Edição

SANTA ROSA
EDIÇÃO DO AUTOR
2013



Esta acção do valor integral-
de CEM MIL REIS confere

W678p Wilhelm, Elemar José

O Primeiro centenário de um sonho./ Elemar José Wilhelm,
José Odelso Schneider. 1ª Ed. Santa Rosa: Edição do Autor, 2013.

ISBN:978-85-916637-0-5
298p.

1. Sicredi. 2. Banco - História I. Título. II. Schneider, José Odelso.

CDU: 33(816.5)(091)

SUMÁRIO

Parte I - Conhecendo o Passado

| | |
|---|----|
| 1- Introdução | 19 |
| 2- Bauernverein e Volksverein | 21 |
| 3- Denominações e Alterações | 24 |
| 4- Spar und Darlehenskasse – Caixa Econômica (poupança) e de Empréstimos de Serro Azul | 27 |
| 5- São Salvador | 31 |
| 6- Fundação da Central das Caixas Rurais | 34 |
| 7- Retorno à Sede | 40 |
| 8- Fiscalizações pela Central | 41 |
| 9- Destinação das Sobras | 44 |
| 10- Balanços | 47 |
| 11- 1º Congresso Cooperativista do Rio Grande do Sul | 49 |
| 12- Programações Festivas | 50 |
| 13- CCTA - Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola | 62 |
| 14- Relatório das Entrevistas | 67 |
| 15- Financiamentos | 72 |
| 16- Os Correspondentes | 73 |
| 17- Extinção das Cooperativas de Crédito | 76 |
| 18- Ex-Caixas Rurais da Região | 79 |
| 19- FECRESUL - Federação das Cooperativas de Crédito Rural do Sul do País. | 84 |
| 20- Estatutos | 87 |
| 21- Um Reconhecimento Especial..... | 97 |

Parte II - Conhecendo o Presente

| | |
|--|-----|
| 1- Fundação da COCECRER - Cooperativa Central de Crédito do Rio Grande do Sul Ltda. | 107 |
| 2- Evolução Histórica | 115 |
| 3- Constituição Federal | 116 |
| 4- Extinção do BNCC - Banco Nacional de Crédito Cooperativo | 117 |
| 5- Sicredi - Sistema de Crédito Cooperativo | 122 |
| 6- Nascimento do Banco Cooperativo Sicredi | 123 |
| 7- Livre Admissão de Associados | 126 |

Parte III - Os Atuais Municípios da Sicredi União RS129

Parte IV - Programas Sociais:

| | |
|---|-----|
| 1. Crescer e Pertencer | 212 |
| 2. PUFV – Programa A União Faz a Vida | 217 |

Parte V - Histórico Cooperativista da Região

| | |
|--|-----|
| 1 . História da Sicredi União RS | 225 |
| 2. A Formação da Sureg União RS | 229 |
| 3. Poesia Cooperativista | 231 |

Parte VI - Uma Visão Prospectiva

| | |
|---|-----|
| 1. Econômico x Social x Ambiental | 236 |
| 2. Mensagens da Diretoria | 241 |

Parte VII

| | |
|------------------------------------|-----|
| 1. Conclusão..... | 249 |
| 2. Referências Bibliográficas..... | 254 |
| 3. Agradecimentos..... | 256 |

Anexos

| | |
|---|-----|
| 1 História das Cooperativas de Crédito e suas Diretorias | 263 |
| 2. Regimento de 1913, original em alemão e sua tradução | 277 |
| 3. Filiações à Central em Alemão | 289 |
| 4. Balanços referentes aos anos de 1934, 1936, 1937, 1938 e 1940 em Alemão | 291 |
| 5. Glossário | 296 |
| 6. 1º Convênio do CCTA – Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola. .. | 297 |

APRESENTAÇÃO

José Odelso Schneider sj
UNISINOS / PPGCS/CESCOOPS

É um privilégio poder colaborar com a apresentação de uma obra que, graças aos carismas próprios de pioneiros que conseguiram incutir na iniciativa seu espírito, seu idealismo e a determinação coletiva, e celebra em 2013 o seu centenário.

É assim que surge desde 2010 a atual “Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul - Sicredi União RS”. Neste ano, várias cooperativas de crédito dos Municípios vizinhos passaram a integrar a Sicredi União RS. Para chegar a este nível e dimensão, a Cooperativa Centenária passou por 13 denominações diferentes, desde a sua primeira denominação em 1913, quando passou a identificar-se como “Spar und Darlehenskasse – Caixa Econômica e de Empréstimos de Serro Azul” - e já quatro anos depois, em 1917, assumiu o nome de “Caixa Econômica Volksverein de Serro Azul”.

A imensa região, abrangida pela Cooperativa Centenária, hoje tão rica em produção de alimentos, em sua origem era composta de matas, mais especificamente de florestas e de campos. Como diz numa das partes da obra, “os primeiros habitantes foram os “guaranis” que viviam não somente na região da original experiência econômica, política e social dos 30 Povos das Reduções do Paraguai, dentre os quais os Sete Povos que se estabeleceram na região atual das Missões, e outros em toda a extensão do rio Uruguai. É nessa área que a obtenção de alimentos era mais abundante. Tudo isso será verificado e comprovado na história dos mais diversos Municípios.

A cooperativa foi ao mesmo tempo o resultado de pessoas pioneiras e carismáticas tais como os padres Theodor Amstad e Maximiliano Von Lassberg que, com o decidido e persistente apoio e acompanhamento de um punhado de agricultores inovadores e líderes da região, conseguiram colocar em prática o sonho de uma entidade cooperativa de crédito. Esta permitiu e facilitou o acesso ao crédito e financiamentos aos pequenos produtores como nova e relevante alavanca de progresso, preocupação que, em geral, está pouco presente nos bancos convencionais que apenas visam o ganho ao operarem quase que

somente com médios e grandes poupadores e prestamistas.

Tudo começou com um grande empreendimento colonizador da Companhia Estrada de Ferro Noroeste - Northwestbahn -, que tinha recebido da União extensas áreas, oferecendo ao Bauernverein terras cobertas de matas virgens e de grandes extensões no Médio e Alto Uruguai. Após estudos e vistorias com o engenheiro agrimensor Karl Culmey, fundador de vários postos avançados de colonização no sul do Brasil e de cinco localidades de colonização na Província de Misiones-Argentina, e com o Pe. Max von Lassberg, concordaram as lideranças em efetivar a colonização. A Companhia Estrada de Ferro Noroeste construía estradas e o Bauernverein e Volksverein traziam colonos. Os resultados desses trabalhos foram as fundações da Colônia Serro Azul e, um pouco mais tarde, da colonização de Boa Vista - hoje Santo Cristo.

No decorrer da história que o livro do Centenário da Cooperativa relata, verifica-se que as Cooperativas de Crédito, também a Cooperativa Centenária, experimentaram avanços e retrocessos. Entre os retrocessos, houve fatores externos, como as medidas governamentais hostis ao cooperativismo de crédito, que levaram à extinção da maioria delas durante a década de 60 do século XX. Mas, em muitos lugares, ainda pode observar-se que a “chama” da cooperação existe e que o individualismo labuta lado a lado. A cooperação sob a forma de ajuda mútua, já é praticada desde os primórdios da humanidade. Muitos antropólogos e cientistas sociais estão de acordo que, onde houve a presença prolongada da ajuda mútua, tais civilizações avançaram, ponteando a esteira do progresso, pois a cooperação acompanha o avanço das sociedades. Pelos relatos que se desenvolvem ao longo da história centenária, saberemos que a cooperação, a ajuda mútua, se cria, se consolida e se transforma em novas formas de colaboração – e também de conflitos – na mesma medida em que as relações entre os homens se tornam econômica e socialmente mais complexas.

A obra toda se divide em seis partes. A primeira parte, “conhecendo o passado”, concentra-se no resgate de aspectos históricos importantes que

contribuíram para o desenvolvimento da comunidade local, especialmente a presença do Bauernverein e depois do Volksverein, respectivamente criadas em 1900 e 1912, sob a liderança do Pe. Amstad e seus diretos colaboradores e lideranças de pequenos produtores locais. Convidam-se os leitores a acompanharem a evolução do sistema de crédito cooperativo na região e no Estado, a criação da Central de Crédito em 1925 e como esta Central ajudou a desenvolver e a qualificar as cooperativas filiadas, os avanços e os retrocessos nos finais da década de 60, não por incompetência própria, mas por expressa política governamental hostil a este modelo de organização cooperativa. Porém, como a semente boa quando lançada em solo fértil tende a brotar e a crescer como planta vigorosa, graças à conjunção de forças das 9 cooperativas e à orientação de Mário Kruel Guimarães, as sobreviventes ao tsunami oficial, entre elas a Cooperativa Centenária, ressurgiram como crédito cooperativado em 1980, criando o Sistema Sicredi, hoje tão bem estruturado e já espalhado por 11 Estados do País e com mais de 2,4 milhões de associados.

Na segunda parte, o leitor é convidado a concentrar-se no “conhecendo o presente”, procurando acompanhar a história recente, com o relato da fundação da COCECRER e sua posterior evolução para o sistema Sicredi, e a nova Constituição Federal, que consagra a autonomia do cooperativismo em relação ao governo. Agora as cooperativas querem e desejam o governo como parceiro e não mais como patrão. Ao mesmo tempo, relata-se a extinção do BNCC e as mais recentes inovações realizadas com o nascimento do Banco Cooperativo Sicredi, junto com o Banco Cooperativo do Sistema SICOOP e, por fim, o inovador, mas ao mesmo tempo cauteloso processo da livre admissão de associados.

A terceira parte é referente aos Municípios que constituem a atual área de atuação da Sicredi União RS que, ao longo dos anos, manifestou uma lenta expansão e, em anos recentes, por meio de processos de fusão/incorporação de várias Cooperativas de Crédito da Região da Grande Santa Rosa e das Missões, tornou-se a ^{2ª} maior cooperativa de crédito do Rio Grande do Sul, com um total

acima de 120.000 associados. Do Sistema Sicredi ocupa a * 4ª posição no País e o * 1º lugar em número de associados. Está em * 12º lugar de todo o sistema cooperativo do País. Também esse fato merece ser celebrado durante o centenário da cooperativa matriz. Ao mesmo tempo, conclama os seus dirigentes e associados para dirigirem com mais empenho, cuidado e dedicação gerencial uma entidade que zela pela vida financeira de milhares de pessoas. E que o grande número de associados não afaste efetiva e afetivamente as bases associativas da equipe diretiva, mas, sim, que se consiga manter o mesmo nível de relacionamento, de participação, de transparência, como se cooperativa pequena fosse. Isso é possível, com o que já se faz, que é criar um ou vários núcleos de associados em cada município de sua atuação, com relativa autonomia, com dinâmica própria de organização de reuniões e de outras iniciativas.

A quarta parte trata do relevante tema dos programas sociais, entre eles os programas Pertencer e Crescer e o Popular Programa do “A União Faz a Vida” que a tantas crianças e adolescentes do universo escolar da região introduzem na cultura cooperativa. Nesses três programas, o Sistema Sicredi é pioneiro e inovador, e a Sicredi União RS como filiada ao Sistema insere-se na aceitação e assunção desses programas em suas atividades. Nada mais oportuno do que este estágio em que a cooperativa expandida se encontra para aderir, de forma efetiva e competente, aos programas Pertencer e Crescer. Pertencer, conhecendo cada vez mais e melhor a identidade e a peculiaridade da cooperativa como empreendimento econômico e social, assimilando cada vez mais as razões por que a cooperativa faz o seu diferencial em relação a milhares de empresas, passando a ser uma relevante instância de promoção humana, social e econômica dos seus associados e das próprias comunidades municipais nas quais ela se insere. E ao mesmo tempo Crescer em número e qualidade de comprometimento com a organização.

Na quinta parte, a obra acompanha o aparecimento e crescimento do cooperativismo de crédito na região e no Estado, percorrendo, de modo

particular, a formação das Uniões, da Sureg União RS, e concluindo com uma poesia da veia poética de um de seus conselheiros de administração.

E como nenhuma cooperativa que se preza deseja permanecer estática, cristalizada, na sexta parte se apresenta uma visão prospectiva do papel que a Sicredi União RS pode e deve desempenhar no plano econômico, social e ambiental da região, viabilizando econômica, social e ecologicamente a população local, sobretudo o micro, pequeno e médio produtor. Conclui-se com uma mensagem de esperança e de visão prospectiva da própria diretoria.

Ao concluir, seguramente todos os milhares de associados se perguntam: “Que amanhã queremos? Não queremos olhar apenas para o passado, que tem muito a nos ensinar. Mas queremos o presente com a visão e o direcionamento para o horizonte, que nunca alcançaremos de forma cabal, mas sempre será a nossa utopia. Pleiteia-se que o individualismo precisa ser banido e eliminado do cooperativismo. O diálogo e a transparência são os caminhos. O sonho não é apenas um sonho, pois a cooperativa centenária é uma prova disso. Mas o sonho deve continuar, buscando sempre o amanhã de uma nova realidade. Uma realidade diferente, em que a ajuda mútua e a solidariedade nos direcionem para o verdadeiro cooperativismo. E isso com o desafio de sobreviver e progredir no emaranhado de um mundo globalizado. A participação do associado necessita ser cada vez mais efetiva. Quem é dono da Cooperativa de Crédito não pode ficar alheio, precisa acompanhá-la permanentemente, participando, fiscalizando, animando....

A ideia de um livro que historie a rica trajetória centenária da cooperativa tem a intenção não apenas de evocar a memória dos associados atuais e de longa militância na cooperativa, mas, de maneira especial, está endereçado às novas gerações para que também elas possam empunhar e desfraldar a bandeira de uma iniciativa que tantos benefícios trouxe, traz e poderá trazer às novas gerações da dinâmica região da Sicredi União RS. Que Deus as inspire e motive para tanto!

* Portal do Cooperativismo de 10-9-2013.

PREFÁCIO

Uma História a Ser Preservada

Esta obra, construída a partir do ordenamento de fatos históricos da saga de uma população que fez da parte noroeste do Estado do Rio Grande do Sul sua morada, retrata os pressupostos da ajuda mútua, da solidariedade e da cooperação. Mesmo nos momentos de muita dificuldade, eles suportaram o processo de organização social e de desenvolvimento econômico dos seus artífices.

Reunida em pequenas comunidades, a população imigrante aceitou a orientação da Igreja. Já no início do século XIX, maximizou os minguados recursos da época, orientados pelos valores trazidos do continente europeu, colocando-os a serviço do desenvolvimento e bem-estar coletivo. Com sede no Município de Cerro Largo, a Cooperativa de Crédito, fundada com a orientação do Padre Theodor Amstad, fez prosperar os ideais de solidariedade e cooperação a partir da orientação do Sistema Raiffeisen, conhecido dos imigrantes em seus países de origem.

A concepção econômica e social do modelo se apresentava contemporânea em relação aos pressupostos que o Estado brasileiro legitimou na metade do século passado. O modelo econômico implementado transferiu, ao mesmo tempo, a autonomia e a competência para operar diretamente os principais setores da economia num regime político de exceção. Esse período, ocorrido entre 1964 e 1988, retratado ao longo dessa recuperação histórica, destruiu em parte o processo de organização autônoma da sociedade. Restaram aniquiladas as cooperativas da espécie, substituída por instituições financeiras públicas no objeto, mas dizimadas em seus princípios e valores.

Não obstante, tais valores e princípios seriam retomados diante da incapacidade do modelo institucional vigente, o que ocorreu em 1988. A

promulgação da Carta Magna atual, ocorrida em outubro de 1988, inseriu as Cooperativas de Crédito como instituições integrantes do Sistema Financeiro Nacional.

Esse fato histórico somente se viabilizou porque instituições como a Caixa Rural de Cerro Largo, juntamente com mais oito do gênero, sobreviveu ao período de hegemonia do Estado. Organizadas em uma Central, em 1980, concentraram as atenções das principais lideranças cooperativistas da época durante o congresso constituinte.

Vencida a fase institucional e reconstruídos os marcos regulatórios pela autoridade monetária, ressurgiu no Brasil o cooperativismo de crédito. O instrumento de organização econômica da sociedade recriou a condição das pessoas de participar, coletivamente, da construção de empresas de natureza cooperativa, objetivando assegurar o pressuposto da livre iniciativa, da cooperação, da ajuda mútua e, especialmente, a liberdade de empreender.

Portanto, esta obra registra e pereniza a história de luta de uma sociedade que evoluiu, a despeito de condições desfavoráveis em determinados períodos, materializada numa instituição que completa 100 anos de existência. O legado oportuniza à atual e às próximas gerações a construção de uma sociedade cujos valores estejam alinhados com os pilares da solidariedade e da cooperação.

Ademar Schardong
Presidente-Executivo do Sicredi

PARTE I

CONHECENDO O PASSADO

INTRODUÇÃO

A imensa região, abrangida pela Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi União-RS, em sua origem era composta de matas, mais especificamente de florestas e de campos.

Os primeiros habitantes foram os “índios” que viviam não somente na região da original experiência econômica, política e social dos Sete Povos das Reduções, mas em toda a extensão do rio Uruguai. É nessa área que a obtenção de alimentos era mais abundante. Tudo isso será verificado e comprovado na história dos mais diversos Municípios.

Recordando um pouco dessa história, pode-se remontar a nossa origem, começando por Rio Pardo, depois Cruz Alta. Desta surgiram dois desmembramentos: Santo Ângelo (das Missões) e São Luiz (das Missões)*. Cada um teve imensas extensões. A partir desses, iniciou-se um rápido processo de desmembramentos e, com o avanço da colonização na região, criaram-se, progressivamente, vários Municípios.

* Talvez historicamente não seja correta a terminologia “das Missões”, no entanto esta denominação foi utilizada pelo Pe. Amstad e também pelo Volksverein, por coincidir a localização de Cerro Largo e outros Municípios da região, com o amplo espaço da original experiência das Reduções das Missões Jesuíticas junto aos guaranis a partir de 1610 em diante.

Grandes extensões de campos e terras foram doadas pelo Governo para os chefes que combateram na Guerra do Paraguai, e outras imensas áreas ainda pertenciam à União e não podiam ficar sem ocupação, uma vez que haviam sido demarcadas por divisas internacionais. O Governo propôs um processo de colonização. Fez doações de áreas, recebendo em troca os devidos benefícios, quais sejam: ocupação das áreas, construção de estradas e ferrovias. Também fez doações para empresas particulares, que eram mais eficientes, mas que na prática também desviaram em sua quase totalidade muitos recursos oficiais que lhes haviam sido liberados, ou seja, recebiam recursos do Governo e depois não cumpriam o estabelecido.

Rambo nos diz que um grande empreendimento colonizador da Companhia Estrada de Ferro Noroeste - Northwestbahn - que tinha recebido da União extensas áreas, ofereceu terras cobertas de matas virgens e de grandes extensões no Médio e Alto Uruguai ao Bauernverein. Após estudos e vistorias com o engenheiro-agrimensor Karl Culmey e o Pe. Max von Lassberg, concordaram em efetivar a colonização. A Northwestbahn construía estradas, e o Bauernverein trazia colonos. É importante observar que uma das obras da empresa era de construir uma ferrovia até Porto Xavier, o que efetivamente não se concretizou. No entanto, os resultados desses trabalhos foram: a fundação da Colônia Serro Azul e, um pouco mais tarde, a colonização de Boa Vista - hoje Santo Cristo.

No decorrer da história que conheceremos, verifica-se que as Cooperativas de Crédito experimentaram avanços e retrocessos. Pode-se ainda observar que, em muitos lugares, a “chama” da cooperação existe, mas o individualismo igualmente labuta lado a lado.

Búrigo (2007, p.23) afirma que “a cooperação acompanha o avanço das sociedades. Ela se cria, se consolida e se transforma em novas formas de colaboração – e também de conflitos – na mesma medida em que as relações entre os homens se tornam econômica e socialmente mais complexas”.

BAUERNVEREIN E VOLKSVEREIN

É importante fazer um pequeno introito das razões do texto sobre o Bauernverein e Volksverein. Essas associações tiveram papel fundamental a partir dos primeiros anos do século XX nas colonizações e mais ainda na fundação das Caixas Rurais, como veremos a seguir.

Existem diversos trabalhos, publicações, dissertações, entre outros, que detalham os mais diversos aspectos das associações. A apresentação se resume no sentido de o eleitor ter o entendimento do desenvolvimento dos processos, iniciando com o Bauernverein.

O Pe. Amstad, alguns católicos e pastores evangélicos propuseram a fundação de uma Associação de Agricultores, um Bauernverein, durante o Terceiro Congresso (ou Terceira Semana Rural) dos Agricultores Gaúchos em 1900, o que foi aprovado pelos congressistas, sendo a maioria deles composta de lideranças rurais das regiões de colonização.

Conforme previam os estatutos provisórios, o Bauernverein, apoiado pelas lideranças católicas e evangélicas de então, tinha como finalidade “colocar a Colônia alemã em condições de prover, na medida do possível, a si mesma das verdadeiras necessidades relativas a gêneros alimentícios, vestuário, instrumentos de trabalho, instalação das moradias, ao mesmo tempo, incentivar as atividades e a infraestrutura de utilidade comunitária”, diz Rambo (2011, p.87).

Rambo (2011, p.108-109) apresenta com detalhes o processo dizendo:

“após o debate sobre a disciplina, foi abordado pelo Pe. Amstad um dos temas mais importantes: “A vida associativa a serviço da agricultura”. Conforme o palestrante, distinguam-se dois tipos de atividades na Associação Rio-grandense de Agricultores (Bauernverein): as atividades associativas específicas, nas quais os associados se engajam como indivíduos, e a participação na fundação de cooperativas rurais destinadas aos mais diversos fins, entre as quais distinguem-se três tipos: as cooperativas de produção e de transformação; as cooperativas de compra e venda; as cooperativas de poupança e empréstimo do tipo Raiffeisen”.

Ao término das atividades, a assembleia emitiu diversas resoluções, destacando a seguinte: “já que a Assembleia Geral vê nas cooperativas rurais um dos instrumentos mais poderosos para promover o auxílio mútuo, estimula os associados da Associação dos Agricultores a fundá-las em número cada vez maior. Atenção toda especial deve ser dada às cooperativas de crédito do tipo “Raiffeisen”, diz Rambo (2011, p.110).

A Associação Rio-grandense de Agricultores foi concebida e posta em prática como ecumênica, como interétnica e intercultural, afirma Rambo (2011, p.158). E diz ainda: “que a palavra perpassava como força motriz todas as atividades, todos os empreendimentos e todos os projetos da Associação Rio-grandense de Agricultores que estava expressa em seu lema: “viribus unitis” – “somando esforços”. Que o indivíduo isolado nada pode, nada consegue, enfim, nada é. Qualquer iniciativa humana exitosa pressupõe a concepção e a execução de esforços unidos de mais pessoas. A vara isolada, parte-se sem problemas. O feixe como um todo não se quebra”.

O Pe. Amstad (1928, p.31) fundamentou os projetos na forma da ajuda mútua e coletiva. Isso fez surgir novos empreendimentos. Entre os quais se destacam as cooperativas de produção, cooperativas de consumo ou mistas e as cooperativas de poupança e de empréstimo. Todas essas foram fundadas

na Colônia Serro Azul e tinham por locais a Cooperativa Boa Esperança, fundada em 1918, por 42 associados, a Cooperativa São Salvador, fundada em 1º de julho de 1926, por 54 associados, e a Cooperativa da Linha Santo Antônio, fundada em 28 de novembro de 1926, por 50 associados e a de poupança (econômica) e de empréstimo de Serro Azul, no ano de 1913. Todos esses empreendimentos trouxeram um progresso rápido para as localidades e fizeram a economia evoluir, gerar e circular recursos financeiros, normalmente muito escassos nos primeiros anos de uma colonização.

Reforçando o que acima está dito, informa-se que na Assembleia dos Delegados do Bauernverein ocorrida em 1905, em Porto Alegre, foram emitidas 14 resoluções, conforme Rambo (2011, p. 114), ressaltando a seguinte: “Primeira - que as sociedades de poupança e empréstimo sejam consideradas cooperativas sob a jurisdição geral da Associação Rio-grandense de Agricultores. Por isso é preciso tomar em consideração: primeiro, que todos os sócios fundadores dessas cooperativas devem ser sócios da Associação Rio-grandense de Agricultores; segundo, até outra decisão, somente os associados poderão fazer depósitos e retirar empréstimos; terceiro, que a supervisão das caixas de poupança cabe à Associação dos Agricultores, portanto, é da sua competência a realização de uma inspeção anual nessas caixas; quarto, que seja formada uma comissão permanente composta pelos presidentes das associações de poupança e do presidente em exercício da Associação dos Agricultores, com a finalidade de elaborar estatutos comuns e assegurar um gerenciamento uniforme.”

Como ocorreu com a Associação Rio-grandense de Agricultores - Bauernverein -, a Sociedade União Popular – Volksverein – foi fundada no nono Congresso dos Católicos, em fevereiro de 1912. A finalidade da Sociedade era de promover o bem-estar tanto material como espiritual dos católicos de descendência alemã no Rio Grande do Sul. O projeto, ao contrário do

Bauernverein, foi eminentemente confessional e étnico. Destinava-se única e exclusivamente aos católicos teutos. A criação do Volksverein deveu-se à divergência que ocorreu quando o Bauernverein transformou-se em um sindicato.

Fundada a Sociedade União Popular – Volksverein – um dos aspectos que chamou a atenção dos dirigentes foi o pouco interesse pela cultura, o que se refletia seriamente sobre duas áreas importantes: economia e associativismo. A partir disso, surgem as escolas paroquiais, que não serão tema de concentração do presente estudo. No entanto, elas foram essenciais no preparo das pessoas para a ocupação de futuras atribuições, tanto nas sociedades como das Caixas Rurais.

Assim como os católicos, os protestantes também fundaram, na época, a sua Liga das Uniões Coloniais, ou simplesmente: Liga União Colonial, que tinha conotações mais sindicalistas e reivindicativas.

Muitos foram os frutos conferidos ao Volksverein. O objetivo deste trabalho é fazer um registro parcial do que interessa, hoje, à grande região da Cooperativa, uma vez que a Caixa Rural é o resultado do Bauernverein e do Volksverein.

DENOMINAÇÕES E AS RESPECTIVAS ALTERAÇÕES NO DECORRER DA HISTÓRIA

Deve-se lembrar que não havia a necessidade de fazer um registro específico. Somente mais tarde as Caixas Rurais deviam se registrar no Ministério da Agricultura. A presente história se escreve com as seguintes iniciativas e denominações:

- 1º - Spar und Darlehenskasse – Caixa Econômica e de Empréstimos de Serro Azul, em 1913;
- 2º - Caixa Econômica Volksverein de Serro Azul, em 1917;
- 3º - Caixa Rural de Empréstimos Volksverein de Serro Azul, em 1922;
- 4º - Caixa Rural União Popular de Serro Azul – Volksverein Sparkasse^(*) de Serro Azul, em 1923;



- 5º - Caixa Rural União Popular de Serro Azul em 1923 e 1926. Surge a famosa identificação nas portas: CRUP, conforme vemos nas fotos. Salienta-se que ao menos a porta principal das Caixas Rurais tinha a identificação “CRUP”.



^(*) Como exemplo da especificidade do termo Sparkasse, veja-se o que segue: “A 1ª Caderneta de Poupança – Era costume por parte dos pais e também dos padrinhos proporcionar (abrir) a 1ª poupança aos filhos e/ou afilhados quando estes concluíam o ensino primário. Normalmente com o término destes estudos as crianças católicas faziam a 1ª Comunhão. Na Colônia Serro Azul e, provavelmente em outras localidades, era costume abrir a 1ª poupança na Caixa Rural União Popular – Sparkasse.”

6º - Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo, em 1956;

7º - Cooperativa de Crédito Caixa Raiffeisen de Cerro Largo, em 1966. **Surge o primeiro regimento interno, o qual até aquele momento era desconhecido da maioria;**

8º - Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Limitada, em 1969;

9º - Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Limitada – COOPERAL, em 1975;

10º - Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Ltda – Sicredi Cerro Largo, em 1995;

11º - Cooperativa de Crédito Rural Cerro Largo – Sicredi Cerro Largo, em 2001, com nova mudança de estatutos;

12º - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi Serro Azul RS, em 2003;

13º - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi União RS, em 2010.

Nesse ano, várias Cooperativas de Crédito passam a integrar a Sicredi União RS.

Conclui-se que as mudanças de denominação, em sua grande maioria, devem-se às alterações estatutárias ocorridas nesses períodos, bem como às influências da Sociedade União Popular - Volksverein - como se observa inicialmente.

SPAR UND DARLEHENSKASSE

Assim se expressa Rambo (2011, p.363): “as instituições de poupança e empréstimo, as caixas econômicas ou outras denominações dadas a elas, estruturadas conforme o sistema Raiffeisen, tornaram-se amplamente conhecidas como Caixas Rurais”.

Torna-se necessário situar o leitor em que contexto surgiu a Caixa Rural. Muitos anos antes de efetivar a fundação de qualquer tipo de cooperativa, o Pe. Amstad fazia as suas incursões apostólicas, visitando as Colônias. Nesses dias, após as missas, ocorriam as reuniões, nas quais incentivava os colonos a criarem cooperativas como a melhor alternativa para o desenvolvimento da colônia.

Há registro de que o Pe. Amstad (2002, p. 179) esteve em Serro Azul já nos anos de 1905 e 1906. Lembra-se que ele era irmão de congregação do Pe. Max Von Lassberg, fundador da Colônia Serro Azul, em 1902.

Novamente, em junho de 1912, esteve na Colônia Serro Azul, agora visitando novas comunidades, criando comissões e escolhendo lideranças para não deixar esmorecer a ideia de fundar uma Caixa. Diz o Protocolo nº 02 “que em 21 de julho de 1912, reuniu-se, na Colônia Serro Azul, uma comissão sob a coordenação do Pe. Amstad, composta dos seguintes membros: Karl Dahmer, Anton Wenzel, Adam Klein e Nicolau Ames. Dessa comissão, formou-se a primeira Diretoria provisória, assim constituída: 1º Presidente: Karl Dahmer; 2º Presidente: Anton Wenzel; 1º Tesoureiro: Mathias München; 2º. Tesoureiro: Adam Klein; 1º Secretário: Nicolau Ames, e 2º Secretário: João Ely”.

As reuniões se realizavam sob o guarda-chuva da Sociedade União

Popular recém-fundada, sendo o secretário geral o Pe. Amstad. No dia 9 de março de 1913, realizou-se mais uma concorrida reunião com a presença do Pe. Amstad, que novamente incentivou os colonos para que fosse fundada na Colônia Serro Azul uma Caixa Rural e que isso era de premente necessidade. E, ao final de sua fala, disse que os bancos também instalavam filiais nas pequenas localidades, arrecadando, assim, todo o capital disponível.

A seguir, o Pe. Amstad solicitou que o professor Huewel, como profundo conhecedor do sistema das Caixas Rurais, na Alemanha, se manifestasse. O professor Huewel disse que: “as Caixas Rurais salvaram a população rural das mãos dos usurários e que as mesmas floresciam e se desenvolviam”. E, por fim, o Pe. Amstad agradeceu por ter saído a reunião, uma vez que tinha chovido torrencialmente e assim teria perdido, na prática, a viagem. Enquanto não era fundada a Spar und Darlehenskasse, do Sistema Raiffeisen, foi iniciada na Escola uma (Jugend und Kinder Sparkasse) Caixa de Poupança para os jovens e as crianças, as quais tinham um depósito de poupança nas mesmas; em 1922, a quantia era de 13:744\$200 (treze contos, setecentos e quarenta e quatro mil e duzentos réis), e, em 1927, a cifra de 22:290\$990 (vinte e dois contos, duzentos e noventa mil e novecentos e noventa réis), verificando-se então um crescimento de 61,65% em cinco anos.

Por determinação do Pe. Amstad, o Presidente da Diretoria Provisória, senhor Karl Dahmer, convocou, para o dia 15 de abril de 1913, mais uma reunião para tratar sobre a fundação da Caixa Rural. No final da reunião, foi angariado dinheiro para servir de fundamento à criação da Caixa e esta deveria se constituir definitivamente um pouco mais tarde, o que efetivamente ocorreu na reunião (Assembleia) do dia 6 de julho de 1913, conforme o Pe. Amstad. No primeiro momento, foi feita a leitura dos estatutos. A seguir, assinaram 32 associados como fundadores da SPAR UND DARLEHENSKASSE, contribuindo cada um com 50\$000 (cinquenta mil réis). Em ato contínuo, foi eleita a primeira

Diretoria, assim constituída: Presidente Antonio Theodoro Cardoso; Vice-Presidente Anton Wenzel. Para Tesoureiro, foi eleito Antonio Thomas, e como Secretário Helmuth Smidt. Para constituir o Conselho Fiscal, foram eleitos Julio Schwengber, José Gallas e Nicolau Ames.

Pinho (2004, p.15-16) apresenta as características das Cooperativas Raiffeisen, conforme o Decreto nº 22.239, no artigo 30, § 3º, quais sejam: “ausência de capital social e indivisibilidade, entre os associados, de quaisquer lucros; responsabilidade pelos compromissos da sociedade, pessoal, solidária e ilimitada, de todos os associados; atribuição da assembleia geral para controlar essa responsabilidade, fixando, anualmente, pelo menos, a quantia máxima dos compromissos da sociedade, o valor máximo de cada empréstimo e o total dos empréstimos; área de operações reduzida a uma pequena circunscrição rural, de preferência o distrito municipal, mas que não poderia, em caso algum, exceder o território de um município; empréstimos concedidos exclusivamente aos associados, lavradores ou criadores, que fossem solváveis, dignos de crédito e domiciliados na circunscrição onde a caixa tivesse sua área de ação ou aí possuíssem uma propriedade agrícola - destinados a serem aplicados, em sua atividade agrária - e para certo e determinado fim, declarante e julgado útil e reprodutivo pelo conselho de administração, sendo absolutamente proibidos os empréstimos de mero consumo”.

Dentro das comemorações do 1º Centenário da fundação da Spar und Darlehenskasse de Serro Azul ou qualquer outro nome, como Caixa Econômica Rural de Empréstimos de Serro Azul, relacionam-se pela primeira vez os nomes dos 32 fundadores. Os registros falam que foram 44 os que subscreveram a lista, sendo os outros 12 como simples associados, os quais contribuíram com 5\$000 (cinco mil réis).

Estes são os fundadores da SPAR UND DARLEHENSKASSE - 6.7.1913:

| | |
|------------------------------|---------------------------|
| Adão Acker | João Baptista Junges |
| Antonio Sturm | João Gibbert |
| Antonio Theodoro Cardoso | João Kunkel |
| Antonio Thomas | João Pedro Konzen |
| Antonio Wenzel | José Francisco Hansel |
| Augusto Kliemann Sobrinho II | José Gallas |
| Bernardo Hölzler | José Graef Filho |
| Bernardo Lunkes | José Kliemann |
| Carlos Dahmer | Júlio Schwengber Sobrinho |
| Estevão Kolling | Lídio Silva |
| Fernando Schmitz | Martin Halmenschlager |
| Hellmuth J. Smidt | Mathias München |
| Jacob Finkler | Nicolau Ames |
| Jacob Gallas | Pedro Mallmann Filho |
| Jacob Kroetz Sobrinho | Pedro Tenroller |
| João Adams | Theodoro Stölben |

Sabe-se que todo início é sempre meio tímido e apresenta angústias, tais como as que seguem: índice populacional reduzido, pouca infraestrutura, longas distâncias a serem percorridas para os centros maiores, poucos recursos financeiros. Diante das dificuldades acima mencionadas, surge ainda a 1ª Guerra Mundial. Essa realidade obscura para quem estava iniciando um processo de ajuda mútua e em busca de um desenvolvimento mais acelerado foi algo inesperado e trouxe muitas preocupações.

Como a colonização efetivamente era composta de pessoas de origem alemã, iniciaram-se os problemas e, em consequência, as perseguições. Ocorriam constantes ameaças às casas comerciais, bem como à própria Caixa Rural. Devemos lembrar que as Caixas Rurais normalmente funcionavam em

casas particulares, ou do gerente, ou do tesoureiro, ou do presidente. Diante dessa realidade adversa, a Diretoria, por precaução, recolheu o dinheiro, os documentos e os livros de escrita em casas particulares, tentando desviar o foco de onde se encontravam os recursos financeiros, e as informações eram muito sigilosas. A Caixa Rural não poderia fechar as portas. A Diretoria convocou uma Assembleia Geral Extraordinária que será o tema a seguir desenvolvido.

SÃO SALVADOR

Já ao final da 1ª Guerra Mundial, em janeiro de 1918, foi convocada uma Assembleia Geral Extraordinária, em que foi proposta a transferência para o interior, ou seja, para São Salvador, hoje Salvador das Missões, distante 12 quilômetros da sede Serro Azul. Na mesma assembleia foi escolhida a nova Diretoria, assim formada: Presidente, Pedro Tenroller; Secretário, professor Jacob Kroetz Sobrinho; e como gerente, José Aloysio Franzen. Em um novo lugar, mais distante das ameaças, com nova Diretoria, a Caixa Rural tinha condições de crescer, de cumprir o seu objetivo, isto é, receber depósitos e fazer empréstimos.

Nos poucos anos de existência, a Caixa Rural já havia conseguido bons recursos, tal era a confiança nela. Há registros de que a Caixa Rural, para iniciar as suas atividades, ou melhor, continuar em São Salvador, tinha no “cofre” um valor de 203.114\$500 (duzentos e três contos, cento e catorze mil e quinhentos

réis), o que na prática era um bom dinheiro para a época, recursos esses transferidos da sede. Com essa quantia de dinheiro e uma Diretoria eficiente, a Caixa continuou o seu crescimento e atendendo aos objetivos da sua fundação.

Encerrado o mandato do senhor Pedro Tenroller, foi eleita uma nova Diretoria dos seguintes associados: Pedro Feyh, José Aloysio Franzen e Jacob Kroetz Sobrinho, os quais, logo após, entre si, designaram os cargos da seguinte forma: Pedro Feyh – Presidente; José Aloysio Franzen – Gerente; e Jacob Kroetz Sobrinho, Secretário. Essa Assembleia Extraordinária ocorreu no dia 20 de fevereiro de 1923, quando foram modificados os Estatutos e escolhida a Diretoria acima citada.

Aqui está ocorrendo uma mudança histórica, desconhecida da maioria dos associados. No período que a Caixa Rural esteve em São Salvador, havia o registro de apenas um presidente, ocupando o cargo por oito anos, o que não é verdadeiro.

No registro da Assembleia Geral Extraordinária de 1923, consta que assumiu os trabalhos da reunião o atual Presidente Pedro Feyh, isso subentende, em princípio, que o Pedro Tenroller cumpriu o mandato de três anos, conforme o Estatuto. Com a reforma dos Estatutos, Pedro Feyh foi reeleito conforme a Ata da Assembleia Geral Extraordinária, permanecendo até o retorno à sede, em 1926.

Interessante fazer um parêntese para inserir esse pequeno histórico para conhecimento dos associados. Um Congresso ocorreria no início do ano de 1924 para o qual as Caixas Rurais deveriam enviar o Balanço a ser apresentado. No entanto, poucas o fizeram, mas a de Serro Azul o fez. A seguir, registra-se o Balanço referente ao ano de 1923, o qual foi apresentado na Assembleia do 1º Congresso de Crédito Popular e Agrícola realizado na cidade do Rio de Janeiro (então Distrito Federal), em março de 1924, pelo

senhor **Pedro José Koelzer**, que assim se expressou: “Como representante das Caixas Rurais do Rio Grande do Sul, saúdo-vos pela realização deste Congresso, obra de verdadeiro conagraçamento dos colaboradores da grande organização de Raiffeisen no Brasil”. E continua afirmando que **“somos nessa cruzada santa e patriótica os anjos tutelares do pequeno lavrador e profissional de indústrias conexas com a agricultura, porque fornecemos a eles os capitais necessários ao desenvolvimento de seu trabalho, combatendo a usura dos estabelecimentos bancários, que eu compararei às bombas de sucção, a receberem, mediante um juro módico, as economias do agricultor, para emprestá-las aos grandes comerciantes e fazendeiros a juro elevado, e que tudo necessariamente encarece ainda mais a vida em geral”**.

Esta foi a apresentação: Caixa de Serro Azul – ATIVO: 917:843\$720 (novecentos e dezessete contos, oitocentos e quarenta e três mil e setecentos e vinte réis); PASSIVO: Depósitos 882:148\$300 (oitocentos e oitenta e dois contos, cento e quarenta e oito mil e trezentos réis); Fundo de reserva: 25:158\$270 (vinte e cinco contos, cento e cinquenta e oito mil e duzentos e setenta réis); Lucro líquido, em 1923, que passa para o Fundo de Reserva, 7:087\$150 (sete contos, oitenta e sete mil e cento e cinquenta réis). Distribuição das sobras de 1923 foram para um instituto de órfãos e velhos de São Sebastião do Cahy, ao Seminário Episcopal, a escolas paroquiais e às crianças pobres da Alemanha* no valor de 3:450\$000 (três contos e quatrocentos e cinquenta mil réis).

*Este foi um raro exemplo de distribuição de sobras, no contexto internacional, e talvez único de todas as Caixas Rurais do Rio Grande do Sul.

O Estatuto da época fala em “lucro” e não em sobras. E os 20% eram distribuídos normalmente para fins beneficentes e outras necessidades.

FUNDAÇÃO DA CENTRAL DAS CAIXAS RURAIS

A Fundação da Central das Caixas Rurais União Popular do Rio Grande do Sul era uma necessidade para superar as deficiências estruturais da época: cooperar para vencer as dificuldades.

Historicamente, o Volksverein realizava reuniões periódicas com as Diretorias das Caixas Rurais, auxiliando-as em suas dificuldades e incentivando-as a continuarem a trajetória. Sentindo a necessidade de um trabalho mais integrado e uniforme, **o senhor Anton Wenzel**, por incumbência, convidou os delegados do Volksverein para fundarem a Central, juntamente com os representantes das Caixas Rurais. A reunião realizou-se

nos dias 6 e 7 de setembro de 1925, na cidade de Santa Maria.

A seguir, registramos os convites, o primeiro para a reunião, e o segundo para indicar os dias da reunião.



Eis a seguir a tradução dos textos da página anterior:

1 - COOPERATIVAS POPULARES DE CAIXAS ECONÔMICAS

Na Assembléia de Delegados representantes da Cooperativa Popular em Santa Cruz, em 26 de abril deste ano, foi sugerido promover uma Assembleia de Delegados Representantes de todas as Caixas Econômicas das Cooperativas Populares em setembro deste ano em Santa Maria para fundar uma Central que deve servir para intermediação de dinheiro, para a assessoria e para esclarecimentos (consultoria).

O subscritor pede às honradas Presidências das Cooperativas Econômicas de lhe enviar, o quanto antes possível e por escrito, suas solicitações e propostas, para que possa fixar a ordem do dia e providenciar o material para a Assembleia.

A pedido de: Anton Wenzel, Serro Azul, Santo Ângelo das Missões. Neste Estado.

O segundo convite diz:

2 - COOPERATIVAS POPULARES DE CAIXAS ECONÔMICAS.

Em 6 e 7 de setembro deste ano terá lugar em Santa Maria a já anunciada Assembléia Geral das Caixas Econômicas, para a qual todas as Presidências das Cooperativas Populares de Caixas Econômicas estão sendo mais uma vez convidados através desta (correspondência).

A.P.: Anton Wenzel

Participaram do Congresso os seguintes representantes das Caixas Rurais: Arroio do Meio; Boa Vista (Santo Cristo); Bom Princípio; Colônia Selbach; General Osório; Lajeado; Novo Hamburgo; Porto Alegre; Roca Salles; Rolante; São José do Maratá; Santo Ângelo; Santa Cruz; Santa Maria; Serro Azul; Taquara; Teewald e Venâncio Aires, **ao total 18 caixas**. A coordenação do Congresso coube ao senhor Anton Wenzel, de Serro Azul, e como Secretário, Hugo Kroeff, de Taquara, e como auxiliares Harry Roehe, de Porto Alegre, e Hugo Metzler, de Bom Princípio.

Aprovada a fundação da Central, os representantes votaram pelo local de funcionamento, sendo 14 (catorze) votos para Porto Alegre, 3 (três) para Santa Maria e 1 (um) para Novo Hamburgo. A Central era uma Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada. E foi assim a primeira Cooperativa Central fundada no País, unicamente de Crédito.

A 1ª Diretoria ficou assim constituída:

Diretor: August Flach;

Vices: Harry Roehe e Oscar Wagner;

Contador: Gastão Englert;

Substituto: Willy Kircher;

Secretário: Albin Wolkmer;

Substituto: José Both.

Para conselheiros titulares: Peter Adams, de Novo Hamburgo; Albin Lehnen, de Taquara, e Joh. Wilh. Werlang, de Santa Cruz. E para suplentes: Wilhelm Arenhard; José Franzen e Waldemar Mösch. Como fiscais foram eleitos Peter Adams, pela Colônia Velha; João Wilh. Werlang, por Taquara e arredores, e Anton Wenzel, pela Colônia Nova.

A elaboração dos Estatutos ficou ao encargo do Pe. João Rick. E saliente-se que nem todos os representantes das Caixas Rurais presentes no Congresso se filiaram à Central naquele momento. Observa-se, ainda, que

participaram as Caixas do Sistema Luzzatti, mas nenhuma integrou a Diretoria eleita para a Central.

Com a fundação da Central das Caixas Rurais ocorreu uma grande expansão das Cooperativas de Crédito, a qual tinha como missão, segundo Pagnussat (2004, p.22-23), “de prestar os serviços de inspeção e orientação jurídico-normativa, além de administrar de forma conjunta os recursos disponíveis das cooperativas filiadas”.

É oportuno fazer o registro que numa época de políticas oficiais contrárias ao crédito cooperativado, a Central foi transformada em Singular, fato aprovado em assembleia no dia 19 de agosto de 1967 por exigência do Banco Central, com o nome: Cooperativa de Crédito Sul Rio-grandense Ltda.

Apesar da desconfiança por parte de algumas Caixas Rurais no trabalho da Central, gradativamente os obstáculos foram caindo, e a cada ano mais filiações ocorriam. Conforme registros existentes, apresentam-se a seguir as evoluções e filiações de Caixas Rurais associadas à Central. Os registros são da revista Skt. Paulusblatt, referente aos anos de 1927, 1928 e 1934.

Em 1927, eram 19 Caixas Rurais associadas à Central: Agudo, Alto da Feliz, Arroio do Meio, Boa Vista (Santo Christo), Colônia Selbach, Harmonia, Novo Hamburgo, Picada Café, Poço das Antas, Porto Alegre, Rocca Salles, Rolante, Santa Cruz, Santa Maria, Santo Ângelo das Missões, São José do Herval, Serro Cadeado, Serro Azul e Taquara.

No fim do ano de 1928, o número de filiações passou para 23, quais sejam: Agudo, Alto da Feliz, Arroio do Meio, Boa Vista (Santo Christo), Bom Princípio, Colônia Selbach, Estrela, Harmonia, Novo Hamburgo, Picada Café, Poço das Antas, Porto Alegre, Roca Sales, Rolante, Santa Cruz, Santa Maria, Santo Ângelo das Missões, São José do Herval, Serro Cadeado, Serro Azul, Sobradinho, Taquara e Três Arroios.

Em 1934, o número de associadas à Central passou para 36, sendo: Agudo, Alto da Feliz, Arroio do Meio, Arroio Grande, Bella Vista (Santa Catharina), Boa Vista (Santo Christo), Bom Princípio, Colônia Selbach, Dois Irmãos, Erechim, Estrella, General Osório, Harmonia, Itá (Santa Catharina), Lomba Grande, Montenegro, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Parecy Novo, Picada Café, Poço das Antas, Porto Alegre, Rocca Salles, Rolante, Santa Clara, Santa Cruz, Santa Maria, Santo Ângelo das Missões, São José do Herval, Serro Cadeado, Serro Azul, Sobradinho, Tamandaré, Taquara, Thesoura e Três Arroios.

Vide anexos os originais em alemão.



Antes de concluir, insere-se apenas um exemplar, cautela nº 46, referente à aquisição de 1.000 quotas-partes da Central por parte da Caixa Rural União Popular Serro Azul.

Para melhor entendimento da experiência cooperativa em suas origens, vejamos o caso exemplar de um dos líderes regionais ativamente presente na fundação e consolidação da Caixa Rural:

A História da Caixa Rural de Serro Azul é a história do senhor Anton Wenzel. Pena que os dados encontrados são muito restritos, mas já foram fundamentais. **O senhor Anton Wenzel foi um grande amigo e inseparável companheiro do Pe. Amstad, essencialmente em suas viagens pela região.** Exerceu, da mesma forma, uma grande liderança na região e também no Rio Grande do Sul no **Volksverein**.

Fez parte da Diretoria provisória da Caixa Rural e também da primeira Diretoria como vice-presidente. **Em 1912, participou da fundação do Volksverein, tendo sido eleito para conselheiro fiscal.** Ocupou diversos cargos na Associação União Popular.

Em 1925, coordenou o Congresso, em Santa Maria, para a fundação da Central das Caixas Rurais do Estado do Rio Grande do Sul, sendo eleito novamente como **conselheiro fiscal da Central**.

Pessoas como Antônio Wenzel merecem o reconhecimento de todos, por tudo o que fez em prol do cooperativismo da nossa região, bem como pelo Rio Grande do Sul. Com dificuldades imensas, nunca desistiu de avançar em favor das necessidades dos outros. Citam-se estas: os seus deslocamentos para outras cidades, para a Capital e inclusive para outros Estados.

Antônio Wenzel foi um assíduo participante da Caixa Rural União Popular de Serro Azul, seja como **conselheiro fiscal** por diversas vezes, seja como associado e, por um período, como **presidente honorífico do conselho fiscal**, quando apresentou a sua renúncia, em 1935, após um desentendimento com o presidente da época.

E assim Antônio Wenzel continuou exercendo uma forte liderança cooperativista enquanto Deus lhe proporcionou forças. Por isso, a gratidão permanente desta grande região - Sicredi União RS.

RETORNO À SEDE

Aos poucos, a Sede Serro Azul começou a sentir a falta da Caixa Rural, uma vez que havia muita perda de tempo para o deslocamento até São Salvador. Já era unanimidade entre os associados que a interiorização apresentava dificuldades e desvantagens, principalmente ao centro comercial, e que a mesma deveria retornar à sede.

Foi convocada uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 30 de agosto de 1926 a fim de referendar o retorno, o que foi aprovado por unanimidade. Nessa Assembleia foi eleita uma nova Diretoria, que ficou assim constituída: Presidente: Dr. Guilherme Egídio Flach; Gerente: Miguel Dewes Filho; e Secretário: Daniel Schneider. Para o Conselho Fiscal foram eleitos: Nicolau Nedel Filho, Jacob Finkler e Antônio Wenzel.

A Caixa Rural União Popular de Serro Azul foi instalada na casa do gerente. Agora em melhores condições, a tendência era de prosperar, o que efetivamente ocorreu, propiciar um melhor atendimento aos associados e atender à sua finalidade de existência.



FISCALIZAÇÕES PELA CENTRAL DAS CAIXAS RURAIS

O provável sucesso da Caixa Rural União Popular de Serro Azul, desde a sua fundação, deve-se ao cumprimento e execução da contabilidade, ou seja, o cumprimento da legislação e das orientações recebidas. O Pe. Amstad encaminhava orientações à Diretoria e, quando em visita, ele mesmo ajudava a resolver as dificuldades. Imaginam-se os percalços existentes para encontrar pessoas habilitadas no início da década para efetivar uma escrita correta. **Tudo era feito manualmente e calculado no papel.** Eram pouquíssimas as Caixas que tinham uma calculadora ou mesmo uma máquina de escrever até os anos de 1920.

Entre os primeiros registros de fiscalização encontra-se o de 1929, do senhor José Endler Filho, fiscal da Central, que introduziu a escrita em Português, uma vez que os mesmos eram feitos em Língua Alemã. Este foi o registro do fiscal: “manifesto louvores à Administração e ao seu Conselho Fiscal pela boa ordem encontrada e a franca prosperidade da mesma, devendo-se tudo ao zelo e aos esforços nunca poupados pelos seus dirigentes”.

Outra visita de fiscalização foi efetivada por Albino Both, entre novembro e dezembro de 1933, tecendo os mesmos elogios, pela organização e dedicação dos dirigentes da Caixa Rural União Popular de Serro Azul.

Victor Affonso Hafner – fiscal das Caixas Federadas do Estado do Rio Grande do Sul – realizou uma visita em 26 de julho de 1938 e, durante uma

reunião, assim se manifestou à Diretoria: “Meus Senhores! Sinto-me feliz em saudar-vos em nome da Central das Caixas Rurais do Estado do Rio Grande do Sul. Felicito-vos pelo trabalho esforçado que prestastes à cruzada Raiffeiseana. Em seguida relatarei sobre o resultado da revisão que acabo de fazer. Acompanhado pelos dados apurados nestes dias de fiscalização, demonstro verbalmente o que, no meu relatório, deixado no arquivo desta Caixa, está claramente explicado. Prova este documento arquivado que a Caixa Rural União Popular de Serro Azul é a maior das Caixas Federadas em movimento, e que do Hinterland (interior) gaúcho não saiu o espírito de economia, o sentimento de dignidade e de honradez e as mais belas qualidades supraconhecidas e irmanadas no povo teuto-brasileiro. Termino este meu Parecer no livro de Atas, fazendo votos pela felicidade da digna diretoria da Caixa Rural União Popular de Serro Azul, que há muitos anos dirige essa entidade em prol do bem dos agricultores e pela prosperidade da nossa pátria: o Brasil”. **E para constar, eu, Victor Affonso Hafner, fiscal geral das Caixas Federadas, assino com todos os presentes.** E por nada mais haver de se tratar, o presidente encerrou a presente sessão. Depois de lido e achado conforme, foi assinada esta ata por todos os presentes. Seguem as assinaturas: Victor Affonso Hafner- Fiscal; Miguel Dewes Filho - Gerente; Rudi Schäfer - Secretário; José Reinaldo Colling - Presidente; e os conselheiros fiscais: João Jeronymo Bracht; Henrique João Kotz e Edmundo München.

Exatamente um ano após a fiscalização acima, em 1939, no mesmo dia e mês, Victor Affonso Hafner retornou para dois dias de verificação e acompanhamento das atividades efetivadas na Caixa Rural. Reuniu-se a Diretoria e mais o órgão colateral, o Conselho Fiscal, convocado extraordinariamente para acompanhar as colocações de Victor Affonso Hafner. Diz o relatório que, pelas treze horas, o presidente declarou aberta a sessão, dando a palavra ao fiscal da nossa Federação. Esse, por sua vez, expôs o seu relatório, em títulos separados, como segue:

“Reunião da Diretoria: constatei que esta se reúne duas vezes por mês, discutindo sobre os pedidos de empréstimos. Assisti uma reunião e vi que os meus companheiros da cruzada Raiffeisiana, de fato, agem como cooperativistas. Na minha presença foram discutidos 19 pedidos de empréstimo e, no dia 15 do mesmo mês, houve 29 solicitações, totalizando 48 pedidos num mês, sem considerar os não protocolados. Citarei apenas os demais setores em que o fiscal desenvolveu as atividades: Caixa; Depósitos em Bancos; Móveis e utensílios; Imóveis; Títulos de renda; Bens de raiz; Diversas contas e observações. Conclusão: **por tudo quanto vi e observei na maior Caixa das nossas Confederadas**, posso dizer que esta preenche plenamente o seu fim. Os empréstimos são concedidos a sócios e somente a eles conforme a Lei e os Estatutos. A Escrituração está sendo feita por Rudi Schäfer, competente cooperativista, bastante relacionado na zona colonial deste Estado. Os livros de atas e de matrícula estão em dia e bem organizados. O livro Razão representa os valores extraídos do Diário e os Balancetes, por sua vez, representam os valores extraídos do Razão.”

“A diretoria composta dos Senhores José Reinaldo Colling, Miguel Dewes e Rudi Schäfer, presidente, gerente e secretário respectivamente, homens competentes e de reconhecida prática, estão se esforçando pelo bom desenvolvimento de sua Caixa Rural, a bem de seus sócios, e pela grandeza do Brasil. O digníssimo Conselho Fiscal trabalhou perante a minha presença, mostrando assim que conhece na realidade o seu dever e o sabe cumprir. Felicito os coirmãos cooperativistas fazendo votos pela felicidade dos mesmos. **Eu, Victor Affonso Hafner, escrevi esta ata e a reconheço como meu relatório.**”

DESTINAÇÃO DAS SOBRAS

Recuperar um pouco dessa história da Caixa Rural União Popular de Serro Azul **referente à destinação das sobras é muito interessante**, essencialmente pelos benefícios proporcionados. As sobras produzidas pelos associados retornavam às comunidades onde eram aplicadas. Ilustram-se a seguir alguns exemplos: nas sobras distribuídas no ano de 1927, o que é referente ao ano de 1926, está assim especificado: **encontravam-se, em construção as capelas de São Paulo (das Missões), de Butiá Superior e de São Francisco**, sendo cada uma beneficiada com a quantia de 300\$000 (trezentos mil réis). Ocorreu ainda uma destinação de 200\$000 (duzentos mil réis) para o Altar da Igreja Matriz, e o Seminário São José, que estava em construção, recebeu 1.206\$850 (um conto, duzentos e seis mil e oitocentos e cinquenta réis). Outras entidades ainda foram beneficiadas, mas não da nossa região.

As sobras distribuídas em 1928, do balanço de 1927, foram as seguintes: novamente as capelas em construção acima mencionadas, cada uma recebeu o valor de 250\$000 (duzentos e cinquenta mil réis) e o restante foi destinado à construção do Seminário, no valor de 3.077\$030 (três contos e setenta e sete mil e trinta réis).

No balanço de 1927, Antônio Wenzel, presidente do Conselho Fiscal, elogiou a Administração uma vez que encontraram tudo em conformidade e exortou os associados a apoiarem sempre essa Caixa pela sua importância. Chama atenção que os membros do Conselho Fiscal, ao final de cada balanço, um era substituído, e a substituição se realizava por sorteio. Em 1928, recaiu

sobre Antônio Wenzel. A assembleia propôs que ele permanecesse como membro honorário, uma vez que os maiores merecimentos da Caixa Rural eram dele, o que foi aprovado pela assembleia.

Nessa assembleia, foi deliberado que o empréstimo máximo para um sócio seria de 10:000\$000 (dez contos de réis), com exceção ao empréstimo destinado à Usina do Salto do Pirapó, sendo permitido pelo Ministério da Agricultura, este valor poderia atingir 80:000\$000 (oitenta contos de réis), e o empréstimo ao Seminário, de 30:000\$000 (trinta contos de réis).

Referente às sobras de 1928, distribuídas em 1929, quase todas foram para outros lugares, tendo ocorrido duas doações locais: “uma para um moço pobre que queria estudar no Seminário, no valor de 100 (cem réis), e a outra no valor de 313\$600 (trezentos e treze mil e seiscentos réis) para o Fundo das Escolas nesta Colônia”.

Na assembleia do ano de 1930, as distribuições das sobras, referentes ao ano de 1929, foram assim efetivadas: “que as capelas em construção, já mencionadas anteriormente, cada uma recebesse mais 200\$000 (duzentos mil réis), 1:000\$000 (hum conto de réis) **para seminaristas pobres** e o restante para outras entidades de fora da Colônia, permanecendo ainda um saldo de 699\$300 (seiscentos e noventa e nove mil e trezentos réis) para outras necessidades futuras”.

Importante fazer o seguinte registro histórico e, com certeza, muitos dos leitores gostariam de saber e até conhecer o que representariam hoje os valores de réis em reais, essencialmente dos anos de 1913, de 1920 a 1930 e de 1930 até 1940. Foram executadas muitas tentativas de transformação, no entanto não houve êxito no resultado alcançado, uma vez que os valores se tornaram irrisórios pelas desvalorizações ocorridas no decorrer do tempo.

Entrevistando algumas pessoas octogenárias, assim se expressaram: “Os valores da época eram de grande valia e alguns representavam muito

dinheiro, mas para os dias atuais, em alguns casos inclusive poderiam se tornar negativos por causa das desvalorizações históricas.”

Apenas para lembrar que, no decorrer deste centenário, foram subprimidos quinze zeros dos valores do dinheiro nas suas mudanças.

Nessa assembleia, foi aprovada a criação (cargo) de um representante na Linha São Salvador, devido ao grande número de associados morarem distantes da sede. Foi escolhido Ottomar Frederico Becker, digno gerente da Cooperativa Colonial, o qual foi investido de diversos poderes. **Aqui surge a figura do correspondente**, assunto que será desenvolvido mais adiante.

Os registros históricos acima apresentados têm a sua importância a fim de comprovar a responsabilidade social da Caixa Rural União Popular, bem como os benefícios que proporcionou ao desenvolvimento local, estadual e, inclusive, internacional, já verificado no balanço de 1923.

A Caixa Rural União Popular sobreviveu a todas as intempéries por **dois fatos relevantes** na sua história: de 1923 a 1969, oitenta por cento (80%) das sobras eram destinadas para o Fundo de Reserva Legal, e o segundo fator, no período de 1970 a 1989, todas as sobras colocadas à disposição da assembleia sempre foram destinadas ao Fundo de Reserva Legal. Isso prova mais uma vez que as diretorias da Caixa Rural foram e eram preocupadas com o futuro e a solidez da Caixa.

BALANÇOS

A prestação de contas da cooperativa é obrigatória aos seus associados. O Balanço Social é um importante instrumento de informação aos sócios, demonstrando quais foram as ações desenvolvidas pela cooperativa. O Cooperativismo de Crédito tem esta característica, desde as suas origens: efetivar a prestação de contas e proporcionar transparência para com os seus reais donos.

Não é objetivo, aqui, fazer qualquer análise e muito menos realizar uma explicação sobre o significado dos balanços e sim demonstrar o que se encontra nos anexos, com objetivo de verificar o que representava a Caixa Rural União Popular de Serro Azul no Rio Grande do Sul. Os balanços foram extraídos do Skt. Paulus Blatt e se encontram ainda em Língua Alemã.

Quadro Comparativo da Caixa Rural de Serro Azul com as demais Caixas Rurais do RS.

| Anos | | 1928 | 1934 | 1936 | 1937 | 1938 | 1940 |
|---------------------|-------------------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Associados | | 1º | 1º | 1º | 1º | 1º | 1º |
| Capital de Garantia | | 1º | 1º | 1º | 8º* | 1º | 1º |
| A | Acções na Central | -- | 5º* | 3º* | 2º* | 2º* | 1º |
| | Empréstimo | 3º | 1º | 1º | 1º | 1º | 1º |
| | Diferentes Contas Bancárias | -- | 2º | 3º | 2º | 4º | 2º |
| | Caixa, Créditos em Bancos e Central | 6º | 6º | 1º | 3º | 4º | 5º |
| P | Reservas | 3º | 3º | 3º | 2º | 2º | 2º |
| | Depósitos | 3º | 2º | 1º | 1º | 1º | 1º |
| | Diferentes Contas Bancárias | -- | 2º | 3º | 3º | 2º | 3º |

*Empates

Nesse espaço está se inserindo apenas o balanço de 1928. Os demais encontram-se nos anexos.

Statistik über die Bewegung in den ländlichen Raiffeisenkassen welche der Zentralkasse angeschlossen sind, abgeschlossen mit 31. Dezember 1928.

| Wardsip | Qualitäts-Sparten | Mitglieder | Zahlungswertes Geldanweisungen | Einzügen | Entzügen | Ausgabenlaubb | Saldoveränderung |
|----------|-------------------|------------|-----------------------------------|----------------|----------------|---------------|------------------|
| Gadueira | Agudo | 21 | 250.000.000 | 29.770.200 | 11.555.800 | 17.977.800 | 6.888.100 |
| Grêda | Grêda | 27 | 400.000.000 | 100.461.800 | 41.525.800 | 65.374.800 | 1.925.800 |
| Grêda | Grêda | 86 | 274.000.000 | 255.981.800 | 128.247.800 | 127.778.800 | 1.137.880 |
| Grêda | Grêda | 130 | 1.340.000.000 | 310.788.800 | 261.700.800 | 49.290.820 | 2.178.800 |
| Grêda | Grêda | 22 | 490.000.000 | 70.065.800 | 48.300.800 | 22.935.800 | 13.868.100 |
| Grêda | Grêda | 159 | 2.750.000.000 | 698.540.800 | 822.000.800 | 376.331.870 | 19.001.850 |
| Grêda | Grêda | 78 | 1.800.000.000 | 1.672.750.800 | 1.389.409.850 | 176.020.800 | 19.384.800 |
| Grêda | Grêda | 63 | 1.200.000.000 | 210.149.800 | 222.375.870 | 32.707.850 | 127.269.850 |
| Grêda | Grêda | 93 | 9.000.000.000 | 616.029.820 | 380.000.840 | 361.332.850 | 19.753.860 |
| Grêda | Grêda | 50 | 5.000.000.000 | 455.161.880 | 150.371.890 | 9.407.800 | 3.617.800 |
| Grêda | Grêda | 64 | 1.222.000.000 | 231.470.800 | 238.314.800 | 7.362.870 | 7.322.800 |
| Grêda | Grêda | 174 | 1.410.000.000 | 257.488.810 | 246.017.850 | 9.168.700 | 100.350.870 |
| Grêda | Grêda | 114 | 2.000.000.000 | 239.221.820 | 242.241.820 | 1.599.325.800 | 97.378.830 |
| Grêda | Grêda | 387 | 5.500.000.000 | 3.973.941.800 | 789.750.830 | 180.457.870 | 95.807.800 |
| Grêda | Grêda | 215 | 3.000.000.000 | 1.183.187.810 | 799.044.800 | 222.351.830 | 11.251.860 |
| Grêda | Grêda | 208 | 2.380.000.000 | 1.230.401.800 | 1.354.028.890 | 123.495.870 | 11.267.800 |
| Grêda | Grêda | 505 | 8.900.000.000 | 1.492.533.850 | 1.354.028.890 | 222.351.830 | 11.267.800 |
| Grêda | Grêda | 86 | 1.800.000.000 | 271.227.800 | 246.130.800 | 23.495.870 | 11.267.800 |
| Grêda | Grêda | 20 | 68.040.800 | 163.405.800 | 7.500.800 | 154.995.850 | 9.221.810 |
| Grêda | Grêda | 225 | 2.135.000.000 | 546.227.850 | 547.985.800 | 3.909.850 | 17.550.850 |
| Grêda | Grêda | 173 | 1.330.000.000 | 260.461.800 | 200.484.820 | 66.021.880 | 83.925.870 |
| Grêda | Grêda | 44 | 400.000.000 | 37.759.870 | 8.560.870 | 17.550.850 | 617.872.890 |
| Grêda | Grêda | 94 | 3.000.000.000 | 349.963.890 | 246.718.820 | 58.209.870 | 617.872.890 |
| Grêda | Grêda | 3.138 | 45.935.200.800 | 14.435.045.820 | 10.588.765.820 | 4.273.510.840 | 617.872.890 |

1º CONGRESSO COOPERATIVISTA DO RIO GRANDE DO SUL

Realizou-se, nos dias 8 a 11 de dezembro de 1938, na Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, o 1º Congresso Cooperativista do RS.

Nesse congresso, reuniram-se os mais diversos segmentos do cooperativismo existentes naquela época. A Caixa Rural União Popular de Serro Azul fez-se representar por intermédio de Albano Volkmer - diretor - gerente das Caixas Rurais, e pelo senhor Arthur Fischer - secretário das cooperativas dos produtores de suínos. Estiveram presentes mais de cem cooperativas de produção, mistas e de crédito.

O objetivo foi fazer um relato resumido. Ao término do congresso, surgiram muitas proposições em defesa do sistema cooperativista, sendo esse a melhor alternativa para fazer frente às dificuldades e problemas dos produtores. As Cooperativas de Crédito foram muito elogiadas por serem as mais justas nos empréstimos e na cobrança de juros menores. Diante dessa afirmação, o congresso aprovou a proposição para que se fundassem e/ou se criassem mais Cooperativas de Crédito pelo Rio Grande do Sul afora. Com certeza, foi um grande incentivo e apoio para quem precisava de mais espaço para o seu crescimento e desenvolvimento.

PROGRAMAÇÕES FESTIVAS

No início dos anos de 1950, a assembleia aprovou a construção de um prédio próprio para a instalação da Caixa Rural União Popular - CRUP - a qual foi solenemente inaugurada no ano de 1956, ou seja, 43 anos após a sua fundação. Nessa solenidade, esteve presente o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, senhor Dr. Ildo Meneghetti, além de diversos Secretários de Estado, bem como o Bispo de Uruguaiana, Dom Luis Felipe de Nadal, autoridades locais e regionais.



Foto do prédio da Caixa Rural inaugurada em 1956.

CINQUENTENÁRIO DA CAIXA RURAL

Em 6 de julho de 1963, ocorreu o Cinquentenário da Fundação da Caixa Rural com uma extensa programação e com muito orgulho. Os festejos ocorreram no dia 15 de setembro. Já eram 50 anos proporcionando benefícios aos associados. De modo sucinto, cabe dizer que nesses festejos esteve presente, e que fez o discurso oficial, o gerente da central das Caixas Rurais, Victor Affonso Hafner. Vale lembrar que o senhor Victor esteve diversas vezes em nosso meio exercendo fiscalizações na Caixa Rural nos anos de 1938, 1939, entre outros. Também compareceram o Bispo Diocesano, Dom Aloisio Lorscheiter, padres, prefeitos, autoridades diversas, um grande número de associados e população em geral.

Para esse período, um cinquentenário já era uma boa história e muito mais ainda com a presença de autoridades. Por isso, registram-se na íntegra as falas ocorridas há 50 anos. A reprodução é “ipsis literis”:

No Jornal O Cerro Largo do dia 8-9-1963, nº321, encontram-se os seguintes registros: “Conforme noticiamos em edição anterior, a Caixa Rural de Cerro Largo festejará seu cinquentenário de fundação no próximo dia 15. Junto à Diretoria da Caixa jubilar, colhemos o modo como será festejado. Assim o programa constará de Missa em ação de graças, oficiada pelo Sr. Bispo Diocesano, cerca das 8h30min; desfile dos colégios da cidade; solenidades na sede da Caixa, compreendendo homenagens ao Pe. Th. Amstad, fundador, e ao Major Antonio Th. Cardoso, 1º

Presidente. Ao meio-dia será oferecido um almoço às autoridades e convidados especiais.

Como se vê, é um programa sugestivo que, depois de realizado, ficará na lembrança dos cerro-larguenses.

A homenagem ao Pe. Amstad é motivada não só por ser o fundador da Caixa jubilar, mas por ser o introdutor do Cooperativismo de Crédito no Brasil e na América Latina, daí advindo muitos benefícios a todo o País, principalmente aos Estados do Sul.

A homenagem ao Major Cardoso é devida ao fato de ele ter sido o 1º Presidente da Caixa. É sabido que todo início é difícil, mas o homenageado adotou inflexivelmente as ideias raiffeiseanas, resultando daí a orientação certa que imprimiu à Sociedade. Além disso tem o mérito de ter sido o 1º Subintendente de Cerro Largo (então Serro Azul) e investiu o cargo três vezes em pleno tempo de revoluções inquietantes. Mas o Major com mão firme soube manter um clima de tranquilidade, sendo assim favorecida a produção da colônia.

Aí têm os leitores de O Cerro Largo os motivos das solenidades programadas para o próximo dia 15. Este jornal mais uma vez se congratula com a Caixa Rural por motivo de seu cinquentenário de fundação e deseja-lhe ainda muitos anos de prosperidade”.

O Jornal O Cerro Largo, nº323, página 1, assim se expressa:

“No último domingo, dia 15 de setembro de 1963, foi festejado com brilhantismo o cinquentenário da Caixa Rural União Popular de Cerro Largo. Às 8h30min, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Aloisio Lorscheiter, oficiou missa festiva na igreja matriz da cidade, fazendo sermão alusivo à efeméride. Ressaltou Sua Excelência Revma. os inúmeros benefícios prestados pela Caixa Rural ao povo cerro-

larguense durante os 50 anos de existência, frisando ainda a função social do dinheiro.

Às 10 horas, realizou-se a segunda parte do programa, a que consistiu no desfile dos colegiais. Na frente do prédio da Caixa Rural, à Rua Sete de Setembro, estava instalado o palanque oficial. O Sr. José Otto Theobald, Presidente do atual Conselho Fiscal, dirigiu os trabalhos da programação, convidando as autoridades presentes a subir no palanque oficial, tendo comparecido Sua Excia o Sr. Bispo, o Revdo. Padre Vigário Adeum Brod, os diretores dos estabelecimentos de ensino da cidade, os Srs. Vitor Afonso Hafner e Ervino Colling representando a Central das Caixas Rurais, o Sr. Arlindo R. Schwengber – Prefeito, a Sra. Eunice de Almeida Flach - Presidente da Câmara, o Sr. Frederico João Cardoso, representando seu saudoso pai – Antonio T. Cardoso, que fora o 1º Presidente da Caixa Rural, o senhor Júlio Schwengber que fora membro do 1º Conselho Fiscal, os senhores Kroetz e Finkler representando os fundadores da Caixa Rural, além de outras autoridades locais, inclusive os conselheiros Drs. Laureano A. Schoffen e Nelson Kliemann. Imensa multidão de povo se comprimiu em ambas as calçadas da Rua Sete de Setembro, encontrando-se presentes representantes de muitas Caixas Rurais, como os de Guarani das Missões, Santo Ângelo, Ijuí, Panambi, Tapera e inclusive do Estado de Santa Catarina.

Os alunos do Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola, mantido pela Caixa Rural, abriram o desfile. Em dois carros alegóricos, foram trazidos o atual presidente, Sr. Ottomar Becker, e seu antecessor, José Reinaldo Colling, que, por 18 anos, dirigira a Caixa Rural, sendo recebidos sob salvas de palmas no estrado oficial. Na ocasião, fez o discurso oficial o Irmão Wenceslau, da Escola Normal Rural La Salle. Em nome da Central, fez uso da palavra o diretor-gerente da Central, o Sr. Vitor Affonso Hafner. Calorosa e vibrante oração dirigiu aos presentes Sua Excia. Revda. Dom Aloísio Lorscheiter. Em nome da Direção da Caixa Rural, falou o Dr. Laureano A. Schoffen. Ótimas apresentações tiveram

todos os estabelecimentos de ensino como a Escola Rural La Salle e Ginásio Medianeira, o Instituto N. Sra. da Anunciação, os Grupos Escolares Dr.Eugênio Frantz e Parque Brasília, a Escola Comercial Pe. João Rick, que desfilaram, além de apresentarem diversos números e evoluções defronte ao palanque oficial. Também se fez presente a bandinha “La Salle” que deu um cunho festivo às solenidades.

Às 11h30min, no recinto do prédio da Caixa Rural, teve lugar a terceira parte do programa, contando numa homenagem ao Pe. Amstad, fundador das Caixas Rurais no Rio Grande do Sul, aos saudosos Antonio Wenzel e Miguel Dewes, ocasião em que proferiu novo discurso o Vitor Affonso Hafner. A seguir, foi inaugurado um quadro do 1º Presidente da Caixa, Antonio T. Cardoso, fazendo o discurso alusivo o atual gerente, Miguel José Dewes. Agradecendo, falou Frederico João Cardoso, pelo quadro do homenageado na Sala da Diretoria, que foi descerrado por Júlio Schwengber.

Em nome da Caixa Rural, proferiu vibrante e eloquente discurso o professor Nei Antunes Maciel. Em nome dos demais presentes, falou Rene Schwengber, abordando palpitantes assuntos da atualidade econômica e financeira.

Em resumo, pode-se dizer que o cinquentenário da Caixa Rural desta cidade foi condignamente festejado, estando de parabéns o nosso tradicional estabelecimento de crédito cooperativo e sua diretoria.

Um lauto banquete foi servido, ao meio-dia, no Clube Cruzeiro do Sul, às autoridades, aos visitantes e aos associados, que já desempenharam cargos no Conselho de Administração ou Fiscal da Caixa Rural”.

A seguir, registra-se *ipsis literis*, o discurso proferido pelo Sr. Miguel Dewes, gerente da Caixa Rural, ao ensejo da inauguração do retrato do Major Cardoso.

“Exma. Família Cardoso, DD. Autoridades. Meus senhores. Acaba de ser

descerrado o retrato do saudoso Major Antonio Teodoro Cardoso, 1º presidente desta Caixa Rural.

A fundação da Sociedade, há anos, foi um fato histórico para Cerro Largo. Poucos talvez imaginassem então o crescimento que a Sociedade iria ter, através dos anos, tal como a vemos hoje, estável e próspera. Mas esse crescimento só foi possível através de orientação certa e definida. Além do Pe. Amstad, que lançou as bases do raiffeiseanismo no Brasil e pregou o seu ideal, outros, adotando o mesmo ideal, se lançaram à luta para consolidar o mesmo e firmar as bases do incipiente cooperativismo de crédito. No caso de Cerro Largo, o Major Cardoso deve merecer lugar de destaque, entre esses outros. Foi a vontade popular que o fez presidente na 1ª assembleia constituinte da Sociedade. Cerca de metade dos atuais associados ainda o conheciam, conheciam-no como homem de princípios e retidão de caráter.

Nesta homenagem, estão também incluídos os demais presidentes e diretores que passaram pela direção. Todos eles mantiveram o espírito cooperativo e o ideal Raiffeisen. Sem um Cardoso e demais presidentes e diretores que se seguiram, a Caixa Rural não teria chegado a um cinquentenário, ainda mais de forma brilhante com que pode apresentar-se nele.

Além do mérito que acima atribuímos ao Major Cardoso, há um outro, não menos importante: o de ter sido o primeiro Subintendente de Cerro Largo (então Serro Azul), tendo exercido o cargo de 1915 a 1917, de 1919 a 1922 e de 1924 a 1931, ano de sua morte. Pode alguém perguntar, por que da homenagem como Subintendente. Todos sabem que, naquele tempo, um Subintendente, no distrito, era autoridade que enfeixava em suas mãos poderes quase absolutos. Assim, funcionava como chefe executivo, administrativo, policial e, até certo ponto, judiciário. Tendo em vista as revoluções de 24 e 30, fácil é imaginar a inquietação existente na colônia que seria a primeira vítima das agitações. O Major sentiu esta inquietação e interveio, com mão forte, para dominá-la,

mantendo afastados os intrusos agitadores.

Assim, num clima de tranquilidade, pode a colônia seguir em sua rotina de trabalho e cujos resultados se refletiram na Caixa Rural, que precisava daquela tranquilidade, para sua própria evolução.

Eis aí os motivos que nos levam a homenagear o Major Antonio Teodoro Cardoso. De seu retrato, exposto nesta sala, irradiará um halo de estímulo para quantos querem que a obra que ele ajudou a iniciar não sofra solução de continuidade.

A ele, nosso preito de gratidão e a nossa simpatia.”

No Jornal O Cerro Largo, nº323, página 4, de 22-9-1963, encontra-se este registro, o qual é reproduzido igualmente na íntegra:

Discurso proferido pelo sr. Vitor Affonso Hafner - diretor-gerente da Central das Caixas Rurais, na passagem do cinquentenário:

“Há sete anos, precisamente no dia de hoje, estive em vosso meio participando das festividades de inauguração do novo prédio desta Caixa Rural. Agora, novamente me encontro convosco, e tenho a satisfação de compartilhar das vossas alegrias na data em que a Cooperativa Caixa Rural de Cerro Largo completa meio século de existência.

Eu vos felicito pelo acontecimento do dia de hoje. Dirijo a vós todos a minha mais elusiva e fraternal mensagem de saudação, e tributo a todos, a minha mais sincera homenagem pela obra que conseguistes realizar.

A pregação do Padre Teodoro Amstad em prol de uma união mais perfeita do povo para a prestação da ajuda mútua, principalmente no setor creditício, encontrou eco nos corações e nas mentes dos primeiros colonizadores da então localidade de Serro Azul.

Esta Caixa Rural praticamente nasceu com a nova colônia. Acompanhou os seus primeiros passos, e podemos afirmar, sem medo de incorrer em erro ou exagero,

que esta instituição de crédito cooperativo foi uma das molas propulsoras do desenvolvimento e do progresso deste município.

A Caixa Rural de Cerro Largo ocupa um lugar de destaque no seio da organização raiffeiseneana do sul do Brasil. Ultrapassando há mais de cinco mil os seus membros, é a primeira Caixa Rural em número de associados, e seu movimento financeiro é altamente expressivo.

Por esse verdadeiro monumento de solidariedade e de idealismo que conseguistes levantar, os meus parabéns. Faço votos para que a vossa obra frutifique, e para que muitas outras comunidades sigam o vosso exemplo.

Vós me pedistes para que, nesta solenidade, vos falasse sobre o Padre Theodoro Amstad S.J.

É uma solicitação que atendo com a mais viva satisfação.

Cerro Largo está localizado na zona missioneira do Estado. Lembra-nos por isso, especialmente, a epopeia das reduções jesuíticas, o apostolado dos missionários jesuítas, aos quais tanto deve o nosso Estado. Não muito longe daqui tombaram os três Mártires Rio-Grandenses. Esta terra nos evoca uma das mais belas páginas da nossa história, com a sua comovente mensagem de amor ao povo e de fé cristã. Aqui sentimos de perto a obra missionária, cujos feitos e cuja grandiosidade foram proclamados universalmente.

Padre Amstad também era jesuíta. E o Padre Amstad também possuía espírito missionário.

Era, portanto, o seguidor fiel das pisadas dos seus irmãos de ordem que nestas plagas haviam pregado a palavra de Deus. Sua obra aqui está aos olhos de todos, possibilitando aquilatar a estatura e a personalidade desse extraordinário filho de Santo Inácio de Loyola.

Detenhamo-nos, pois, por algum instante, sobre o que foi a sua vida e a sua obra em nosso meio.

O Padre Theodoro Amstad, filho da pequenina e heróica Suíça, logo após chegar

ao Rio Grande do Sul, no ano de 1885, foi destacado pelos seus superiores para dar assistência espiritual numa região onde predominavam os imigrantes alemães e seus descendentes. Em suas viagens, entrando em contato com os colonos, verificou o abandono e o isolamento em que os mesmos viviam.

Preocupou-se com esse problema, e procurou dar-lhe a solução mais consentânea com a realidade daquele tempo. E em 1898 fundava, em Harmonia, então município de Montenegro, a “União Agrícola Rio-Grandense” “BAUERNVEREIN” que, em 1912, seria substituída pela Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul, o nosso “VOLKSVEREIN”. A finalidade dessas entidades era unir os colonos e prestar benefícios de caráter social, cultural e espiritual.

Padre Amstad preocupou-se, outrossim, com outro grande problema dos colonos – o crédito. Não existia nenhuma organização, nem pública nem particular, que propiciasse o crédito de que os agricultores estavam necessitados. Isto fazia com que eles fossem muitas vezes explorados pelos usurários. Verificou, ainda, que muitas somas entesouradas poderiam ter uma finalidade social.

Na Europa, o Padre Theodoro Amstad conhecia as Caixas Rurais do sistema Raiffeisen, que naquele continente estavam obtendo os mais consagrados resultados. Além dos seus conhecimentos sobre o cooperativismo de crédito, passou a conhecer outros ramos do cooperativismo, pois passou os quatro anos de seus estudos teológicos na Inglaterra, onde especialmente o cooperativismo de consumo tivera um expressivo desenvolvimento. Concluía o orador que também aqui essas organizações poderiam irradiar os seus benéficos influxos, começou a propagar e a exaltar as excelências do cooperativismo de crédito, do sistema Raiffeisen. Suas palavras encontraram ressonância e aceitação, fazendo com que, em fins de 1902, surgisse em Nova Petrópolis a primeira Caixa Rural, que se constituiu na primeira Cooperativa de Crédito da América do Sul.

Sucessivamente novas Caixas foram surgindo em Bom Princípio, Santa Cruz,

Lajeado, São José do Herval, Venâncio Aires, Cerro Largo e outras. Hoje seu número ascende a 62 Cooperativas Caixas Rurais, federadas à Cooperativa Central das Caixas Rurais.

Só por essa obra o nome do Padre Theodoro Amstad merece ser inscrito no rol dos maiores benfeitores do Rio Grande do Sul.

O grande jesuíta possuía um ânimo incansável. Era dotado de um espírito verdadeiramente missionário. Como secretário viajante da Sociedade União Popular, viajava constantemente, entrando em contato com os núcleos dessa organização. Chamava a si mesmo de “caixeiro-viajante de Deus”. Um seu irmão de ordem calculou que, em suas andanças, no lombo do burro ou do cavalo, o Padre Amstad deve ter percorrido cerca de 180.000 quilômetros, equivalente a quatro voltas em volta do globo, pela linha do Equador.

Tendo levado uma queda da montaria, em 1923, o Padre Amstad viu-se obrigado a suspender suas viagens, recolhendo-se em cadeira de rodas à residência dos jesuítas em São Leopoldo. Ainda aí desenvolveu grande atividade, como jornalista, escritor, estatístico e encadernador.

Sua vida foi uma constante demonstração de amor ao povo. Nós todos lhe devemos a nossa imorredoura gratidão.

“Meus amigos de Cerro Largo, se me é permitido dar-vos um conselho neste dia de festa, eu apenas vos solicito para que permaneçais fiéis aos ensinamentos do nosso admirável Padre Amstad. Nunca percais de vista as verdadeiras finalidades da Caixa Rural. Aplicando a máxima do “Vater Raiffeisen” – “Um por todos e todos por um”, poderemos ativar e dinamizar as potencialidades morais e sociais da nossa comunidade, através da aplicação adequada e racional das próprias economias locais, que, assim, terão uma finalidade altamente social.

Procurai unir-vos, libertai-vos o mais possível das questões pessoais, não vos deixeis contaminar pelo mercantilismo, dai demonstração de solidariedade, sede idealistas. Assim, tereis honrado o exemplo, o nome e a vida do “Colonorum

Pater”.

Que estes sejam os frutos das solenidades do dia de hoje em que vossa Caixa Rural completa 50 anos, são os meus mais ardentes votos.”

Para solenizar ainda mais o momento, os colégios da cidade desfilaram com o seu uniforme defronte às autoridades, em homenagem à Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo.





Nesse período do cinquentenário, mais especificamente de 1960 a 1966, assim se expressa Dewes (1966, p.31): “Se quiserdes apresentar uma prova de excelência do cooperativismo, como sistema econômico e social, podemos trazer o exemplo de uma organização existente em nosso meio: as Caixas Rurais, do sistema Raiffeisen. Instituição modelar, e que, no seu gênero, é a maior do continente americano”. Com certeza, a Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo era uma das mais importantes da América Latina, seja pela solidez, pelo volume de negócios e por seus recursos financeiros.

CENTRO COOPERATIVO DE TREINAMENTO AGRÍCOLA – CCTA

Criados a partir da década de 1960, os CCTAs tiveram um papel fundamental na evolução tecnológica da agropecuária do Rio Grande do Sul, e eram mantidos em grande parte com recursos das Caixas Rurais.

Especificamente, o CCTA de Cerro Largo teve uma enorme importância, tanto para os jovens da região que buscaram, posteriormente, outros cursos, como àqueles que retornaram às suas propriedades e deram, com a sua experiência, novas perspectivas às atividades rurais desempenhadas.

O funcionamento dos CCTAs era resultado de convênios entre o Instituto de Reforma Agrária (IGRA), Ministério e Secretaria da Educação e Cultura (MEC e SEC) e as Cooperativas de Crédito Rural, firmados com o objetivo de proporcionar treinamento e capacitação profissional a filhos de agricultores, dentro do espírito cooperativo. Os alunos eram associados da Cooperativa do CCTA e recebiam instruções de como cultivar a terra e criar animais, além de buscar e desenvolver vendas de produtos entre os consumidores nas cidades. Isso tudo favorecia a uma experiência de grande importância para o futuro do jovem agricultor.

Somente para exemplificar, estes são alguns dos municípios onde funcionaram CCTAs: Arroio do Tigre, Cerro Largo, Dois Irmãos, Júlio de

Castilhos, Panambi, São Francisco de Assis, São Sebastião do Caí e Taquara.

O primeiro convênio foi firmado em 25 de abril de 1959, entre o Ministério da Educação e Cultura e a Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo-RS para a execução dos trabalhos do Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola - CCTA - **o qual se encontra nos anexos.**

Na cláusula primeira, dizia-se que o Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola tinha por objetivo treinar os filhos de agricultores, sob o regime cooperativista, em Técnicas de Agricultura e Pecuária, incutindo-lhes amor à terra e interesse em fixar-se na zona rural, pela exploração econômica dos recursos naturais das regiões onde vivem. Os jovens participavam dos trabalhos não como alunos, mas como membros de uma cooperativa que funcionava sob a orientação do Centro.

A Cooperativa de Crédito possuía aproximadamente 40 hectares de terras, onde estava localizado o Centro e o seu respectivo funcionamento.

A história já foi lembrada, mas sempre é interessante relembra e verificar o que ocorreu nesse período. No Livro de Atas, encontram-se diversos registros sobre o CCTA, do Conselho Fiscal, em diversos períodos, que assim se manifestou em 25-1-1960: Elogia a diretoria pelo apreciável desenvolvimento da Caixa Rural, vindo a nossa Cooperativa de Crédito a ocupar lugar de destaque entre as congêneres do Estado e quiçá do País. Altamente elogiável, também, é a instalação por parte da nossa Caixa Rural, do CCTA, iniciativa que muito poderá beneficiar a agricultura do nosso Município pelo ensino Técnico Agrícola aos filhos dos colonos. Na ata da AGO de 12-3-1961, esgotada a pauta da assembleia, o presidente fez um breve comentário sobre o CCTA, que estava funcionando, mas precisava melhorar.

A seguir, o cônego Afonso Hammes disse que “a obra iniciada deve continuar, lamentando apenas o número insuficiente de técnicos agrícolas”. Em continuação, o professor Ney Antunes Maciel, como técnico agrícola, disse

“do desestímulo de muitos colegas, em virtude da parca remuneração, mas que isto será superado em breve”. O senhor Laureano Schoffen pediu “um voto de confiança, proposta que recebeu uma forte salva de palmas”. Ocorreram ainda outras manifestações favoráveis ao CCTA. No Parecer do Conselho Fiscal do exercício de 1965, na AGO de 24-2-1966, assim se manifestaram: “É oportuno fazer referências elogiáveis às iniciativas da atual Diretoria em relação ao CCTA, tais como: Convênio assinado com o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (IGRA); Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário (INDA), bem como a aquisição de mais 9 ½ hectares, completando, assim, os 40 hectares. O recebimento, por empréstimo, de um trator e ainda a perfuração de um poço artesiano.

Na AGO de 24-3-1968, assim se manifestou o presidente à assembleia: **“O Banco Central do Brasil não permite a nenhuma Cooperativa de Crédito que possua imóvel ou imóveis para uso próprio”.** Assim sendo, esta **Cooperativa está compelida a desfazer-se dos imóveis onde funciona o CCTA,** que tantas vantagens positivas proporcionou a esta região, desde a sua instalação, ministrando novos conhecimentos técnicos, que trouxeram mentalidade nova no meio rural. Para cumprir esta determinação do Banco Central do Brasil, o presidente informou que em breve será expedido um edital de concorrência, expondo à venda os imóveis que fazem parte do CCTA, dando-se preferência à entidade pública que se compromete com a continuação do funcionamento do mesmo.”

Na AGO de 13-4-1969, prosseguindo os trabalhos, o senhor dirigente informou à assembleia que a sociedade ainda não pôde cumprir a determinação do Banco Central no sentido de desfazer-se de todos os imóveis, além dos que necessita para seu uso próprio, no caso do CCTA. Ao edital publicado nesse sentido, não trouxe nenhum interessado e, por isso, a direção da sociedade entrou em entendimento com o Prefeito, propondo a ele que à

Prefeitura caberia adquirir o imóvel do CCTA que, além dessa finalidade, serviria para outras. Nesse caso, pagaria somente a metade do valor atribuído aos imóveis por uma comissão, com a condição de o CCTA prosseguir com suas atividades, as quais tantos benefícios trouxeram a esta região, cuja proposta o Prefeito encaminhou à Câmara de Vereadores. Na ata do dia de 6-8-1969, reuniram-se a Diretoria e o Conselho Fiscal para avaliarem a proposta recebida do Executivo para a aquisição das terras do CCTA. Resultado: Após a discussão sobre o assunto, resolveram, por unanimidade, o seguinte: Anuir à pretensão da Prefeitura, por tratar-se de um órgão público e ter-se comprometido de manter o CCTA, ficando estabelecido o preço de NCR\$17.500,00 (dezesete mil e quinhentos cruzeiros novos), cuja forma de pagamento deveria ser estudada e acertada pela Diretoria e o Executivo municipal. **O valor acima atualizado representa apenas R\$26.194,71 (vinte e seis mil, cento e noventa e quatro reais e setenta e um centavos). Neste valor incluíram-se os 40 hectares e os prédios existentes.** Para evitar o fechamento do CCTA, todo o patrimônio foi vendido à Prefeitura, na obrigação de continuar com o funcionamento do mesmo. **Em uma década, o projeto diluiu-se e acabou fechando as portas.**

Eis aqui um exemplo das frequentes e contraditórias políticas públicas, especialmente da alçada federal que, desconhecendo as peculiaridades e necessidades da realidade local, inexplicavelmente intervém na autonomia e iniciativa de uma comunidade local, iniciativas apoiadas no seu começo e estimuladas pelo próprio poder público, que num outro momento por influências e resistências políticas da conjuntura daquele período, e por acentuadas orientações centralistas, emanadas “de cima para baixo”, sem razões e justificativas, destroem projetos que haviam apoiado e desmobilizam o potencial das lideranças locais.

Mesmo assim o CCTA - Centro Cooperativo de Cerro Largo - foi o que por mais tempo funcionou, a não ser aqueles que foram transformados em Escolas Agrícolas, proporcionando bons resultados para toda a região pelos

conhecimentos e técnicas ministradas aos seus integrantes. O CCTA era conhecido regionalmente como AKERBAU SCHULE (em dialeto: Agabau Schul).

E, por fim, dois ex-alunos da primeira turma, conhecidos de muitos, Dorival Scheid e José Nelmo Ten Caten, assim se manifestaram: “O Centro funcionava no sistema de internato, com aulas teóricas num turno e aulas práticas no outro, adquirindo conhecimentos básicos sobre agricultura, técnicas agrícolas e pecuárias, a serem aplicadas nas propriedades rurais familiares, e em cooperativismo.”

É conveniente lembrar que os trabalhos nas famílias eram realizados com a força humana e animal. Não existia na região a mecanização das lavouras. Isso também dificultava que os filhos dos agricultores obtivessem conhecimentos mais específicos. O Centro Cooperativo foi a solução encontrada para a época. Um dos ex-alunos manifestou-se dizendo que todas as tarefas desenvolvidas obedeciam à rigorosa contabilização dos custos e resultados, pois aprendia-se a trabalhar com resultados. Todas as atividades estavam sob a responsabilidade e coordenação das chamadas equipes definidas, nas quais se desenvolvia a cooperação e os resultados rateados entre os participantes de cada equipe.

Outro ex-aluno destacou a importância da preservação do solo para a melhoria da agricultura, por meio da construção de um aparelho muito simples para medir o desnível do solo e, com isso, poder-se iniciar o plantio das chamadas faixas de contorno, com cana-de-açúcar ou mesmo da erva-cidreira. Cita, ainda, a formulação de rações para a criação de suínos e aves, o trabalho na horta, a composição de fertilizantes e a importância da compostagem e da adubação verde.

E, por fim, foi ressaltado pelos ex-alunos que o CCTA - Centro Cooperativo - era muito valorizado pela sociedade, em geral. E os alunos tinham acesso ao crédito para a aquisição de uma área de terras, o que

possibilitou a compra da sua atual propriedade. Os dois ex-alunos exaltaram as experiências práticas, não só na atividade econômica, mas também na iniciação de atividades de cooperação e de trabalho em equipe. Os dois são associados de Cooperativas de Crédito. Já ocuparam cargos na Administração e dedicam isso ao CCTA – Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola.

RELATÓRIO DAS ENTREVISTAS

As informações obtidas por meio das conversas formais e informais resultaram numa imensa gama de dados, inclusive de novos conhecimentos e que merecem o seu registro.

Foi solicitado aos entrevistados que citassem alguns benefícios que a Caixa Rural União Popular de Serro Azul proporcionou aos associados, essencialmente no início da colonização. Este é o resumo das entrevistas: “Crédito fundiário, isto é, dinheiro para comprar terras, benfeitorias agrícolas e aquisição de instrumentos de trabalho, crédito pessoal e juros módicos (conforme previam os estatutos).”

A Caixa Rural viveu momentos de intranquilidade em alguns períodos, é possível lembrar de alguns? Sim: “As duas guerras mundiais, as perseguições, bem como as grandes secas na década de 1940”.

Já está registrado que na área geográfica da Serro Azul foram fundadas três cooperativas. Aos entrevistados perguntou-se se elas

favoreceram a Caixa Rural para o seu crescimento e fortalecimento? Certamente foram muito importantes. Em primeiro lugar, a cooperação entre si (Cooperativa de Crédito e as dos Produtores Rurais), pois elas eram cooperativas mistas: de consumo e de produção agrícola. E, normalmente, as mesmas eram intermediárias entre o associado e a Caixa Rural, servindo inclusive como um posto avançado, integrando três ramos cooperativos: consumo, produção agrícola e crédito.

Tendo em vista que a Caixa Rural sempre dispôs de uma quantia razoável de recursos financeiros, resolveu fazer empréstimos para autoridades, com avalistas de poucos recursos, pensando que autoridade não dá calote. São informações extraoficiais, mas que ocorreram na prática, os calotes, com prejuízos para a Caixa Rural. As autoridades foram transferidas, não saldando os empréstimos e os avalistas, sem condições de honrar os empréstimos. É bom observar que a maioria dos empréstimos foram de longo prazo (cinco anos) ou mais e com o pagamento de 20% a cada ano. Um entrevistado disse que ouviu falar que os fazendeiros pegaram muito dinheiro e nunca mais pagaram. Outro falou, e isso é fato, que a Caixa Rural comprou um Ford 29, no início dos anos de 1950, para fazer cobranças e buscar os devedores a fim de fazer o acerto dos empréstimos. Acontece que muitos empréstimos já estavam, inclusive, prescritos e nem judicialmente podiam ser cobrados. As distâncias sempre foram grandes empecilhos, tanto para um lado como para o outro.

Em relação a esse aspecto, Rambo cita dois exemplos do Pe. Amstad, ainda válidos para os nossos dias, referentes aos empréstimos. Escreve: “O velho ditado alemão continua válido: pedir emprestado resulta em cuidados (Borgen macht Sorgen)”. Em outra passagem diz: “Não conheço melhor receita do que aquela do polonês de Faria Lemos: “Se não me tivesses emprestado, não te estaria devendo”. E, por fim, alguém migrado para Serro

Azul escreveu-me numa carta: “Imaginem vocês, como as coisas são difíceis aqui, nem mesmo um trago se consegue fiado.” Pessoas que conheciam o missivista mais de perto diziam: “Se aqui não lhe tivessem fiado um trago, não teria necessidade de estar hoje em Serro Azul.”

O fato a seguir ilustrado é muito interessante e não deixa de ser cômico e, ao mesmo tempo, solucionador indireto de um grande problema da Caixa Rural União Popular de Serro Azul. Como ocorre com todas as instituições financeiras, sempre existem aqueles que tentam não honrar os seus compromissos com os empréstimos, como já visto anteriormente. Principalmente no início da colonização, havia um respeito enorme pelos padres e pastores, e eles tinham quase a palavra final. Eles opinavam inclusive nos mais variados temas da sociedade. “Vamos ouvir ou falar com o padre”, diziam as diretorias.

Assim sendo, muitas diretorias da Caixa Rural encontraram um grande remédio nas mãos dos padres e pastores contra os “maus” pagadores dos empréstimos. A Diretoria se utilizava do artifício de que iriam denunciá-los para que o padre e/ou pastor dissesse os seus nomes na missa ou no culto de domingo. E não se tem conhecimento de um melhor remédio contra os devedores, os quais imploravam para não fazê-lo e a dívida era liquidada de forma rápida.

FALSIFICAÇÃO DE DINHEIRO

Esse é o caso mais pitoresco e real ocorrido na CRUP de Serro Azul. No ano de 1959, dois sujeitos (vigaristas) compareceram na Cooperativa de Crédito e ofereceram ao caixa uma máquina de falsificar dinheiro. O caixa da época achou interessante e embarcou na ideia. Provavelmente pensando em soluções e/ou também com segundas intenções.

Num determinado dia, no final da tarde, pegou certa quantia do dinheiro no caixa e foi a São Luiz Gonzaga, no Palas Hotel, onde se encontrou com os vigaristas. Após as conversas, acertou o negócio e pagou o valor combinado. Como era de se esperar, os homens sumiram e o moço (caixa) ficou com a “joia” ou “o pepino” na mão.

Conclusão: o caixa totalmente iludido, voltando, contou ao gerente o ocorrido. Como não tinha o valor para repor, aconteceu o que devia acontecer: perdeu o emprego.

A fim de não criar problemas para si e à Cooperativa de Crédito, o futuro sogro (homem sério e honesto) resolveu escriturar imóveis e fez mais um empréstimo de 200.000 cruzeiros para quitar o valor que os vigaristas levaram. Esse empréstimo atualizado representa hoje R\$ 14.236,35 (catorze mil, duzentos e trinta e seis reais e trinta e cinco centavos).

Ainda bem que o caixa tinha um futuro sogro que era bom e provavelmente casou com a filha pelo reconhecimento que teve com ele. Vale o ditado: melhor ter um pássaro na mão do que dois voando. Melhor ser honesto nas atividades que desenvolve do que querer ganhar algo por vias duvidosas.

Esses foram fatos reais que ocorreram na Caixa Rural União Popular de Serro Azul em sua história.

Concluindo o assunto das entrevistas, verificou-se a veracidade do que circulava entre as pessoas mais idosas, ou seja, que a Caixa Rural União Popular havia investido muitos recursos financeiros na colonização de Porto Novo, hoje Itapiranga, e acabou tendo novamente prejuízos financeiros pelos transtornos que ocorreram. Isso é um fato verídico? Segundo informações de então, “Sim, soube que a CRUP fez tais investimentos, mas não sei como terminou a referida transação”.

Apenas para confirmar a conversa acima, Rambo diz que a CRUP de

Santa Cruz do Sul e a de Serro Azul emprestaram cem contos para a Central visando a aquisição das primeiras glebas em Porto Novo. Cita inclusive que foram algumas famílias de Serro Azul que adquiriram terras em Porto Novo. Rambo tem diversos registros para quem quiser aprofundar e conhecer melhor a história da colonização de Porto Novo.



Ao lado, o registro de um empréstimo da Caixa Rural União Popular de Serro Azul, ao Volksverein, para aquisição de terras em Porto Novo.

É importante frisar que nem todos os empréstimos foram feitos via Central, mas diretamente com os compradores de lotes de terras, e foi com esses que a CRUP teve dificuldades no recebimento dos pagamentos. Segundo Eidt (2009, p. 139) o ano de 1943 iniciou com uma movimentação atípica nas estradas de Porto Novo. Que todos os alemães não nascidos no Brasil deveriam

forçosamente deixar a colonização e o destino de todos era uma incógnita. Na nota de rodapé nº 22, p 27 Eidt diz: “Na década de 1930 - 1940, o projeto Porto Novo recebeu dezenas de famílias de imigrantes alemães. Eram denominados Reichdeutsche ou Bundesdeutsche”. O fato acima comprova a inexistência de indenização pelas terras e os seus proprietários tiveram que abandoná-las às pressas.

FINANCIAMENTOS

É objetivo de uma instituição financeira propiciar recursos para empréstimos. Alguns empréstimos chamam a atenção, entre os quais podem destacar-se:

- Encontrou-se correspondência de 18 de janeiro de 1928, encaminhada ao Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, que solicita se esta Caixa Rural poderia fazer um empréstimo para a construção da Usina do Salto do Pirapó e quais garantias deveriam exigir, uma vez que ela será de grande utilidade à região. Este registro encontra-se no tema das sobras.
- Na AGO de 16 de fevereiro de 1947, foi aprovado por unanimidade pela Assembleia o financiamento da ampliação ou da construção de um edifício (pavilhão de dois pisos) da Escola Normal Rural La Salle, hoje Colégio La Salle Medianeira, com a autonomia da Diretoria para os devidos encaminhamentos. Efetivamente não se verificou nenhum registro de qualquer empréstimo ou financiamento.
- A Caixa Rural União Popular financiou o primeiro trator esteira para a Prefeitura de Cerro Largo, no período da primeira Administração: 1955-1958.
- O Seminário São José também foi beneficiado com recursos da Caixa Rural União Popular para a sua construção com doações e empréstimos. Estes dados contam igualmente das Sobras.

Esses quatro projetos receberam recursos financeiros da Caixa Rural União Popular - CRUP - de Serro Azul. O importante foi que a Caixa Rural auxiliou na execução dos projetos em benefício da população regional.

OS CORRESPONDENTES

Os correspondentes eram pessoas de grande confiança da Diretoria da CRUP, uma vez que eles recolhiam o dinheiro dos associados, e de quinze em quinze dias levavam ou remetiam esses recursos financeiros para a Cooperativa.

Em determinado período, a CRUP tinha três pontos de atendimento: nas localidades de Roque Gonzales, São Paulo das Missões e Salvador das Missões. Com certeza, esses pontos foram fundamentais para o desenvolvimento da CRUP. Igualmente não se tem conhecimento de que alguma outra Caixa Rural no interior do Rio Grande do Sul tivesse tido pontos de atendimento similares.

Com a legislação da reforma bancária, o Banco Central proibiu o funcionamento dessas extensões e deu prazo para o fechamento das mesmas.

Importante deixar ao menos um registro sobre o trabalho dos correspondentes, que se obteve por solicitação a Isolde Bohn, filha de Libório Bohn. No primeiro momento, um pequeno histórico, dizendo que Libório Bohn nasceu em São Sebastião do Caí, em 1914, e em 1920 veio com os pais fixar residência na Colônia Serro Azul. Depois de cursar a escola inicial, foi a Bom Princípio, onde, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, dos Irmãos Maristas, fez o curso de Contabilidade. Ao retornar, em 1934, muito inteligente, dominando perfeitamente a língua portuguesa e exímio calígrafo, logo conseguiu emprego na Linha São Salvador, na função de balconista e de guarda-livros da Sociedade Cooperativa Colonial, gerenciada por Otomar Becker, cargo em que permaneceu até a liquidação da Cooperativa em 1944.

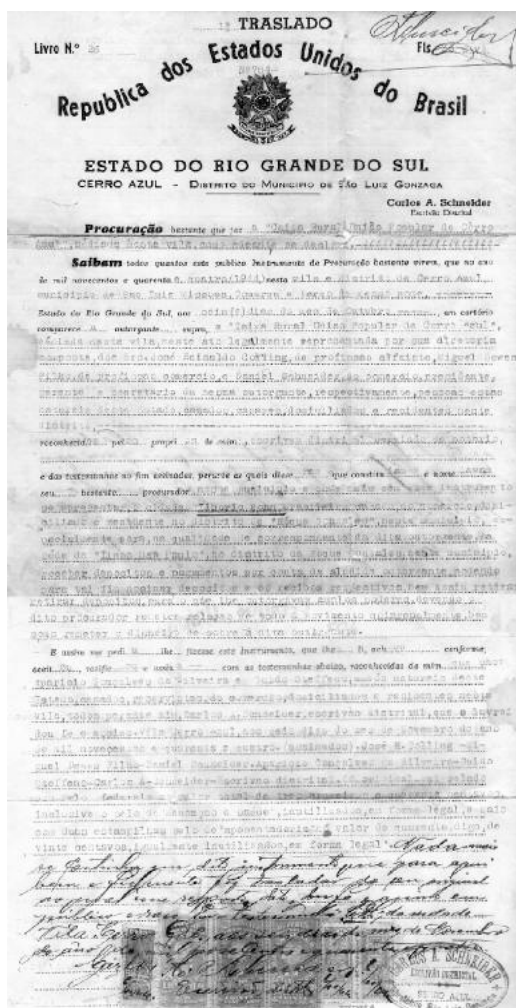
Nesse período atuou como correspondente bancário da Caixa Rural União Popular com Sede em Cerro Largo, sendo presidente na época José Reinaldo Colling. Esta tarefa, diz a filha, consistia em receber os depósitos dos agricultores, anotá-los na Caderneta (Sparbüchlein) que cada sócio possuía e repassar esses valores para a Sede da Cooperativa. Assim se expressou a filha: “Meu pai contava com muito orgulho como os agricultores faziam suas economias e traziam este dinheiro para ser emprestado pela Caixa a outros sócios, quando estes quisessem adquirir uma propriedade, ou então comprar mais uma meia colônia para um filho que fosse casar. Ele lembrava que Aloysio Eleutério Becker, que tinha uma ferraria, fabricava os utensílios agrícolas, e nos sábados saía para o interior para efetuar as vendas. Era sagrado que, na segunda de manhã, o senhor Becker trazia o resultado das vendas para depositar na sua Caderneta.”

Em agosto de 1944, Libório Bohn transferiu residência para a Linha São Paulo, hoje município de São Paulo das Missões, onde se estabeleceu com Casa Comercial em sociedade com João Inácio Thomas. Em outubro do mesmo ano, recebeu uma procuração do presidente, José Reinaldo Colling, para nessa localidade atuar como correspondente, função que desempenhou até dezembro de 1947, quando transferiu residência definitiva para a hoje Vila Pinheiro Machado.

Mais um registro: “Meu pai contava que o sistema era o mesmo, com os depósitos e as remessas. Nos empréstimos também valia a sua palavra para dar credibilidade aos tomadores. Tinha autorização para receber depósitos, assinar recibos, retirar depósitos e obrigação de prestar contas quinzenalmente à Cooperativa em Cerro Largo. Guardava com muito cuidado a procuração que lhe outorgava estes poderes. Só não continuou após transferir-se para a Vila Pinheiro Machado, pelas dificuldades de locomoção. Não havia linha regular de ônibus e ainda não possuía veículo próprio. Nos

últimos anos acompanhava com carinho a transformação da Caixa Rural União Popular em Sicredi e ao receber a visita de algum dirigente, fazia questão de contar a sua história de correspondente.”

Esta é a procuração:



EXTINÇÃO DAS COOPÉRATIVAS DE CRÉDITO

Importante é conhecer e entender, ao menos em parte, o processo que foi encaminhado pelos poderes oficiais, por meio de instruções do Banco Central, na segunda metade da década de 1960, para a liquidação da maioria das nossas Caixas Rurais fomentadas pela Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul. Ocorreu que o Sistema Cooperativo apresentava problemas há muito tempo, essencialmente de gestão, sendo esse um fato inegável.

Na década de 1940 a 1960, foi ampliado o controle sobre as instituições do Sistema Financeiro, quando o Ministério da Fazenda criou a SUMOC – Superintendência da Moeda e do Crédito. No Ministério da Agricultura, foi criada a Caixa de Crédito Cooperativo, em 1943, e que, **em 1951, foi transformado no BNCC - Banco Nacional de Crédito Cooperativo** -, com o objetivo de financiar o desenvolvimento da agricultura. O Ministério da Agricultura continuava com a responsabilidade de legalizar e fiscalizar as cooperativas, inclusive com o poder de intervenção. Mesmo com dois órgãos para realizar o controle e fiscalizá-las, não surgiram os efeitos esperados.

Surge o Golpe Militar em 1964 e, aproveitando o momento, os grandes banqueiros pressionavam permanentemente o regime autoritário para exterminar as cooperativas de crédito da concorrência e, a pretexto de sanear as atividades financeiras, buscando eliminar muitas distorções e abusos ocorridas em várias agências que atuavam no mercado financeiro.

Aproveitando essa tendência denunciadora, incluem-se as cooperativas no mesmo processo de extinção. A pressão era tão grande que a autoridade do Banco Central falou, numa conferência na Escola Superior de Guerra, afirmando que o Governo estava atingindo plenamente o seu objetivo e que, até o momento, isto em 1970, algumas centenas de cooperativas já haviam sido liquidadas, sendo o período de 1965 a 1970 o mais intenso na liquidação de cooperativas de crédito. Por exemplo, no Rio Grande do Sul, havia, nos inícios de 1960, em torno de 63 cooperativas de crédito Raiffeisen. Dessas, após 1966, sobreviveram apenas 9 cooperativas.

Filho (in: PINHO e PALHARES, 2004, p.261), de forma resumida apresenta a rigorosa fiscalização e controle sobre as Cooperativas de Crédito, assim se expressando: “Criado pelo Decreto-Lei nº4.595 de 31-12-64, e com as respectivas competências estabelecidas, o Banco Central do Brasil se estrutura com profissionais, na sua maioria, procedentes do Banco do Brasil S.A. e que, a partir do início de 1966, estava apto a desenvolver rigorosa fiscalização sobre as Cooperativas de Crédito em geral, passando um verdadeiro pente-fino no Movimento. Em um ano de trabalho incessante, centenas de “Cooperativas de Crédito” e outras tiveram seus registros e autorizações de funcionamento cassados e, conseqüentemente, encerradas as suas atividades. Posteriormente, numa outra investida em 1970, novas cassações e fechamento da maioria das Cooperativas de Crédito Rural tipo Raiffeisen, principalmente no Rio Grande do Sul”. Inclusive a Central das Caixas Rurais, fundada em 1925 e sediada em Porto Alegre, foi fechada e transformada em uma singular.

Assim se expressa o cooperativista Luiz Pedro Pedroso Ricciardi (in: Pinho e Palhares 2004, p.262): **“A intransigente fiscalização e a exigência de condições inviáveis de reestruturação praticamente decretaram a liquidação das Cooperativas de Crédito da época.”**

Observam-se nas Atas das Assembleias os mais diversos registros: na AGO de 6-3-1966, “o senhor Presidente deu ciência aos presentes que a Sociedade que dirige não está mais subordinada ao Ministério da Agricultura como até então, mas sim ao Banco Central do Brasil, dando conhecimento aos presentes de suas últimas resoluções e seus reflexos sobre as atividades da Sociedade”. Na AGO de 24-3-1968, o Presidente disse à Assembleia “que em breve esta Sociedade deverá sofrer uma alteração em sua estrutura jurídica, por imposição do Banco Central do Brasil, transformando-a em Cooperativa com capital por cotas. O Banco Central do Brasil apresentará um Estatuto padrão para todos. Aí será convocada uma AGE. E conclamou para que os associados comparecessem, uma vez que era do interesse de todos”. Em 8-6-1969, ocorreu uma AGE e, entre outros assuntos, foi proposta à Assembleia “a incorporação ou não das Cooperativas de Crédito Caixas Rurais de Guarani e Campina das Missões com a de Cerro Largo. Ocorreram muitas falas e discussões a favor e contra. Por fim, o tema foi votado, sendo aprovado o adiamento da aceitação ou não da incorporação das Caixas Rurais em referência”. Na AGE de 7-12-1969, foram apresentados os Estatutos segundo o desejo do Banco Central do Brasil. Ao final da leitura e esclarecimentos, os Estatutos foram aprovados por unanimidade pela drástica exigência do Banco Central.

Observe-se que a **fúria** do Governo Militar, sob a pressão dos grandes banqueiros, contra as Cooperativas de Crédito era grande. **O CMN - Conselho Monetário Nacional - e o BACEN - Banco Central do Brasil - baixaram, em 1969, o Decreto nº59 que extinguiu as seções de crédito das cooperativas mistas.** Lembre-se, ainda, que o Governo conseguia dinheiro fácil do exterior e endividava a Nação, e parte desses recursos financeiros subsidiava os agricultores. Assim, o Governo desviava o interesse dos agricultores em relação à fundação de novas Cooperativas de Crédito, o que proporcionou o

esvaziamento do movimento. Portanto, a cada dia que transcorria, mais Cooperativas de Crédito encaminhavam-se para a liquidação, diminuindo, dessa forma, o protagonismo da sociedade civil numa área tão relevante quanto à da área financeira.

Vejamos alguns aspectos dessa trajetória passada em Cooperativas de Crédito. De modo sucinto e para fins de conhecimento histórico, registra-se a existência de três ex-Caixas Rurais União Popular nesta grande região.

CAIXA RURAL UNIÃO POPULAR DE BOA VISTA

A primeira a ser fundada foi a Caixa Rural União Popular de Boa Vista, hoje Santo Cristo, em 20 de fevereiro de 1923. Assinaram a Ata da Assembleia Geral Extraordinária vinte e seis associados. No entanto, o número de pessoas que se associou foi oitenta e oito. Um belo número de associados para a época. No decorrer dos anos, a Caixa foi se desenvolvendo, e há informações de que o auge da Caixa Rural foi nos anos de 1930. Em 1934, já possuía a sua sede

Caixa Rural União Popular de Colonia Boa Vista
Volkvereinssparkasse.

Einlagen werden jederzeit entgegengenommen und mit 6 % verzinst. Die Zinsen werden halbjährlich, am 30. Juni und 31. Dezember, verrechnet.

Darlehen werden gewährt zu 7½ %, 8 % und 9 %.

Die Kasse hat ihren Sitz im Hause des Herrn Präsidenten OSCAR SCHMITZ, Séde Santo Cristo, gegenüber der Kirche, und ist jeden Tag geöffnet. Der Gerent: Nicolaus Riffel.

Caixa Rural União Popular de Colônia Boa Vista

Caixa Econômica de Associação Popular

Depósitos são aceitos em qualquer época e remunerados com juros de 6%. Os juros são calculados (semestralmente) de meio em meio ano, em 30 de junho e 31 de dezembro.

Empréstimos são concedidos a 7%, 8% e 9%.

A Caixa tem sua sede na casa do Sr. Presidente OSCAR SCHMITZ, Sede Santo Cristo, defronte à Igreja, e está aberta todos os dias. O gerente: Nicolaus Riffel

própria. Pode ser verificado o grande número de associados e uma boa quantia de dinheiro para a época, o que impulsionou o seu crescimento.

Nas entrevistas efetivadas com associados da ex-Caixa Rural União Popular, transformada em ex-Cooperativa de Crédito Rural Santo Cristo Ltda, soube-se que essa foi sua última denominação. Registraram nas entrevistas que inúmeros agricultores adquiriram as suas terras com os recursos da ex-Caixa Rural. E um deles disse que adquiriu as suas terras com os recursos disponíveis. Outra grande importância que a ex-Caixa Rural tinha é que era um lugar seguro para deixar o dinheiro e ainda rendia juros. *

*Chama-se a atenção para a seguinte relevante consideração: A Caixa Rural é um lugar seguro para deixar o dinheiro e, além de seguro, ainda paga juros duas vezes por ano, afirmavam os associados. Efetivamente, a Caixa Rural depositava os juros da poupança, semestralmente, e registrava-os na caderneta. Aí um vizinho falou para o outro: “Se você depositar na poupança de manhã cedo, no final do dia já terá mais dinheiro. Isso é muito bom. Só a Sparkasse faz isto.”

Interessantes foram **os motivos relatados** para que a Caixa ou Cooperativa entrasse mais tarde em liquidação, entre os quais pode destacar-se: **1.** A concorrência do Banco Mercantil, o qual começou a oferecer um pouco mais de juros, e os associados começaram a retirar e aplicar no concorrente. **2.** Outras pessoas “aproveitadoras” também começaram a oferecer juros ainda mais elevados, e mais associados, ingênuos, foram retirando os seus recursos e emprestando. Resultado depois de algum tempo: o Banco Mercantil “quebrou”, lesando os correntistas, que perderam quase tudo o que haviam emprestado. **3.** Outros ainda emprestaram os seus recursos para “intermediários” que vendiam terras nas colonizações em Santa Catarina e no Paraná e acabaram perdendo, igualmente, em grande parte, os recursos emprestados. Saliente-se que esse dinheiro estava depositado na ex-Caixa Rural União Popular Boa Vista. **4.** E, por fim, o motivo central, conforme o liquidante, foi a hostil legislação bancária a partir dos anos de 1960 contra as cooperativas.

A grande surpresa foi quando se questionou o que representou para Santo Cristo a liquidação. Obteve-se a seguinte resposta de um senhor de mais de 90 anos: **“Foi uma tristeza muito grande. Foi como o falecimento de um ente querido.”** Isto prova como as ex-Caixas Rurais faziam parte da vida dos associados. Era algo que, verdadeiramente, integrava o seu cotidiano familiar e comunitário.

A ex-Cooperativa de Crédito Rural de Santo Cristo Ltda foi liquidada no ano de 1978.

As informações acima foram concedidas pelo setor público de Santo Cristo que conseguiu preservar quase toda a história da “ex-Caixa Rural” e pelo liquidante da cooperativa. A maioria dos livros da ex-Cooperativa de Crédito Rural Santo Cristo Ltda encontram-se, praticamente todos, em seu Museu. Para quem quiser efetivar uma pesquisa aprofundada, lá está esse material todo preservado.

CAIXA RURAL UNIÃO POPULAR DE SANTO ÂNGELO DAS MISSÕES

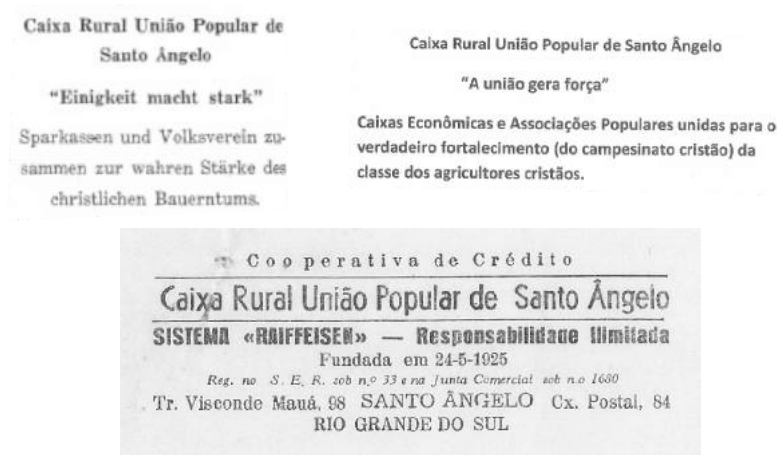
A ex-Caixa Rural União Popular de Santo Ângelo das Missões, conforme registro, foi fundada no dia 20 de janeiro de 1926. Extra-oficialmente, dizem que o início de funcionamento foi em Buriti. Mas, segundo informações fidedignas, em Buriti deve ter ocorrido a fundação do Volksverein (Posto da Comunidade) e não da “Caixa Rural”. E o registro de fundação diz que a sede era Santo Ângelo das Missões.

Foi liquidada em 25 de novembro de 1974 com a denominação de Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Santo Ângelo. A última diretoria estava assim constituída: Presidente: Augusto Jaeger; Gerente:

Walter Francisco Spannring; e Secretário: José Henrique Nozari.

Foram os liquidantes: José Henrique Nozari, Telmo Luiz Trevisan e Crizontino Lima Filho. **Chama a atenção que ninguém sabe, hoje, qual foi o destino dos arquivos, livros e materiais pertencentes à ex-cooperativa.**

Com certeza, esta foi uma das ex-Caixas Rurais mais fortes até o início dos anos de 1970, com o número de associados muito grande e uma grande quantia de recursos financeiros. No relatório de prestação de contas do ano de 1968, quando era presidente Siegfried Ritter, **o número de associados era de 9.589.** Um número altamente expressivo para a época.



Os entrevistados salientaram que a Caixa Rural era muito forte financeiramente, tendo mais recursos financeiros do que o Banco do Brasil da região. A Caixa Rural era muito conceituada perante os associados e a própria comunidade. Numa visão errônea, era conhecida como o “Banco dos Pobres”. Registra-se que as pessoas que tiveram grande influência nas atividades da Caixa Rural foram: Siegfried Ritter, Carlos Francisco Angst e Augusto Jäeger. **O fechamento provocou, por um bom período, um abalo na economia de Santo Ângelo.**

COOPERATIVA DE CRÉDITO CAIXA RURAL UNIÃO POPULAR DE CAMPINA - CAMPINA DAS MISSÕES.

A ex-Caixa Rural, num único registro encontrado, diz isto: Cooperativa de Crédito Rural Campina das Missões Ltda, sucessora da Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular, de Campina, arquivados na Junta Comercial sob o nº 32.554, em 17 de maio de 1940.

Nas entrevistas efetivadas, ficou comprovada a importância da Cooperativa para a população direcionada para dois aspectos: poupança e empréstimos. Foi ressaltado que muitos associados preferiam colocar dinheiro na poupança a comprar terras, uma vez que as taxas eram muito altas. Vale lembrar que até as carroças possuíam placas e pagavam taxas porque serviam como meio de transporte de produtos.

Foi salientado que a Cooperativa teve seu auge logo no início da fundação, de 1940 até 1950. Era algo que interessava à população ter a sua cooperativa e poder depositar o seu recurso financeiro naquilo em que ela era dona, o que proporcionou uma quantia razoável de recursos financeiros para empréstimos.

Os entrevistados não confirmam, mas acreditavam que o investimento elevado no imóvel, ou seja, a construção da sede própria, ajudou a enfraquecer a Cooperativa. O fechamento da Cooperativa, ou seja, a liquidação ocorreu pela diminuição dos recursos financeiros e pela hostil legislação bancária de então. Foram liquidantes: Paulo Riffel, como Presidente, e mais os seguintes associados: Mário Agostinho Webler, Pedro Inácio Schwan e Ivo Jung. Igualmente deve ter sido liquidada entre os anos de 1970 e 1980, não tendo sido encontrado o registro.

FECRESUL

A FECRESUL - Federação das Cooperativas de Crédito do Sul do País - foi fundada em 1971 e tinha como objetivo congregar exatamente as cooperativas e atuar junto com os órgãos governamentais.

A FECRESUL teve uma vida relativamente curta, mas foi fundamental para a sobrevivência das Cooperativas de Crédito ainda remanescentes nesse difícil período que, inclusive, contribuíram, em 1980, sob a coordenação de Mário Kruel Guimarães, então recém-aposentado na Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil, na fundação do Sistema COCECRER, depois transformado no Sicredi RS.

E mais do que qualquer outro, o senhor Werno Blásio Neumann, representante de uma das 9 cooperativas persistentemente sobreviventes, ou seja, a Cooperativa Pioneira de Nova Petrópolis, ao qual manifestamos um imenso reconhecimento, foi o indicado para deixar aqui o seu registro, pois ninguém melhor para contar a história do que quem a vivenciou em toda a trajetória.

Quando indagado sobre o contexto em que as Cooperativas de Crédito Rurais se encontravam a partir dos anos de 1960, assim se expressou: “Até 1964, ano da criação do atual Banco Central do Brasil, este criou sérias restrições operacionais **e a extinção, em 1967, da Central das Caixas Rurais**. E isso apesar de, até esse momento, as Caixas Rurais terem vivido um excelente período de desenvolvimento. **Porém, com os sistemáticos e sucessivos “não pode”,** começou a decadência. Isto é, muitas delas, sem condições operacionais, entraram num processo de autofagia, encerrando as suas atividades. Até o ano da extinção e a **transformação da Central numa Cooperativa Singular, existiam 63 Caixas filiadas”**.

A seguir, foi questionado como e por que surgiu a FECRESUL. O senhor Neumann disse que, com a extinção da Central, as Caixas Rurais ficaram órfãs (sem pai e mãe), jogadas à própria sorte. Muitas, principalmente as menores, não tinham grandes aptidões administrativas e receitas suficientes para se manterem e foram, gradativamente, encerrando as suas atividades, via liquidação. No Congresso das Cooperativas remanescentes, realizado em 30 e 31 de janeiro de 1971, em Nova Petrópolis, foi fundada a FECRESUL - Federação das Cooperativas de Crédito Rural do Sul do País -, pelas 21 Cooperativas presentes. **Existiam, na época, somente 26 Cooperativas de Crédito no Estado.** Tinha a **FECRESUL** a finalidade de manter a união entre elas, ser um órgão de representação e orientação e, acima de tudo, de reivindicação aos órgãos oficiais para a obtenção de maiores aberturas operacionais. A FECRESUL tinha como 1ª Diretoria eleita os seguintes membros: Presidente, Olavo Schütz (Ijuí); Secretário, Cláudio Diehl (Taquara); e como Tesoureiro, Werno Blásio Neumann (Nova Petrópolis). Um dos conselheiros fiscais eleitos foi Adélio Hermeto Ruschel (Cerro Largo).

Podemos ver que a própria FECRESUL não conseguia propiciar um salto qualitativo e assim se expressou o senhor Neumann referente ao tema: **“Houve dificuldades em razão da não obtenção do registro da entidade**, mesmo assim funcionou fazendo reuniões periódicas nas cidades onde ainda funcionavam as Cooperativas de Crédito. **A união foi o fator principal para a sobrevivência das nove (09) Cooperativas fundadoras da nova Central, COCECRER”** (sobre a qual trataremos mais especificamente num outro capítulo).

Interessante observar que as Cooperativas de Santo Cristo e de Campina das Missões foram associadas da FECRESUL, e a de Santo Ângelo não.

A FECRESUL realizou uma Assembleia Geral Ordinária, em Cerro Largo, nos dias 30 e 31 de março de 1974, com a presença das seguintes 12 Cooperativas de Crédito Rural: Taquara, Augusto Pestana, Nova Petrópolis, Erechim, Agudo,

Santa Maria, Ijuí, Campina das Missões, Santo Cristo, Horizontina, Guarani das Missões e Cerro Largo.

Questionado ainda sobre se a FECRESUL poderia ser considerada a precursora da COCECRER, disse que, em parte sim, uma vez que as Cooperativas fundadoras da COCECRER eram todas filiadas da FECRESUL.

A ideia da fundação de uma nova Central surgiu por ocasião de uma reunião de reestruturação do Crédito Rural, realizada em Brasília, da qual foi coordenador o senhor **Mário Kruel Guimarães**, e o senhor **Neumann** foi como participante e representante da OCERGS e FECRESUL. Outros registros serão explicitados no capítulo sobre a COCECRER.

O conhecimento da história tem a sua importância, principalmente pelo registro de dados e fatos ocorridos. Sabemos que a Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo sempre foi participante e atuante nas questões das Caixas Rurais desde a origem da criação das Caixas Rurais pelo Pe. Amstad, muito conhecido também como o “pequeno padre”, e espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Como uma das Cooperativas remanescentes, perguntou-se a Neumann o que representava a Cooperativa de Crédito Rural para as demais cooperativas e, principalmente, para a região Noroeste. Neumann fez os seguintes registros: “A Caixa Rural União Popular de Cerro Largo e depois Cooperativa de Crédito Rural sempre foi destaque e exemplo, não só na região das Missões, mas em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Isso se comprova conforme dados do Relatório de 31 de dezembro de 1960, da ex-Central das Caixas Rurais, com os seguintes números e classificações: sócios, 4.583, ou seja, o 1º lugar (entre as 60 da época); empréstimos: CR\$37.718.224,00 (**valor atualizado: R\$1.881.459,05**), com o 3º lugar; Depósitos: CR\$47.195.006,00 (**valor atualizado: R\$2.354.179,53**), igualmente com o 3º lugar; e Reservas: CR\$7.009.276,00 (**valor atualizado: R\$349.636,44**), com o 2º lugar. **O sistema na época tinha um total de 48.396 associados no Estado do Rio Grande do Sul. Cerro Largo tinha cerca de 10% dos mesmos**”.

ESTATUTOS

A parte que segue aborda uma questão árdua e, às vezes, própria de uma leitura cansativa, mas necessária para compreender quais os parâmetros éticos, sociais e coletivos que regiam as Caixas Rurais, tão bem expresso em seus estatutos, que são, por assim dizer, “a alma da organização”. Os estatutos, ao se apresentarem a seguir, com exemplos de sua redação em épocas distintas e sucessivas, permitem constatar-se nas Caixas Rurais algumas diferenças ou especificidades na sua formulação, de ano para ano.

Estatuto é o instrumento que rege a sociedade cooperativa, ditando as normas que disciplinam a vida societária. É o parâmetro fundamental de referência que fornece os balizamentos básicos para a estruturação e o desempenho das atividades diuturnas das cooperativas, sempre à luz da filosofia e doutrina cooperativista. Para outros, o estatuto é uma norma que regulamenta o funcionamento de uma associação, diz quais são os direitos e as obrigações, as regras e as orientações gerais para os associados.

Quando era constituída uma Caixa Rural, obrigatoriamente deveria existir um regramento para o seu funcionamento, e esse estava no Estatuto. Os primeiros estatutos eram relativamente simples e talvez “enxutos”, mas não menos severos em seus artigos.

O objetivo é rever algo dos primeiros estatutos, mais como reflexão e para verificar a vigência do espírito cooperativista do associado em sua Caixa Rural. Parece que os direitos e deveres dos associados tinham uma força inclusa, e a tendência era pelo cumprimento do estabelecido.

Inicialmente as Caixas Rurais possuíam um Estatuto padrão, quase sempre escrito em Alemão, língua utilizada em todas elas, e possuía apenas

três artigos. No Estatuto padrão **chama a atenção o Artigo 1º, em que os fundadores e os futuros associados admitidos tinham a responsabilidade pessoal, solidária e ilimitada de todos os seus membros**. O fundamento estava no Decreto nº1.637, de 5 de janeiro de 1907, e das Cooperativas do Sistema Raiffeisen. Saliente-se que essas responsabilidades dos associados permanecem nos Estatutos de 1923, 1926, 1956 e 1966.

O Art. 3º diz que **a duração era de trinta anos. Muda com o Estatuto de 1956, passando para tempo indeterminado**.

No Paulus-Blatt de 1913, encontrou-se um Estatuto mais abrangente que já falava do nome da sociedade, da sede, do objeto e fins, dos sócios, da diretoria, das assembleias, do fundo de garantia ou reserva e, por fim, da duração e dissolução, contendo, ao total, oito artigos.

Encontrou-se um exemplar do Regimento do funcionamento da Spar und Darlehenskasse, exatamente do dia 6 de julho de 1913, dia da fundação. A seguir, apresentam-se algumas passagens que chamam a atenção, sendo que a íntegra original encontra-se nos anexos:

O Regimento inicia desta forma: der Spar und Darlehenskasse de Serro Azul - da Caixa Econômica Rural e de Empréstimos de Serro Azul -, sociedade com responsabilidade ilimitada dos membros.

Art. 2º, § 3º, diz que o tesoureiro deve ser dono legítimo de terras no valor de 2:000\$000 (dois contos de réis). Ele deve apresentar os documentos comprobatórios à Presidência e à Comissão Fiscal. Ele pode, no entanto, também disponibilizar essa quantia em moeda corrente como caução.

Art. 4º, § 1º, diz que para a eleição da Presidência e da Comissão Fiscal são sugeridas pessoas dentre os **membros fundadores**.

Art. 5º, § 1º, diz que cada **membro fundador** se compromete a **pagar 50\$000 (cinquenta mil réis) no dia da fundação**.

§ 2º diz que os valores são registrados em cadernetas de poupança

em favor dos fundadores, sem pagamento de juros por um prazo de um ano, e só podem ser sacados depois de três anos.

§ 3º diz que os **outros membros pagam 5\$000 (cinco mil réis)** como taxa de entrada. Esse valor não será restituído.

Art. 7º - Normas Administrativas da Caixa:

§ 1º diz que o sábado é o dia reservado (determinado) para a Caixa.

§ 5º diz que os juros são contabilizados somente a partir do primeiro dia do mês seguinte.

§ 7º diz que os juros começarão a ser contabilizados somente quando o valor total tiver atingido 10\$000 (dez mil réis).

§ 12 diz que, sem a apresentação da caderneta, nenhum dinheiro será restituído; para estranhos, somente após credenciamento (legitimação, habilitação) da pessoa.

§ 13 diz que se a caderneta for perdida (extraviada), o tesoureiro deve ser avisado (notificado) imediatamente.

Art. 10 Restituição (devolução) dos Empréstimos:

§ 5º diz que os custos resultantes das ações judiciais, assim como os honorários do advogado, **correm por conta do acusado**.

Os Estatutos merecem algumas considerações, quais sejam: responsabilidade ilimitada, a duração da sociedade é de trinta anos, devendo ser renovada pela Assembleia a continuidade ou não, e proporcionar empréstimos somente a quem oferecer garantias.

ESTATUTOS DE 1923 e 1926

Os Estatutos de 1923 e 1926 são os mesmos, mudando apenas a sede. No entanto, o de 1923 é todo em Alemão, e o de 1926 já está transcrito todo em Português.

O Art. 7º diz que a sociedade se constitui sem capital, nos termos do

Art. 23 de decreto nº1.637, não sendo os sócios obrigados a fazerem entrada alguma em dinheiro pelo fato de sua admissão. Esse artigo encontra-se igualmente nos Estatutos de 1956 e 1966. O parágrafo único diz – quaisquer donativos ou contribuições que espontaneamente forem feitos por sócios ou pessoas estranhas à sociedade irão para o fundo de reserva.

Art. 8º - Parágrafo único - Os lucros verificados anualmente pelo balanço serão assim repartidos: a) 80% para o fundo de reserva; b) 20% a serem levados a um título especial, destinados para fins beneficentes ou outros, ou a qualquer despesa imprevista, que ficarão ao critério da Diretoria decretar o seu destino. **No Estatuto de 1956, muda-se o termo “lucro” por “sobras”.**

Arts. 13 e 26 dizem que os sócios são em número ilimitado, não sendo, entretanto, **esse número jamais inferior a sete**. Este número é igual no Estatuto de 1956.

Art. 25 diz que na Assembleia Geral Ordinária será eleito, anualmente, um Conselho Fiscal composto de três membros indefinidamente reelegíveis.

Art. 29 diz que todos os cargos da diretoria e do conselho fiscal são gratuitos. Idem no Estatuto de 1956.

Art. 30 Parágrafo único - Por constituírem bases essenciais do Sistema Raiffeisen, jamais poderão ser revogadas as disposições dos dois artigos precedentes e as que consagram para a Caixa Rural a responsabilidade pessoal, solidária e ilimitada de todos os sócios, e a indivisibilidade de lucros e fundos de reserva, mesmo em caso de dissolução da sociedade.

ESTATUTO DE 1956

Art. 1º muda a denominação para Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo.

Art. 27 diz que o Conselho Fiscal se compõe de três membros efetivos e de igual número de suplentes, uns e outros eleitos anualmente pela

Assembleia Geral Ordinária, **não sendo admitida a reeleição para o período imediato.**

ESTATUTO DE 1966

Art. 1º A Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo passará a denominar-se Cooperativa de Crédito Caixa Raiffeisen de Cerro Largo e reger-se-á pela legislação em vigor sobre Cooperativas desta natureza, pelas regulamentações baixadas pelo Banco Central da República do Brasil e por estes Estatutos.

Art. 11 Os associados serão em número ilimitado, **não podendo, porém, esse número ser inferior a nove.**

Parágrafo único – A Cooperativa, em caso de prejuízo, só recorrerá aos associados, rateando esse prejuízo entre eles, em partes iguais, quando os fundos diversos forem insuficientes para cobrir o mesmo prejuízo.

Art. 20 A votação nas Assembleias Gerais será por escrutínio secreto nas eleições para os cargos sociais e nas decisões sobre os recursos de associados nos casos de exclusão. Nos demais casos, será procedida pelo método simbólico, levantando-se os que aprovarem as propostas e fazendo-se a verificação pelo processo inverso.

Art. 21 As Assembleias Gerais, exceto o caso previsto no artigo 25 deste Estatuto, se constituem, funcionam e deliberam validamente com a presença mínima de um quinto dos associados em primeira convocação e com qualquer número deles na segunda, sendo ambas as convocações feitas em um único edital, com a antecipação mínima de oito dias, devendo a segunda e última reunião realizar-se duas horas após aquela em que se deveria realizar a primeira.

Art. 27 A Diretoria Administrativa é composta de três membros associados, brasileiros, eleitos por Assembleia Geral, e que ocuparão os cargos

de Presidente, Gerente e Secretário.

§ 1º Os membros da Diretoria Administrativa terão mandatos de três anos, podendo ser reeleitos ou destituídos pela Assembleia Geral.

§ 2º Os membros da Diretoria Administrativa e do Conselho Fiscal não podem ter parentes, até o terceiro grau, como também esses não podem integrar o quadro funcional da Cooperativa.

Art. 35 Parágrafo único – Os membros do Conselho Fiscal terão mandato por um ano, não podendo ser reeleitos para o período imediato.

Art.38 -As sobras líquidas apuradas em balanço terão as seguintes destinações: a) 10% para o Fundo de Reserva; b) 20% ao Fundo de Ação Social; c) 70% ao Fundo de Previsão e Desenvolvimento.

Art. 42 Qualquer reforma estatutária depende de prévia e expressa aprovação do Banco Central da República do Brasil para que possa entrar em vigor e produzir efeitos perante o Registro do Comércio.

Referente aos Estatutos de 1966, encontra-se, também, o primeiro Regimento Interno da Cooperativa. E o Artigo 7º é pitoresco, mas está assim redigido: “Além dos motivos de direito, a Diretoria Administrativa e, ouvido o Conselho Fiscal, excluirá o associado que **tiver perdido o direito de dispor livremente da sua esposa e bens.**”

Antes de passar para os Estatutos de 1969, é importante chamar a atenção para este longo período em que os associados tinham a responsabilidade ilimitada, isto é, todos os seus bens estavam comprometidos com a Caixa Rural União Popular e/ou Cooperativa, caso ocorresse algum problema.

Fazendo uma análise sob dois aspectos: como os associados interpretavam essa responsabilidade ilimitada, se a faziam, ou se isso os comprometia mais a um verdadeiro cooperativismo, com mais responsabilidade, mais honestidade e mais coerência? Pode-se, ainda,

perguntar: esta era a verdadeira ajuda mútua e/ou uma cultura de comprometimento?

ESTATUTO DE 1969

Art. 1º Muda novamente a denominação para: Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Limitada.

Art. 3º Fala que o capital social é variável e dividido em cotas-partes.

Art. 14 Diz que o associado se obriga a: a) subscrever e integralizar as cotas-partes de capital de acordo com o determinado neste estatuto; b) pagar joia de admissão, cujo valor não poderá ser superior ao das cotas-partes de capital; c) ter sempre em vista que a cooperativa é obra de interesse comum, à qual não se deverá sobrepor o interesse individualizado.

Art. 40 O Conselho Fiscal é constituído por três membros efetivos e igual número de suplentes, eleitos em Assembleia Geral Ordinária, sendo as substituições feitas pelos suplentes mais votados. Na hipótese de empate de votação, no critério de desempate prevalecerá o mais idoso. Parágrafo único – Os membros do Conselho Fiscal terão mandato de um ano, sendo permitida a reeleição de um terço dos efetivos e um terço dos suplentes.

Art. 43 Afirma que as sobras líquidas apuradas em balanço terão a seguinte destinação: a) prioritariamente, 10%, no mínimo, para o Fundo de Reserva; b) 10%, no mínimo, destinados ao Fundo para aumento de Capital; c) montante necessário à atribuição de juros ao capital realizado, à taxa que tiver sido fixada pela Diretoria Executiva, até o máximo de 12% ao ano; d) o restante será distribuído aos associados proporcionalmente ao volume das operações que tenham efetuado com a cooperativa. Parágrafo único – A Assembleia Geral Ordinária poderá determinar que as sobras líquidas, no todo ou em parte, sejam atribuídas aos associados em forma de aumento de cotas-partes do capital social.

Art. 49 Ressalva-se que qualquer reforma estatutária dependerá de prévia e expressa aprovação do Banco Central do Brasil para que possa entrar em vigor e produzir efeitos perante o Registro do Comércio.

ESTATUTO DE 1978

No Art.1º - letra b, amplia-se a área de atuação para 16 municípios: Cerro Largo, Roque Gonzales, São Paulo das Missões, Porto Xavier, Caibaté, Giruá, Guarani das Missões, São Luiz Gonzaga, Santo Cristo, Campina das Missões, Cândido Godói, São Nicolau, Porto Lucena, Santo Ângelo, Bossoroca e Santo Antônio das Missões.

Ressalva-se que essa foi a maior área de abrangência pela Cooperativa de Crédito. E, com certeza, muitas dificuldades para um atendimento aos associados, seja pelas distâncias, ou seja pelos deslocamentos. Mesmo assim, existem registros de que não havia sábados e domingos para o atendimento dos associados. O colaborador deslocava-se até a casa do agricultor para levar e buscar uma proposta em períodos de financiamentos das lavouras.

No Art. 2º, diz-se que a sociedade terá por objetivo a educação cooperativista e financeira, a prestação de assistência financeira aos seus associados, e procurará, ainda, fomentar a expansão do cooperativismo de crédito.

Ressalta-se neste artigo a preocupação com a educação cooperativista e financeira dos associados. Sem a impregnação dos princípios, será mais difícil o alcance dos objetivos. Essa prática foi alavancada a partir da implantação do programa “A União Faz a Vida” para as crianças e jovens em 1995.

No Art. 6º, § 1º, diz-se que o número de associados será ilimitado, **não podendo, entretanto, ser inferior a vinte e cinco.**

No art. 36, no § 1º, para a eleição dos membros do Conselho de

Administração proceder-se-á da seguinte forma:

- a) cada grupo de dez associados em condições de votar poderá apresentar candidatos para membros do Conselho de Administração, vagos ou a serem substituídos, numa lista que deverá ser afixada, com antecedência mínima de cinco dias da realização da Assembleia Geral, em local visível na sede social da cooperativa. Os proponentes e os candidatos assinarão a lista apresentada, estando essa logo abaixo de um termo de concordância;
- b) a votação será nominal nos candidatos e não na lista apresentada, devendo o associado eleitor votar em tantos nomes quantos devem ser eleitos;
- c) não havendo candidatos inscritos conforme o item “a”, a Assembleia Geral poderá fazer apresentações;
- d) em caso de empate, será considerado eleito o associado mais idoso. E no parágrafo 2º diz-se que os candidatos para membros do Conselho Fiscal serão sugeridos em plenário, na hora das eleições, sendo os mais votados os efetivos, e os demais, suplentes.

O Art. 38 observa que o Conselho de Administração será composto de cinco membros efetivos e três suplentes, todos associados, eleitos em Assembleia Geral para um mandato de quatro anos, podendo ser reeleitos ou destituídos em qualquer tempo em Assembleia Geral, observada a obrigatoriedade de renovação de no mínimo um terço de conselheiros.

O Art. 39 diz que os membros do Conselho de Administração escolherão entre si, logo após eleitos, durante a Assembleia que os elegeu, o Presidente, o Secretário e o Diretor Financeiro, sendo para tanto suspensos os trabalhos, devendo o fato constar na mesma ata da Assembleia.

O Art. 41 diz que o Conselho de Administração reúne-se, ordinariamente, uma vez por semana, com dia e hora previamente marcados e, extraordinariamente, sempre que necessário e por proposta de qualquer um dos seus integrantes, observando em qualquer caso as seguintes normas:

- a) as reuniões funcionarão com a presença mínima de três conselheiros;
- b) as deliberações serão tomadas por maioria simples de votos dos presentes, cabendo ao Presidente o voto de desempate;
- c) os assuntos tratados e as deliberações constarão em atas circunstanciadas e lavradas em livro próprio, assinadas pelos presentes ao final dos trabalhos.

O Art. 44 diz que são considerados cargos executivos o do Presidente, do Diretor Financeiro e do Secretário, escolhidos conforme o Artigo 39 deste Estatuto.

Após esse período, os Estatutos eram praticamente padrões e sistêmicos, isto é, eram idênticos em todas as Cooperativas de Crédito. Assim, encerra-se o capítulo sobre os Estatutos, os quais sempre foram fundamentais para a segurança das Cooperativas de Crédito e dos associados.

UM RECONHECIMENTO ESPECIAL

São inúmeras as pessoas que merecem menção pela trajetória de vida e pelos benefícios proporcionados em prol dos outros. Uns se destacam mais, exatamente por não esmorecerem diante dos obstáculos e dificuldades. Um desses é Ernst Rudolf Heinrich Schäfer, conhecido como Rudi Schäfer. Professor por profissão, pode ser considerado como um defensor dos princípios e valores cooperativistas do seu tempo. Resumidamente, referimos aqui algo de uma vasta obra e parte dessa escrita na *Folha da Produção* no período de junho a agosto de 1978 por uma fonte fidedigna.

Rudi Schäfer nasceu na Alemanha em 26 de julho de 1879. Com grande sacrifício de seus pais, formou-se professor. Diante das dificuldades e pouca mão de obra para o exercício do ofício, queria vir ao Brasil, mas como professor jamais conseguiria reunir os recursos financeiros para a longa viagem. Procurou um emprego temporário, com o qual conseguiu os recursos necessários. Em julho de 1907, embarcou no navio Santa Lúcia e escolheu a esmo regiões de colonização alemã, fixando-se inicialmente em Costa da Serra Montenegro, depois em Sinimbu, interior de Santa Cruz do Sul.

Tinha facilidade em línguas, o que lhe proporcionou dominar rapidamente o Português. Logo percebeu que existia um vasto campo de trabalho e muito a fazer. Pensou que aqui poderia extravasar a sua criatividade e o dinamismo de um empreendedor. Veio para ficar. Mas não para ficar só. Já radicado, mandou vir sua noiva, Magdalene Margarethe von Stolten. E o casamento realizou-se em Rio Grande em 13 de agosto de 1908, no dia em que ela chegou.

De 1912 a 1917, esteve em Pelotas, onde foi professor de Alemão na “Academia do Comércio” e redator do jornal “Deutsche Wacht”. Sendo de iniciativa particular (de um grupo de alemães), não contava com a proteção legal, lembrando-se do panorama mundial (1914-1918), a tipografia foi totalmente demolida e, após, ainda, incendiada. Schäfer costumava dizer, referindo-se ao episódio: “Tal prazer de destruir foi o fanatismo de uma ralé massificada, carente de discernimento e de bom senso, sem condições de distinguir entre uma obra cultural que visava o bem comum, a promoção social e os interesses políticos... num tempo em que ser de nacionalidade ou de origem alemã, por si só, era crime.”

Como morava no mesmo prédio, nada conseguiu salvar além da sua vida e de sua família. Tudo aconteceu do dia para a noite. Perdeu todos os seus pertences, documentos, material didático, biblioteca particular, tudo. Aliás, costumava lembrar comovido de uma exceção: um dos seus alunos conseguiu salvar-lhe a sua máquina de escrever. Essa se encontra no “Museu 25 de Julho”, em Cerro Largo. Refugiou-se, com sua mulher e as duas filhinhas, em Arroio do Padre, pequena colonização alemã no interior de Pelotas que o acolheu muito bem e aí exerceu o magistério.

Voltou uma única vez para a Alemanha, em dezembro de 1913 até janeiro de 1914, foi quando trouxe junto a máquina de escrever.

Em 1919, foi a Estrela onde editou diversos livros seus. Em 1924, com o objetivo de favorecer o estudo das filhas, foi para Porto Alegre. Em 1925, nova mudança, desta vez para Serro Azul. Logo percebeu a necessidade de dar continuidade aos estudos dos jovens e fundou uma escola supletiva, a “Fortbildungsschule”, na Linha São Salvador, com duas terminalidades: magistério (regente de classe) e contabilidade (auxiliar de escritório). Em 1927, tinha mais de 60 alunos. “Se os alunos nada aprendessem além de trabalhar, sem precisarem de constante incentivo nosso, teriam aprendido tudo o que um homem precisa saber para progredir na vida.” A síntese pedagógica era: “ensinar o que é útil para a vida, educando para o sentido da vida”. O professor

Rudi escreveu diversos livros, os quais foram utilizados pelo Rio Grande afora nas escolas teuto-brasileiras. Diríamos livros práticos e não teóricos, livros para o dia a dia dos alunos.

Em 1929 e 1930, foi professor no Colégio Centenário de Santo Ângelo.

Em 1931, inicia a sua função de secretariado e guarda-livros na Caixa Rural União Popular por um período de 11 anos. Como homem correto e experiente que era, a Caixa Rural não teve dificuldades em sua contabilidade, e tornou-se um exemplo em nível de Rio Grande do Sul. À Central das Caixas Rurais, dizia: “Se tiverem dúvidas de como agir e fazer, vão a Serro Azul e verifiquem “in loco”, lá funciona tudo muito bem”.

Em 1940, aos 61 anos, sofreu o primeiro derrame cerebral, ficando parcialmente paralisado, provavelmente por abusos sofridos, como perseguição, os quais não foram registrados para não polemizar ainda mais o fato. Faleceu no dia 9 de fevereiro de 1945. “A tortura não deveria ser admitida nem mesmo como hipótese, pois é atentatória à razão e aos avanços civilizatórios do ser humano. Pois a tortura, sob qualquer hipótese, é um crime igualmente covarde e afrontoso à dignidade humana” (Editorial do *Zero Hora* do dia 7 de junho de 2012, p.12). Essa grande região viveu e conviveu com a triste realidade deixada pelo rastro das duas Guerras Mundiais.

O professor Rudi, para a sua época, foi alguém com ideias avançadas, com um profundo respeito pela individualidade e liberdade da pessoa, por uma busca permanente da verdade, sem agressão e em defesa da liberdade civil, política e religiosa. São exemplos como esse que servem de inspiração para levar-se adiante o espírito cooperativista. Jamais se deve fugir dos sonhos, muito mais se forem em benefício das pessoas, propiciando, ao final, um lugar melhor de se viver, com escolas e comunidades, acreditando-se também num mundo melhor.

Vale a pena inserir aqui a homenagem feita a Rudi Schaeffer por ocasião da Reunião Extraordinária da Diretoria e do Conselho Fiscal da Caixa Rural União Popular de Serro Azul em 14 de fevereiro de 1941:

Livro de Protocollos da Caixa Rural União Popular.
de SERRO AZUL

SYSTEMA RAIFFEISEN — Decreto No. 1637 de 5 de Janeiro 1907

Acta da reunião extraordinária da Direcção e Conselho Fiscal da Caixa Rural União Popular de Serro Azul.

No quatorze dias do mez de Fevereiro de mil novecentos e quarenta e um, na sede da Caixa Rural e após a reunião ordinaria de costume, o presidente convocou esta reunião a fim de tratar o seguinte:

1.º Pedido de demissão do Sr. Rudi Schäfer, secretario da Caixa.

Foi notificado, que, devido ao lamentavel estado de saúde, bastante abalado ha alguns mezes, do sempre activo secretario desta cooperativa de credito, este, por sua vez, pediu irrevogavelmente a sua demissão. Reconhecendo o facto, o Sr. João Jeronymo Fracht pediu a palavra, propondo que a directoria concedesse, em vista do grande e relevante serviço prestado pelo incansavel cooperativista Sr. Rudi Schäfer, uma gratificação, supplemental de um conto de reis. Esta proposta foi aceite por unanimidade de votos, com expressão do voto de gratificação. Em seguida, o Sr. Victor Hoffmann Hafner, inspector das Caixas Federaes da União Popular do Estado do Rio Grande do Sul, agradeceu em nome da Central das Caixas Rurais de Porto Alegre ao Sr. Schäfer, pelo pratico raiffeiseanismo, sempre

Livro de Protocollos da Caixa Rural União Popular
de SERRO AZUL

SYSTEMA RAIFFEISEN — Decreto No. 1637 de 5 de Janeiro 1907

manifestado pelo seu espirito vola-
recedor. Por unanimidade de votos
foi acciida a proposta do sr. Inspecto,
pela qual este sendo louredo extress.
dineriamente e homenageado collega
Sr. Rudi Schäfer, o qual viverá sempre
nos annaes da Caixa Rural de Serro
Azul.

A proposta do Sr. João Jeronymo Bracht,
foi qualificada igualmente o Sr. Mi.
guell Serres, gerente da Caixa, por unani-
midade de votos, com expensas de toda
a gerente.

E por nada mais haver a tratar,
encerrou-se a presente reunião extra-
ordinaria, de qual eu Victor Affonso
Hafner, inspector das Caixas Confedera-
das, leavei a presente acta, a qual
assigno com os presentes membros
da Directorie e Conselho Fiscal.

Serro Azul, 14 de Fevereiro de 1941

Joze Ricaldo Colling

Affiquil Denis e comperticaç a portaguetaria.

Rudi Schäfer idem dito.

João Jeronymo Bracht

Bernardo Klemann

Henrique F. Roth

Victor Affonso Hafner, Insp.^o

Para não retornar inteiramente ao passado, uma vez que é recente, e como as cooperativas são formadas por seres humanos, lembra-se que o ser humano tem suas situações limites que, em cada momento, afetam profundamente a existência das pessoas: nascimento, infância, juventude, estado adulto, ancianidade e morte. Convém registrar, ainda, o reconhecimento ao colaborador e gerente, por muitos anos, senhor Adélio Hermeto Ruschel, pelos serviços prestados à Cooperativa. Foi o colaborador que mais tempo exerceu as suas atividades aqui e na Central em Porto Alegre, ultrapassando os 40 anos.

E, por fim, ao senhor Aloísio Dercino Ledur, conselheiro e vice-presidente da Sicredi Serro Azul-RS, que partiu de forma repentina, vítima de AVC, no meio do processo da “unificação das três cooperativas”. Foi defensor da unificação e, por isso mesmo, partiu de forma alegre, sorridente e com a missão cumprida. Carlos Drumond de Andrade dizia: “Eterno é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata...”

Por ocasião das homenagens a Dercino, por sua partida súbita e imprevista, convém mencionar, entre outras, as seguintes considerações: As palavras se calam, o coração chora, os olhos se enchem de lágrimas. Perde-se um grande amigo. Um amigo especial, correto, responsável, animado, positivo, sensível, amável, de coração inigualável, de sentimentos puros e verdadeiros. Um amigo para se guardar sob sete chaves, mesmo que o tempo e a



distância digam não. O sorriso estava sempre presente. O abraço apertado em cada cumprimento vai ficar marcado. As palavras de conforto e de incentivo estão em nossa memória. O amigo Aloísio Dercino cumpriu a sua missão. Quando Deus o colocou em nossos caminhos, tinha a certeza de que todos, ao seu redor, aprenderiam com sua experiência, seus ensinamentos e, principalmente, encantar-se-iam com o seu jeito. Deixou como exemplo a dedicação ao cooperativismo, um belíssimo trabalho desenvolvido, uma contribuição para a Cooperativa e para o Sistema Sicredi. Fez o que Paulo Coelho disse: “Viva intensamente cada momento como se fosse o único.” Por tudo isso, a nossa eterna gratidão.

Com essas pequenas histórias, nossa homenagem a todos os ex-presidentes, vices, gerentes, colaboradores e associados, hoje in memoriam.

Essa é a homenagem da Diretoria, dos Conselhos, da Superintendência, dos colaboradores e associados da Sicredi União RS.

PARTE II

CONHECENDO O PRESENTE PELA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Não é possível fazer um corte radical nos períodos históricos, uma vez que continuam interligados por um determinado tempo.

A partir dos anos de 1980, inicia-se, felizmente, para o cooperativismo, um novo período, com o surgimento de inúmeras novas Cooperativas de Crédito no Rio Grande do Sul e, inclusive, em outros Estados. Em nosso Estado, o rápido surgimento e a expansão das Cooperativas de Crédito a partir de 1980 devem-se ao acompanhamento e à assessoria da recém-criada COCECRER, depois transformada no Sicredi RS.

Trilhemos juntos essa trajetória, conhecendo melhor, nas páginas que seguem, a história cooperativista como um todo e não apenas da nossa região.

FUNDAÇÃO DA COCECRER

Como Filho (in: PINHO e PALHARES, 2004, p.265) diz “renascendo das cinzas e servindo de modelo”, foi criada a COCECRER – Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul Ltda. Diz ainda “que o brasileiro, por si só, é esperançoso no que acredita. Mas especialmente o povo gaúcho que viu suas cooperativas Raiffeisen desaparecerem de um momento para outro, por uma ação enérgica e inexplicável do Banco Central do Brasil”. Filho, ainda lembra que o gaúcho traz nas veias garra e tradição, inclusive cooperativismo, e foi isso que herdou de seus antepassados, e por isso nunca deixou de medir esforços nem sacrifícios para trazer de volta, das cinzas, os ideais que lhe foram roubados.

É imprescindível lembrar do verdadeiro cooperativista, profissional e conhecedor da realidade, Mário Kruel Guimarães, figura essencial para a criação da COCECRER-RS.

A criação da COCECRER-RS teve a participação de todas as nove cooperativas de crédito remanescentes, sendo fundamental também a participação da FECOTRIGO - Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do RS-, em todo o processo, que propôs uma estreita interação entre as Cooperativas Agropecuárias de grãos e as Cooperativas de Crédito de cada localidade, inclusive com frequência cedendo um espaço em suas instalações para a sede inicial da Cooperativa de Crédito. Sempre é oportuno reproduzir, ao menos em parte, o que efetivamente nos “salvou” e encaminhou para uma nova realidade.

E assim se manifestou Guimarães (in: Callai, 2008, p.99): “Qualquer trabalho que visasse à reestruturação do cooperativismo de crédito brasileiro tinha que começar pela integração das cooperativas pré-existentes. Foi o que fizemos, com sucesso, porque apoiados, firmemente, pelas direções de todas as antigas Caixas Rurais existentes.”

As mudanças nem sempre são compreensíveis por todos e também geram dúvidas e até desconfiças. Mas os empreendedores levam adiante o processo de evolução e de crescimento. Um segundo fator fundamental é a união de todos, ou mesmo a unificação, essencialmente em períodos de dificuldades. No caso, as dificuldades encontravam-se na legislação.

É algo incompreensível que ainda nas décadas de 1960 e 1970 os legisladores do tempo do Regime Autoritário, e numa perspectiva fortemente centralizadora e imbuída da visão de um poder nacional forte e concentrador, impusessem uma lei para “eliminar” gradativamente as Cooperativas de Crédito, tipo Raiffeisen, por tudo o que representaram em termos de protagonismo da sociedade civil e de inúmeros benefícios às comunidades interioranas. Os erros são passíveis de correção, mas não foram aceitos nem para a correção.

É importante verificar que, a partir desse fato, nascia o Sistema de Crédito Cooperativo do Rio Grande do Sul - Sicredi RS - que tinha como fundamento ou premissa básica a organização sistêmica.

Poderiam efetivar-se muitos registros sobre a criação da COCECER-RS, mas tem-se o orgulho de dizer que a região Noroeste participou de todo o processo e que agora dois participantes vão nos brindar com suas entrevistas.

Senhor Ademar Schardong, colaborador da Cooperativa de Crédito de Crissiumal, naquela época, e hoje Presidente Executivo do Sicredi, quando indagado de como ocorreu o processo de criação da COCECER - Cooperativa Central de Crédito do Rio Grande do Sul Ltda -, assim se expressou: “A

COCECRER foi a Central constituída em 1980, pelas nove Caixas Rurais remanescentes, objetivando retomar o desenvolvimento do Cooperativismo de Crédito Nacional voltado especialmente aos pequenos produtores, tempo em que a Caixa Rural de Cerro Largo, como fundadora, foi fundamental para a retomada das negociações de aprimoramento normativo com o Banco Central do Brasil.”

Qual foi a participação das Cooperativas de Crédito da Região Noroeste do Rio Grande do Sul na criação da COCECRER? Schardong diz: “À época, a região Noroeste contava com quatro Caixas Rurais: Cerro Largo, Guarani das Missões, as quais se uniram já no início deste século, Horizontina e Crissiumal. Todas foram de fundamental importância para a reconstrução do Cooperativismo de Crédito Nacional e, especialmente, para o desenvolvimento dessa região, após a mudança do modelo econômico instituído na Constituição Federal de 1988.”

Como ocorreu a formação da 1ª Diretoria? Schardong assim se expressa: “À época, a FECOTRIGO - Federação das Cooperativas de Trigo e Soja - reunia em seu quadro social as Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande, as quais atendiam a maioria absoluta dos pequenos produtores do Estado no processo de fornecimento de insumos, armazenagem, comercialização e industrialização da produção dessas famílias. Com a iminente escassez de crédito e potenciais consequências para aquelas cooperativas, a FECOTRIGO trouxe para a sua Diretoria o senhor Mário Kruehl Guimarães, ex-funcionário de carreira do Banco do Brasil, assessor especial do então Ministro da Agricultura e especialista em cooperativismo. Sob sua liderança e orientação, as nove Caixas remanescentes constituíram a COCECRER, recaindo a presidência e a vice-presidência na Caixa de Nova Petrópolis, senhor Werno Blásio Neumann, e na de Cerro Largo, senhor Anacleto Bertagnoli, diante da representatividade que as mesmas tinham no

conjunto das nove remanescentes e fundadoras da Central.”

A seguir perguntamos qual foi a importância da COCECRER para a sobrevivência das Cooperativas de Crédito? Schardong disse que “a constituição da Central, viabilizada pelas Caixas remanescentes, juntamente com a liderança institucional da FECOTRIGO, trouxe legitimidade ao movimento de reconstrução do Cooperativismo de Crédito contemporâneo. A partir desse movimento, instaurou-se a organização sistêmica das Cooperativas de Crédito, possibilitando a formação de rede de distribuição, responsabilidade solidária, verticalização para a necessária especialização operacional, entre outras. A partir desse movimento, foram criadas as condições para reverter o processo de extinção dessas poucas instituições no Rio Grande do Sul e em outros Estados brasileiros, bem como deu origem a um vertiginoso processo de constituição de novas Cooperativas de Crédito, especialmente no Sul do País, patrocinado pelas Cooperativas Agropecuárias. Não fossem essas iniciativas, certamente todas as Caixas Rurais da época não mais existiriam.”

Concluindo a entrevista, perguntou-se o que representa hoje a Cooperativa de Livre Admissão de Associados Serro Azul - Sicredi União-RS -, no contexto do Sistema Sicredi, na passagem do seu 1º Centenário? Assim se expressou Schardong: “Passados mais de 30 anos daquele movimento inicial, hoje as Cooperativas de Crédito estão consolidadas nas mais diversas regiões do País. A antiga Caixa Rural, ao incorporar mais duas grandes Cooperativas da Região - Santa Rosa e Santo Ângelo - deu lugar a uma das maiores Cooperativas de Crédito do Sicredi, contando, atualmente, com mais de cento e vinte mil associados e com um potencial de desenvolvimento muito relevante na região. Portanto, a Sicredi União RS, mais do que uma das maiores Cooperativas do Sicredi, representa a quebra de paradigma no processo de estruturação de uma grande instituição, racional nos seus processos de gestão

e de estrutura, sem perder o objeto societário - SER COOPERATIVA”. E concluiu “É muito gratificante poder comentar a história de uma organização que teve a capacidade de funcionar, ininterruptamente, por cem anos e se apresentar atualmente como a principal instituição financeira privada de uma vasta região produtiva do nosso Estado. Mais do que ter construído sua própria história, hoje se apresenta como INSTRUMENTO DE ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA DA SOCIEDADE, para orgulho de todas as pessoas que participaram de sua construção.”

Esse depoimento é um exemplo da relevância do protagonismo da sociedade civil, tanto para as cooperativas, quanto para a sociedade e a economia como um todo.

O segundo entrevistado foi Anacleto Bertagnoli, na época secretário executivo da Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Ltda – COOPERAL.

O primeiro questionamento: O senhor, sendo participante, como ocorreu o processo de constituição da COCECRER – RS? Expressou-se, assim: “Após o movimento militar de 1964, quando o País passou a ser governado pelas forças militares, e nas décadas de 1960 e 1970 do século passado, tempo em que houve uma grande reforma institucional, política, financeira, entre outras.”

O sistema creditício do País sofreu profundas alterações que afetaram as Cooperativas de Crédito existentes na época, cuja legislação não as amparava satisfatoriamente e, assim passaram a depender, unicamente, da prestação de serviços aos bancos financiadores do crédito rural, exercendo a função de interveniente na concessão de crédito rural aos pequenos agricultores, assumindo as responsabilidades na liquidação desses empréstimos, com um volumoso serviço de elaboração das propostas, cadastros, contratos e outros, obtendo, assim, uma remuneração (spread) baixa, beirando a humilhação, transformando essas cooperativas em meras

subservientes desses bancos, abarrotadas de serviços e responsabilidades e com resultados nem sempre favoráveis.

Era necessário que algo se fizesse para salvar essas cooperativas. Mas o quê? Como? Com que forças?

No Rio Grande do Sul, havia então nove desses estabelecimentos, praticamente todos em dificuldades, sobrevivendo teimosamente e nadando contra a corrente oficial reinante quer era hostil às cooperativas. Dentre esses, dois se sobressaíam. Um deles, o de Nova Petrópolis, por ser o mais antigo do Estado e sempre ter exercido a função de liderança, especialmente no sentido de manutenção do espírito que norteava a atuação das Cooperativas de Crédito, e outro, o de Cerro Largo, por ser o mais forte e mais bem estruturado, contando com um ótimo quadro social.

Os dirigentes das nove Caixas Rurais, já transformadas em Cooperativas de Crédito Rural, reuniam-se, vez por outra, para tratarem de assunto de interesses recíprocos, mas eram independentes, fragilizadas, e tinham até receio de esboçar qualquer reação ou iniciar algum movimento para seu fortalecimento, pois algumas pessoas olhavam com desconfiança e receio de perderam seus empregos, que já não eram lá essas coisas.

Ora, na mesma época, as Cooperativas de Produção também prestavam esse mesmo serviço aos bancos financeiros e também vinham enfrentando dificuldades financeiras. Foi quando a FECOTRIGO, que contava com bom suporte técnico, administrativo e financeiro, passou a desenvolver estudos de como melhorar essa situação e transformá-la em benefício das Cooperativas de Produção, porém batia de frente com a legislação, o que a levou a contratar os serviços profissionais do Dr. Mário Kruehl Guimarães, ex-funcionário de carreira do Banco do Brasil, pessoa com muito conhecimento e experiência na área creditícia, que direcionou os movimentos no sentido de se criar uma CENTRAL DE CRÉDITO unindo as nove Caixas Rurais (Cooperativas

de Crédito Rural), cuja central passaria a ter o apoio financeiro das Cooperativas de Produção, com uma atuação de mútua colaboração.

Essa central, em obediência à legislação vigente, só podia ser constituída única e exclusivamente pelas nove Caixas Rurais existentes (Cooperativas de Crédito Rural). Muitas reuniões foram realizadas, muito se discutiu e tudo saiu a contento, formalizando-se, assim, a constituição da – COCECRER – Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul Ltda, cuja primeira Diretoria foi composta, única e exclusivamente, por membros pertencentes às nove Cooperativas de Crédito Rural.

Por consenso, coube a presidência da COCECRER ao indicado pela Cooperativa mais antiga (Nova Petrópolis) e a vice-presidência ao indicado pela Cooperativa de Cerro Largo por ser a 2ª mais antiga e a mais forte dentre as nove. E as demais funções foram distribuídas entre as nove Cooperativas de Crédito Rural. Eram elas: Cooperativa de Crédito Rural Agudo Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Cerro Largo Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Crissiumal Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Guarani das Missões Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Horizontina Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Nova Petrópolis Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Panambi Ltda, Cooperativa de Crédito Rural Rolante Ltda e Cooperativa de Crédito Rural Taquara Ltda.

A seguir, Anacleto Bertagnoli foi questionado de como a Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo - COOPERAL - auxiliou no desenvolvimento da COCECRER? Disse que a “Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo - COOPERAL -, então sucessora da Caixa Rural União Popular de Cerro Largo, teve uma participação de vanguarda tanto na criação como no desenvolvimento da COCECRER, dentro de suas possibilidades, limitada aos poucos recursos que a nova entidade dispunha, sobressaindo-se na organização da Carteira de Crédito Agrícola da nova entidade, indicando o seu

funcionário Adélio Ruschel, um expert em crédito agrícola na época, com garantias de que seu emprego continuaria à sua disposição caso não desse certo o novo empreendimento”.

Também indagou-se sobre qual foi a importância da COCECRER para a sobrevivência das Cooperativas de Crédito. Ele assim se expressou: “Ora, as Cooperativas de Crédito Rural da época estavam em grandes dificuldades e a COCECRER as reuniu e deu-lhes uma maior dimensão e poder de barganha nos negócios. Claro que muitos interesses pessoais e de rupturas de hábitos causaram alguns transtornos e descontentamentos, perfeitamente previsível e até esperado. Mexer com uma estrutura assim implica implantar novos métodos de trabalho, com novos conceitos administrativos e gerenciais e ter uma visão mais ampla do seu mercado habitual. Tudo tem o seu tempo de maturação, e com a COCECRER não seria diferente. Com o passar do tempo, as coisas foram se ajustando. E a nova entidade firmou-se e criou conceitos, abriu fronteiras, estimulou a criação de novas cooperativas e firmou raízes, embora com muita dificuldade. A nova central rompeu barreiras em todos os sentidos e passou a ser copiada, originando várias Centrais de Crédito em outros Estados, as quais serviram de base para a formação do atual Sistema Sicredi”.

Perguntou-se, então: Que representava a Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo no contexto das mesmas? O entrevistado disse que “a Cooperativa sempre exerceu função de liderança do setor. Sem ela, provavelmente a criação da COCECRER teria encontrado mais dificuldades.”

E, por fim, perguntou-se: O que representa hoje a Sicredi União RS no contexto do Sistema Sicredi na passagem do seu 1º Centenário? Assim se expressou: “O Sistema Sicredi tem fortes raízes com Cerro Largo, pois foi construído tendo como uma de suas principais colunas de sustentação a COOPERAL - Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo - que sempre foi orgulho desta comunidade.”

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A história das Cooperativas de Crédito é perpassada por diversos momentos, ora fáceis, ora difíceis. No entanto, a maioria das dificuldades foi vencida pela obstinação de que era possível avançar. Muitas crises, legislação contrária e tantos outros obstáculos não foram suficientes para causar desânimo em quem acreditava no cooperativismo de crédito.

São pinçados alguns momentos históricos como recordação da evolução, mas fundamentais para o crescimento do cooperativismo de crédito. Não serão, porém, aprofundados, pois existe uma grande bibliografia sobre os assuntos.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL

A promulgação da Constituição Federal de 1988 representou, para o cooperativismo de crédito e para o cooperativismo em geral, nos mais diversos ramos, a possibilidade de atingir a autonomia operacional almejada, desde as origens do movimento no Brasil. O País recebia um novo ordenamento jurídico e as Cooperativas de Crédito figuravam nas páginas da nova Carta Magna, em pé de igualdade com os demais agentes do sistema financeiro, e continua ela afirmando que os entraves impostos pela Lei 4.595, de 1964, caíam por terra, e davam lugar a uma nova perspectiva de expansão para o cooperativismo de crédito. Os avanços obtidos com a Constituição de 1988 abriram caminho para futuras conquistas, com a livre admissão.

A fim de garantir na Constituição a inclusão do cooperativismo de crédito, organizou-se uma das maiores mobilizações do setor, sob a coordenação de Vergílio Perius, assessor parlamentar e contratado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Apesar das resistências, o cooperativismo conquistou espaço.

A defesa do processo foi realizada por Schardong, apud Pesavento, (2010, p.12) que assim se expressou: “As Cooperativas de Crédito não querem privilégios, mas a oportunidade de ampliar seus serviços financeiros e, conseqüentemente, expandir as possibilidades de desenvolvimento econômico, bem como um tratamento igualitário com os outros agentes do Sistema Financeiro Nacional.”

EXTINÇÃO DO BNCC

O BNCC - Banco Nacional de Crédito Cooperativo - tinha como objetivo apoiar as Cooperativas de Produção Agrícola e as Cooperativas em geral. É bom lembrar que o BNCC era um Banco Público e, por isso mesmo, diferente dos atuais Bancos Cooperativos Privados.

Palhares (2004, p.67) diz que “Apesar do BNCC ter sido um Banco Público, ele foi vítima de irregularidades, de acordo com histórias que corriam nos bastidores políticos. Estas irregularidades tiveram a influência de Ernane Galveas, então Ministro da Fazenda, cognominado de ‘**o grande exterminador de CREDIs**’ nos anos de 1960.”

Em 1990, foi eleito o Governo Collor, e entre os primeiros atos incluiu-se a liquidação do BNCC, tendo em vista as irregularidades acima citadas. Com a liquidação do BNCC, as Cooperativas de Crédito **tiveram que transferir na prática as contas bancárias ao Banco do Brasil, e esse se aproveitou desse fato para ter uma relação predatória e de submissão com relação às Cooperativas de Crédito, como nos afirma Palhares.**

Orlando Borges Muller, apud Pesavento (2010, p.27) da Central Sicredi Sul, assim se expressou: “O BNCC - Banco Nacional de Crédito Cooperativo -, que realizava a compensação das Cooperativas, foi extinto sem aviso prévio, transformando os cheques dos associados em papéis sem nenhum valor”. E continua: “O nosso canal de acesso ao mercado financeiro a para compensação e reserva bancária era feita pelo BNCC e, de um momento para outro, foi liquidado. Então nós ficamos com os cheques nas mãos dos associados, sem ter um mecanismo de liquidação dos mesmos.”

Em termos operacionais, a solução representava um transtorno para as cooperativas. O senhor Dorival Scheid, apud Pesavento (2010, p.29), que na época presidia a Cooperativa de Crédito de Cerro Largo, lembra do fato e faz o seguinte relato: “Diariamente era preciso percorrer o comércio local e os bancos para recolher os cheques e trocar por dinheiro, o que provocou o **surgimento da expressão cheque bicicleta**. Os nossos colaboradores, ao fim do dia, pegavam a sua bicicleta e faziam um rodízio pela praça, recolhendo os cheques das outras instituições, recomprando os cheques.” O senhor Eloy Kliemann, gerente na época, na mesma Cooperativa, assim se expressou: “Com relação aos planos econômicos, lançados pelo Governo ao longo dos anos, **o que mais atingiu as Cooperativas de Crédito foi o Plano Collor que extinguiu o Banco Nacional de Crédito Cooperativo - BNCC -, com o qual mantínhamos convênio para a compensação de cheques e Poupança Verde.**” E continua dizendo que, “como consequência, os cheques dos associados não tinham mais valor para a compensação, só podendo ser trocados no caixa da Cooperativa. Além disso, os depósitos em poupança ficaram bloqueados, inclusive os valores abaixo do máximo permitido, pelo Governo da época, para saques, o que gerou muito descontentamento por parte dos nossos associados. Esses valores só foram liberados 90 dias após a interferência da COCECRER-RS.” E expôs ainda: “Um outro fato que nos prejudicou com o Plano Collor foi o bloqueio dos recursos que nossos associados possuíam em conta corrente ou aplicados no Over Night, os quais foram bloqueados, sendo permitido a cada associado sacar no máximo CR\$50,00 (cinquenta cruzados); e nós que tínhamos aplicado na mesma modalidade no Banco do Brasil tínhamos o mesmo limite. É possível imaginar a ginástica que foi feita para pagar nossos associados com o dinheiro que tínhamos em caixa e os CR\$50,00 que podíamos sacar no Banco. Felizmente muitos associados vieram depositar e, com um pouco de conversa, conseguimos contornar a situação que causou

muita dor de cabeça e muitas noites de insônia.”

Outro colaborador fez um relato das dificuldades ocorridas nesse período e do tratamento recebido expressando-se assim: “Quando não tínhamos compensação, os cheques eram trocados por outro cheque administrativo da Cooperativa. Tínhamos, na época, essa troca, no Banco do Estado do Rio Grande do Sul - Banrisul, Sul Brasileiro e Caixa Econômica Federal. Funcionava da seguinte maneira: “No final do dia, os próprios funcionários dessas instituições financeiras traziam todos os cheques recebidos no dia, com uma fita do somatório, a qual era conferida, e então se emitia um cheque administrativo da Cooperativa (Conta no Banco do Brasil) que ia para a compensação. Caso algum cheque fosse sem fundos (o que era raro naquela época), no dia seguinte era devolvido a essas instituições. Na verdade, era comprado com devolução em espécie. No Banco do Brasil, onde a Cooperativa movimentava toda a disponibilidade, era diferente. Os caixas do Banco do Brasil copiavam um “slip” de débito pelo valor do somatório de todos os cheques daquele caixa e debitavam, por lotes, na conta da Cooperativa no Banco do Brasil. Então, todos os dias, um colaborador (funcionário) da Cooperativa, no final do expediente, ia ao Banco do Brasil efetuar os depósitos das disponibilidades em espécie (dinheiro), inclusive todos os cheques de todas as instituições recebidos em depósitos e/ou de pagamentos efetuados na Cooperativa. Era nessa ocasião que eram recolhidos, em cada caixa, aqueles lotes (somatórios de cheques de associados da Cooperativa recebidos pelo Banco naquele dia). **Acontece que éramos muito mal atendidos, aliás, éramos os últimos a ser atendidos, muitas vezes com gozações e chacotas do tipo “quem vai atender os ‘arigós?’ ou “lá vêm os ‘coiós’ da Cooperal”.** Quando podiam nos deixar esperando, mesmo não havendo outros clientes para serem atendidos no Banco, isso parecia uma realização, sempre éramos os últimos. “Eu mesmo convivi com esse

constrangimento por várias vezes”, disse o colaborador da Cooperal.

Ainda com relação aos cheques sem compensação, mais um exemplo do quanto havia honestidade por parte dos associados com a sua Cooperativa, diz o colaborador: “Tínhamos um bloquinho de 10 (dez) folhas de cheques de papel “tipo jornal”, bem fininho, amarelo, sem personalização, e apenas as folhas eram numeradas. Assim, quando o associado necessitava de um talão, vinha no balcão, solicitava-o e, então, registrava-se a punho o número da conta do associado em cada folha e pronto! Lá ia o associado emitindo cheques. Não havia segurança alguma, inclusive se em algum fim de semana, num clube ou num jogo de futebol, algum associado não tivesse o talão, pedia emprestado uma folha do vizinho ou amigo, riscava o número da conta e registrava naquela folha o número de sua conta e pronto! Funcionava assim e ninguém usava da malandragem ou fraudes.”

O fato a seguir registrado é fundamental em qualquer sociedade, uma vez que apresenta em seu bojo igualmente a **honestidade**, e mais ainda para o cooperativismo. O caso é fruto de uma sociedade corrompida, ou melhor, de pessoas que procuram sempre benefícios próprios.

Foram muitos os casos nos Municípios afora. É interessante fazer o registro para não ser esquecido o que ocorreu na prática, em muitas situações. Um colaborador, hoje aposentado, fez um registro real ocorrido com ele quando fora designado para exercer vistoria de lavouras, uma vez que diversas propriedades tinham sido beneficiadas com o custeio agrícola. Existiam algumas exigências, entre as quais, se a lavoura efetivamente existia, se a área era real, se havia trabalho contra a erosão e limpeza, etc.

Numa determinada linha, diz o colaborador: “Encontrei um associado que fizera custeio em três lugares: na COOPERAL, no Banco do Brasil e na Cotrisa. Conclusão: recebeu três vezes para o mesmo plantio.”

Como havia ocorrido uma estiagem, a colheita também foi frustrada.

Pretendia requerer o Proagro e, provavelmente, nos três lugares. O colaborador fez os devidos registros no relatório e aconselhou o agricultor a efetuar o pagamento e ficar quieto para não se complicar.

Um dia a esposa dele foi à Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Ltda para pagar o custeio. Quem estava no caixa era o colaborador que fez a fiscalização. Quando a mulher o visualizou, começou um xingatório. Diz o colaborador: “Fui xingado, injuriado, blasfemado e outros termos, tudo em voz alta na presença de muitos associados da Cooperativa, e ela disse ainda que eu era um colaborador incompetente, injusto e tantos outros sinônimos.” Nesse episódio, acima de tudo, valeu o **exemplo e a honestidade** do colaborador.

Orlando Borges Müller, apud Pesavento (2010, p.29), faz a seguinte observação: “A gente só conseguiu vencer pelo comprometimento que tinham os associados com o empreendimento cooperativo. Os associados permaneceram firmes com a Cooperativa, respondendo com a fidelidade esperada.” Realmente a extinção do BNCC trouxe muitas dificuldades para as Cooperativas de Crédito. No entanto, todas foram vencidas pela obstinação dos associados, dirigentes e colaboradores.

Apesar da perplexidade em frente ao colapso total das operações, as Cooperativas de Crédito se uniram e foram em busca do objetivo, que era a criação de um banco cooperativo.

SICREDI

SISTEMA DE CRÉDITO COOPERATIVO

Outro fato histórico de suma importância foi a criação da marca única. Apesar da resistência de muitos dirigentes, foi aceita a unificação de imagem das cooperativas de crédito, o que efetivamente ocorreu a partir de uma Assembleia Extraordinária realizada em Gramado, no dia 10 de julho de 1992, passando a denominação para SISTEMA DE CRÉDITO COOPERATIVO – SICREDI.

Pagnussat (2004, p.60) afirma que, a partir de 1980, o cooperativismo de crédito iniciou um novo processo de crescimento, passando para a organização sistêmica, alicerçada na padronização administrativa e operacional e na marca única – Sicredi – Sistema de Crédito Cooperativo.

O novo padrão de governança consistia no seguinte: “Adoção de marca única; visual interno e externo único; estrutura administrativa padronizada; política de remuneração padronizada; produtos e serviços padronizados por categorias de cooperativa; administração financeira da liquidez conduzida exclusivamente pela Central ou Banco Cooperativo; manuais operacionais elaborados pela Central; política de supervisão única, com planejamento conjunto e execução dos serviços pela Central; norteadores estratégicos (visão, missão, valores e princípios) únicos; política de gestão financeira unificada; política de relacionamento com o quadro social, público alvo e área de ação em conjunto.”

A padronização foi algo muito bem pensado e estava baseada em diversas experiências mundiais, apesar das resistências que gradativamente perdiam força, tendo em vista os resultados visíveis aos associados em suas

Cooperativas. Dorival Scheid, apud Pesavento (2010, p.12), que presidia a Sicredi Serro Azul-RS, em Cerro Largo, assim se expressou: “De um dia para outro, nós tínhamos mais de cinquenta Cooperativas com a mesma marca, que até então não eram notadas. Os associados comentavam: “ O que está ocorrendo que agora está cheio de Sicredi?”. A imagem do Sicredi passou a integrar a vida das comunidades.

NASCIMENTO DO BANCO COOPERATIVO SICREDI

O Banco Central autorizou e regulamentou por meio da Resolução nº 2.193, de 31-8-1995, a criação de Bancos Comerciais Cooperativos.

Freitas (in PINHO e PALHARES, 2004, p.93) diz: “Nosso sonho - é bom sonhar - é o de que todo o Sistema Cooperativista, em futuro não distante, possa ser poupador, financiador e usuário do Sistema de Crédito Cooperativo. Em outras palavras, que o Sistema de Crédito Cooperativo possa estar a serviço de todas as Cooperativas, de todos os ramos.”

Schardong (apud PINHO e PALHARES, 2004, p.179) diz que “os bancos cooperativos eram peças indispensáveis às Cooperativas de Crédito para que estas pudessem acessar os mecanismos operacionais próprios dos bancos comerciais, sem perderem a condição societária particular de ser cooperativa”.

Assim, **em 1996, foi instalado, em Porto Alegre, o Banco Cooperativo Sicredi.** Frisamos que na época as Cooperativas de Crédito integrantes do Sicredi eram restritas ao Estado do Rio Grande do Sul, as quais constituíram o **“primeiro banco cooperativo privado brasileiro”.**

Schardong (apud PINHO e PALHARES, 2004, p.179) diz que “A constituição do Banco Cooperativo era necessária para a sobrevivência do

sistema, face ao alto custo dos serviços que lhes eram cobrados pelos bancos que ainda concordavam em prestar-lhes os serviços de compensação de cheques e outros papéis indispensáveis para a existência da própria Cooperativa.”

Desde a sua fundação, o **Banco Cooperativo Sicredi** proporcionou as bases para o crescimento sustentado do Sistema, fortalecendo a credibilidade e contribuindo para a solidez.

As Cooperativas de Crédito (2004, p.180) que constituíram o Banco Cooperativo Sicredi, com capital de R\$7.500.000,00 (sete milhões e quinhentos mil reais), foram as seguintes:

| COOPERATIVA | MUNICÍPIO | Ações Ordinárias | Ações Preferenciais | Total |
|------------------------------|--------------------|------------------|---------------------|-------------------|
| COOP. CENTRAL DE CRÉD. DO RS | Porto Alegre | 2.250.000,00 | | 2.250.000,00 |
| CCR* AGUDO | Agudo | 8.487,00 | 21.218,00 | 29.705,00 |
| CCR AJURICABA | Ajuricaba | 28.486,00 | 71.214,00 | 99.700,00 |
| CCR ALEGRETE | Alegrete | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR AUGUSTO PESTANA | Augusto Pestana | 34.646,00 | 86.616,00 | 121.262,00 |
| CCR BAGÉ | Bagé | 37.683,00 | 94.232,00 | 131.915,00 |
| CCR CAÇAPAVA DO SUL | Caçapava do Sul | 26.359,00 | 65.897,00 | 92.256,00 |
| CCR CAMPO NOVO | Campo Novo | 21.263,00 | 53.158,00 | 74.421,00 |
| CCR CANDELÁRIA | Candelária | 286,00 | 714,00 | 1.000,00 |
| CCR CARAZINHO | Carazinho | 286,00 | 714,00 | 1.000,00 |
| CCR CARLOS BARBOSA | Carlos Barbosa | 23.712,00 | 59.281,00 | 82.993,00 |
| CCR CERRO LARGO | Cerro Largo | 40.296,00 | 100.740,00 | 141.036,00 |
| CCR COLORADO | Colorado | 31.770,00 | 79.424,00 | 111.194,00 |
| CCR CRISSIUMAL | Crissiumal | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR CRUZ ALTA | Cruz Alta | 28.789,00 | 71.972,00 | 100.761,00 |
| CCR ENCANTADO | Encantado | 28.133,00 | 70.332,00 | 98.465,00 |
| CCR ERECHIM | Erechim | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR ESPUMOSO | Esoumoso | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR FAXINAL DO SOTURNO | Faxinal do Soturno | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR FREDERICO WESPHALEN | Fred. Wesophalen | 2.166,00 | 5.415,00 | 7.581,00 |
| CCR ESTACÃO | Getúlio Vargas | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR HORIZONTINA | Horizontina | 2.431,00 | 6.078,00 | 8.509,00 |
| CCR IBIRAIARAS | Ibiraíaras | 8.306,00 | 20.766,00 | 29.072,00 |
| CCR IBIRUBÁ | Ibirubá | 286,00 | 714,00 | 1.000,00 |
| CCR ITAQUI | Itaqui | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |

| | | | | |
|--------------------------|----------------------|-----------|-----------|------------|
| CCR JACUTINGA | Jacutinga | 17.397,00 | 43.493,00 | 60.890,00 |
| CCR JAQUARI | Jaquari | 9.653,00 | 24.132,00 | 33.785,00 |
| CCR JULIO DE CASTILHOS | Julio de Castilhos | 1.992,00 | 4.981,00 | 6.973,00 |
| CCR LAGOA VERMELHA | Lagoa Vermelha | 2.948,00 | 7.369,00 | 10.317,00 |
| CCR MARAU | Maraú | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR NÃO-ME-TOQUE | Não-Me-Toque | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR NOVA PALMA | Nova Palma | 33.730,00 | 4.324,00 | 118.054,00 |
| CCR NOVA PETROPOLIS | Nova Petrópolis | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR PALMEIRA DAS MISSÕES | Palmeira das Missões | 37.198,00 | 92.996,00 | 130.194,00 |
| CCR PANAMBI | Panambi | 25.372,00 | 63.431,00 | 88.803,00 |
| CCR PASSO FUNDO | Passo Fundo | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR PELOTAS | Pelotas | 286,00 | 714,00 | 1.000,00 |
| CCR RODEIO BONITO | Rodeio Bonito | 39.092,00 | 97.729,00 | 136.821,00 |
| CCR ROLANTE | Rolante | 4.783,00 | 11.957,00 | 16.740,00 |
| CCR ROSARIO DO SUL | Rosário do Sul | 17.462,00 | 43.654,00 | 61.116,00 |
| CCR SANANDUVA | Sananduva | 20.959,00 | 52.397,00 | 73.756,00 |
| CCR SANTA BÁRBARA DO SUL | S. Bárbara do Sul | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR SANTA CRUZ DO SUL | Santa Cruz do Sul | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR SANTA MARIA | Santa Maria | 37.119,00 | 92.797,00 | 129.916,00 |
| CCR SANTA ROSA | Santa Rosa | 39.988,00 | 99.970,00 | 139.958,00 |
| CCR SANTIAGO | Santiago | 39.396,00 | 98.489,00 | 137.885,00 |
| CCR SANTO ÂNGELO | Santo Ângelo | 7.797,00 | 19.493,00 | 27.290,00 |
| CCR SANTO AUGUSTO | Santo Augusto | 36.798,00 | 91.995,00 | 128.793,00 |
| CCR SÃO BORJA | São Borja | 16.597,00 | 41.492,00 | 58.089,00 |

*CCR = leia-se Cooperativa de Crédito Rural.

Observa-se que alguns valores não fecham no somatório, mas os registros são esses, constantes da fonte acima citada.

Um total de 60 cooperativas de crédito integraram o então BANSICREDI, hoje Banco cooperativo.

Analisando o quadro acima das cooperativas que aderiram à fundação do então BANSICREDI, têm-se as seguintes considerações a fazer:

Destaca-se, das 58 cooperativas presentes na fundação do BANSICREDI, a CCR de Cerro Largo, com o maior volume de ações ordinárias e preferenciais, com um total de **R\$ 141.036,00**, representando 1,88% do capital geral de **R\$ 7.500.000,00**. As 20 maiores cooperativas em volume de ações ordinárias e

preferenciais contribuíam com 36,68 % do total do Banco. A Cooperativa Central de Crédito contribuía com outros 30,00%, perfazendo um total de 66,68% entre as 20 maiores e a Central Cooperativa. As demais 39 cooperativas médias e pequenas contribuíram com 33,32% do total dos **R\$ 7.500.000,00, ou seja, praticamente 2/3 dos recursos financeiros globais cabiam a 1/3 das cooperativas, ou seja, as 20 maiores cooperativas, mais a Central.**

LIVRE ADMISSÃO DE ASSOCIADOS

Com todos os avanços ocorridos em prol do cooperativismo de crédito, faltava algo para a expansão definitiva. Ela surgiu com a Resolução nº 3.106, aprovada em 25 de julho de 2003, bem como com as Resoluções de nº 3.321, de 30 de setembro de 2005, e de nº 3.442, de 28 de fevereiro de 2007. **As Resoluções do Conselho Monetário Nacional permitiram “a constituição de Cooperativas de Livre Admissão de Associados”.** Cada Resolução tinha as suas características e a relevância das mesmas para o crescimento do Sicredi e sua sustentabilidade.

A Livre Admissão de Associados para o Sicredi foi o que, na prática, dirigentes e associados aguardavam há muito tempo. Com mais recursos, mais negócios e agora com mais sobras, deu-se, em consequência, a expansão do Sicredi para novos municípios e Estados.

O objetivo central das Resoluções foi o estímulo à ocupação de novas regiões menos favorecidas, o que foi atingido com pleno êxito.

Porém, na perspectiva da Livre Admissão, coube às Cooperativas de Crédito evitar o maior número possível de ingresso desordenado de um turbilhão de pessoas. Se caso ocorresse essa desordenação de ingressos, seria uma anarquia interna para as Cooperativas de Crédito, pois cada vez mais pessoas não saberiam como, o quê e de que forma interagir com a Cooperativa, ignorando sua visão de sociedade, de organização da economia, de empresa e de organização do próprio trabalho, seus valores, princípios e normas. Enfim, ignorarem seu diferencial e sua especificidade no mercado.

PARTE III
OS ATUAIS MUNICÍPIOS
DA SICREDI UNIÃO RS

ATUAIS MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO DO SICREDI/RS

Sicredi União RS



SICREDI UNIÃO - RS

A Sicredi União – RS destaca-se por inúmeros fatores, entre os quais, o número de associados que ultrapassa os cento e vinte mil; uma população de mais de 452.739 pessoas, conforme o IBGE 2010, o que representa uma média de 26,73% de associados, bem acima da densidade da população brasileira cooperativada, que é de apenas 5,1%, numa vasta área territorial, entre outros. Apresenta-se um pequeno histórico dos Municípios e o que representa a Unidade de Atendimento da Sicredi. Não é objetivo aprofundar nem descrever a história do Município e sim apresentar algumas características, talvez desconhecidas por um determinado universo de leitores, bem como tornar a Sicredi União RS, mais conhecida em sua realidade.

Sicredi União RS. Em relação a 2012, a SUREG - Superintendência Regional - administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência, um total de R\$ 693.741.875,00 (seiscentos e noventa e três milhões, setecentos e quarenta e um mil e oitocentos e setenta e cinco reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 617.735.793,00 (seiscentos e dezessete milhões, setecentos e trinta e cinco mil e setecentos e noventa e três reais). Conta com uma equipe de 589 colaboradores para atender seus associados, o que equivale a 203 associados por colaborador.

Optou-se em efetivar a apresentação pela ordem alfabética dos municípios, mas poderia ser por antiguidade, o que não alteraria o resultado.



SUREG

ALECRIM

Alecrim situa-se na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, pertence à microrregião da Grande Santa Rosa. Os primeiros habitantes foram os índios da Tribo Guarani, povoadores das margens do rio Uruguai, como provam as urnas funerárias e diversos outros objetos indígenas encontrados no município, principalmente nas localidades de Lajeado Tigre, Lajeado Silva e Porto Biguá.

Ao efetuarem a demarcação e medição das terras, os funcionários da Inspeção de Terra de Santa Rosa, na década de 1930, montaram o acampamento, ao qual denominaram “Acampamento de Alecrim”, pois o mesmo estava situado à sombra de grandes árvores de alecrim e que se tornou

ponto de parada para os viajantes. Assim, derivando da denominação do acampamento, ficou o nome da nova colonização, que posteriormente foi adotado pelos primeiros moradores que chegaram em 1933.



Nesse município, a Unidade da Sicredi foi inaugurada em 9 de junho de 2003. Iniciou suas atividades com três colaboradores. Caracteriza-se por estar situada num Município que faz fronteira com a República da Argentina e com estrutura fundiária composta por pequenas propriedades rurais, distribuída em 44 comunidades.

A Unidade de Atendimento da Sicredi desempenha papel fundamental na comunidade, propiciando desenvolvimento econômico e social, tanto no cenário urbano quanto no rural, por meio da disponibilidade das linhas de crédito dos mais diversos segmentos e da disponibilidade dos produtos e

serviços.

A unidade de atendimento possui no Município 2.280 associados de uma população total de 7.045 habitantes, o que representa 32,36% da população, bem alta em relação à proporção de 5,1% de população cooperativada do Brasil. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência, um total de R\$ 11.122.078 (onze milhões, cento e vinte e dois mil e setenta e oito reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 8.150.039 (oito milhões, cento e cinquenta mil e trinta e nove reais). Conta com uma equipe de dez colaboradores para atender seus associados.

BOSSOROCA

De 1626 a 1707, o período da fundação das Reduções Jesuíticas, o território missioneiro era habitado pelos índios, predominando os guaranis. Todo esse território estava sob o domínio espanhol.

Bossoroca tem a sua origem no período jesuítico, com enormes extensões de campos e criação de gado. A origem do nome descende do vocábulo guarani **Iby-soroc**, **Iby significa terra e soroc fenda profunda**, de onde se originou o nome Boçoroca e hoje Bossoroca. No decorrer da sua história, ocorreram diversas denominações, dependendo do período histórico. Iniciou por Rincão Icamaquã, Capão da União, Vila dos Cataventos, Vila Boçoroca, Igrejinha e, por último, Bossoroca.

Tem uma rica história e que necessita ser preservada para que o cooperativismo floresça cada vez mais. Bossoroca tem como cognome **BUENA TERRA MISSIONEIRA**.



A Unidade da Sicredi de Bossoroca iniciou as suas atividades em 7 de maio de 2001, fazendo parte inicialmente da Sicredi Missões, com o objetivo de auxiliar na economia por meio da agregação de renda aos seus associados, sempre buscando a parceria como solução, e também contribuindo para o desenvolvimento do Município. A Sicredi faz parte da comunidade com um papel fundamental, propiciando e colaborando no desenvolvimento econômico e social do Município por meio das linhas de crédito para produtores rurais e também para o público urbano, sendo que o Município é totalmente agropecuário.

Nesse Município a Sicredi possui 1.764 associados de uma população total de 6.887 habitantes, o que representa 25,61% de densidade populacional cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em

Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 7.620.329 (sete milhões, seiscentos e vinte mil e trezentos e vinte e nove reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 7.557.941 (sete milhões, quinhentos e cinquenta e sete mil e novecentos e quarenta e um reais). Conta com uma equipe de oito colaboradores para atender seus associados.

CAIBATÉ

O Município está localizado no centro da região das Missões, por isso o cognome **“O Coração das Missões”**. Inicialmente era conhecido por Colônia Rondinha, mais tarde passou a ser chamado Santa Lúcia (padroeira). Porém, em 29 de dezembro de 1944, foi assinado o Decreto-Lei nº 72, pelo Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul, quando da reforma geral no País, por influência do IBGE, e o então distrito de Santa Lúcia passou a denominar-se Caibaté.

Caibaté, nome guarani, consiste em uma corruptela da expressão CAIBOATHÉ, integrante da Língua Guarani que, por sua vez, tem a origem mais remota em outra expressão – **“COH – IGUA – TÉ”** – que significa **“MATO ALTO COM MUITAS FRUTAS”**, ou seja, **cohi = mato alto, gua (transformado em “m”) = frutas, te = denso (quantidade)**. Os fundadores chegaram em 1800, eram de origem portuguesa (origem lusa) e dedicavam-se à criação de gado bovino (pecuária).

O Santuário do Caaró, considerado o principal atrativo turístico, é um local religioso onde se venera o martírio dos três mártires jesuítas: João de Castilhos, Afonso Rodrigues e Roque Gonzales. A capela é localizada em uma colina repleta de campinas e matas virgens.



A Unidade da Sicredi de Caibaté conta também com um Posto Avançado de atendimento no Município de Mato Queimado. Ambos os pontos de atendimento vêm escrevendo sua história nesses municípios desde 1993 e 2001, respectivamente. Com o diferencial competitivo de ser a instituição financeira da comunidade, a Sicredi, ao longo dos mais de 19 anos de atuação nesses municípios, vem contribuindo com o desenvolvimento dessas comunidades ao ponto de não ser possível desmembrar a história do Município e da Cooperativa.

Os colaboradores buscam constantemente estender à comunidade oportunidades de crescimento financeiro e social para o desenvolvimento constante da sociedade e da qualidade de vida dos munícipes. Em ambos os municípios, a presença da Sicredi tem sido fundamental para o equilíbrio dos

negócios, principalmente no Município de Mato Queimado onde, por mais de 10 anos, foi a única instituição financeira presente na comunidade.

Em Caibaté e Mato Queimado, a Sicredi possui 2.273 associados de uma população total de 6.753 habitantes, o que representa 33,66 % da população que é cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 11.843.640 (onze milhões, oitocentos e quarenta e três mil, seiscentos e quarenta reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 13.704.726 (treze milhões, setecentos e quatro mil, e setecentos e vinte e seis reais). Conta com uma equipe de 12 colaboradores para atender seus associados.

Avaliando a participação de mercado da Sicredi de Caibaté e o histórico de crescimento, percebe-se que a cada dia o cooperativismo está se desenvolvendo dentro da comunidade, e a Sicredi é reconhecida, cada vez mais, como a Instituição Financeira Cooperativa por excelência.

MATO QUEIMADO

Mato Queimado é um dos mais jovens municípios da região das Missões, no noroeste gaúcho. Localizado entre os municípios da Rota Missões, faz parte de uma importante história cultural que teve início com a chegada dos índios guaranis que povoaram o Rio Grande do Sul há mais de quatro séculos. Viu chegar os padres jesuítas que traziam a importante missão evangelizadora da Companhia de Jesus. E, a partir da guerra guaranítica, tornou-se testemunha ocular do desenvolvimento das terras colonizadas no noroeste gaúcho.



Por que Mato Queimado? Todos os estudos feitos indicam que Mato Queimado tem esse nome por ter sido atingido por um vendaval que derrubou uma faixa larga de mato, na qual foi posto fogo, o que culminou para o nome: Mato Queimado. Possui uma economia baseada no setor primário e vem se destacando pela união do seu povo para o alcance de objetivos comuns.

O incentivo às culturas gaúcha e alemã mostra aos jovens e à sociedade a importância de se cultivar costumes, danças, credos e lendas e de manter-se viva a história de um povo. Por isso são incentivados e promovidos grupos de danças e atividades referentes às tradições culturais.

CAMPINA DAS MISSÕES

Campina das Missões tem sua origem na colonização oficial do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1909. A colonização da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e, mais precisamente, da microrregião do Grande Santa Rosa, integrou o plano político do então Governador Borges de Medeiros que, promovendo a criação de novas colônias, objetivava a ocupação definitiva do Estado.

Os colonizadores da etnia alemã, já acostumados às dificuldades das “Colônias Velhas”, adaptaram-se com mais facilidade ao meio local e com sua história, cultura, trabalho e atuação social estabeleceram o perfil do Município, juntamente com as outras etnias que ali se estabeleceram. Os colonizadores da etnia russa apresentaram mais dificuldades de adaptação devido ao clima que aqui encontraram. Estavam acostumados ao frio do seu país de origem, a Sibéria. Hoje, **Campina das Missões possui uma das maiores colônias de descendentes russos do Rio Grande do Sul.**



A Unidade da Sicredi de Campina das Missões iniciou suas atividades em 1º de julho de 1988 nas instalações da Cotrirosa. São vinte e quatro anos que a Sicredi vem contribuindo para o crescimento do Município, buscando sempre bem atender os associados. Oferece diversas linhas de crédito e produtos nas mais variadas finalidades, tanto para o setor agrícola quanto para o urbano.

Nesse Município a Sicredi possui 2.585 associados de uma população total de 6.117 habitantes, **o que representa 42,25% da população local que é cooperativada, proporção alta, equivalente à de países desenvolvidos.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 20.742.185 (vinte milhões, setecentos e quarenta e dois mil e cento e oitenta e cinco reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 10.739.408 (dez milhões, setecentos e trinta e nove mil e quatrocentos e oito reais). Conta com uma equipe de 12 colaboradores para atender seus associados.

A comunidade acredita na Sicredi, e essa é considerada a instituição financeira da comunidade, que atende todos indistintamente e que coopera para o desenvolvimento. Os princípios e valores do cooperativismo são percebidos pelos associados, pois participam das decisões e acompanham o que foi planejado, fortalecendo, dessa forma, o relacionamento entre o associado e a instituição, perenizando o cooperativismo de crédito.

CÂNDIDO GODÓI

Cândido Godói está localizada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Antigamente foi habitado por índios do grupo dos guaranis e do subgrupo dos tapes. Após os índios, os primeiros habitantes que ali estiveram foram os espanhóis, com o tratado de limites assinado pelos reis de Portugal e Espanha.

Em 1909, foi construído um Centro de Administração para a coordenação e a propaganda do povoamento da nova área, junto às antigas zonas de colonização. Os colonos que vieram eram descendentes de alemães e com forte tradição da religião católica. O Município de Cândido Godói recebeu esse nome em homenagem ao Dr. Cândido Godói, Engenheiro e Secretário de Obras do Governo do Estado (da época), o qual foi designado pelo Governador para medir os lotes das colônias que hoje pertencem ao Município.

Ao falarmos em Cândido Godói, falamos de um povo aguerrido e acolhedor que, segundo depoimentos locais, traz em sua história o sangue heróico e farrapo. Falamos também da questão de ser reconhecida, nacional e internacionalmente, como a “Terra dos Gêmeos”, fenômeno esse que desperta a curiosidade de visitantes e pesquisadores renomados como os da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As ruas e avenidas de Cândido Godói possuem flores e plantação de árvores frutíferas, o que nominamos de Cidade Pomar. É preciso conhecer o encanto e o mistério da terra fértil dos gêmeos.

A Unidade da Sicredi de Cândido Godói atua no município desde 1987 e vem oferecendo soluções financeiras à comunidade. Primeiramente, atuou na unidade da Cotrirosa, na Linha Natal, e, mais tarde, transferiu-se para a cidade, junto à filial da Cooperluz. Hoje, possui uma estrutura moderna e confortável para bem atender os associados e a comunidade em geral.



A Unidade vem cumprindo com sua missão, com o desenvolvimento da comunidade, e contribuindo com a melhoria da qualidade de vida dos associados nos diversos segmentos como agricultura, pecuária, hortifrutigranjeiros, além da indústria e do comércio.

Em Cândido Godói, a Sicredi possui 3.344 associados de uma população total de 6.535 habitantes, o que representa 51,17% da população local que é cooperativada, uma das mais altas, pois é a quarta do presente estudo e talvez do Estado e equivalente a dos países mais desenvolvidos. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$24.544.690 (vinte e quatro milhões, quinhentos e quarenta e quatro mil, seiscentos e noventa reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$16.054.790 (dezesseis milhões, cinquenta e quatro mil e setecentos e noventa reais). Conta com uma equipe de 13 colaboradores para atender seus associados.

CATUÍPE

A Vila Catuípe surgiu pela passagem do trem, onde ocorria embarque e desembarque de produtos e mercadorias, com o nome de Rio Branco. O seu nome está na origem tupi-guarani: **catu = bom, doce; i = água; pe = lugar. Logo, lugar de água boa = Catuípe.** Há outra interpretação de Catuípe, que é um arroio, afluente do rio Ijuí, que significa rio bonito. O início do povoamento deu-se a partir de 1915.

Catuípe possui uma geografia deslumbrante, não só pelas ótimas águas, mas essencialmente pelas lindas cascatas. É sua rota turística o Parque Águas Claras, as Águas Minerais Santa Tereza e a Rota do Yucumã. **Chama a atenção que a água consumida pela população é água mineral encanada, sendo considerada entre as melhores do mundo pela sua composição química.** Claudionor Savariz diz: “É um orgulho podermos abrir a torneira e bebermos ao natural uma água mineral! Um lugar onde até os animais e



pássaros bebem dessa água!”, por isso, Catuípe tem o cognome **“Terra das Águas Minerais”**.

A Unidade da Sicredi iniciou suas atividades em Catuípe, no ano de 1994, com dois colaboradores. Saliente-se que desde o início a Cooperativa de Crédito foi fundamental no desenvolvimento econômico e social dos associados e suas famílias, disponibilizando financiamentos nas mais diversas linhas.

A Unidade foi projetada para proporcionar aos associados e à comunidade um ambiente agradável, confortável, seguro, com espaço amplo e moderno.

Em Catuípe, a Sicredi possui 2.847 associados de uma população total de 9.323 habitantes, o que representa 30,53% da população local que é cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 8.876.458 (oito milhões, oitocentos e setenta e seis mil, quatrocentos e cinquenta e oito reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 8.354.869 (oito milhões, trezentos e cinquenta e quatro mil, oitocentos e sessenta e nove reais). Conta com uma equipe de 28 colaboradores para atender seus associados.

CERRO LARGO

No início do século passado, inicia-se um processo de colonização das terras do noroeste do Rio Grande do Sul situadas entre os rios Ijuí e Comandá por meio do Bauernverein/Sociedade União Popular. Após uma vistoria, foi aprovada a colonização e a venda dos primeiros lotes. Assim nasce, **em 4 de outubro de 1902**, a Serro* Azul, hoje Cerro Largo.

*Interessante efetivar aos leitores um esclarecimento referente à utilização de escritas diferentes nas palavras: Cerro e Serro.

O professor José Reichert, in memoriam, muito culto e que gostava de se deter em analisar fatos e fenômenos, entre os quais “Cerro” e “Serro”.

Os dois termos “Cerro” e “Serro” não são sinônimos, embora tenham entre si analogias. “Cerro” é termo que exprime uma elevação: colina ou outeiro, isolado, perdido numa planície. “Serro” é um espinhaço (uma seqüência de elevações). Imita os dentes de uma serra.

Creio com muito mais razão que o Pe. Max Von Lassberg reparou no serro, divisor das águas do rio Ijuí das do rio Comandá, pois batizou esse chão de Serro Azul e não de Cerro Azul. Os padres jesuítas igualmente são cultos e, via de regra, são bons conhecedores dos termos que usam na nomenclatura dos fenômenos da natureza. A Geografia também põe notável diferença entre os termos Cerro e Serro. É prudente e bem mais lógico dar fé à ciência e à cultura do que aos omissos ou distraídos.

Não estou aqui para discutir com os que tem outra posição. Contudo, quanto a mim, sempre estarei favorável ao mais científico: Serro Azul. (José Reichert)

A Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi União RS – **é a cooperativa e a instituição financeira mais antiga da região**. Justifica-se isso porque, na época, duas iniciativas na área econômica e social se destacaram: a criação de cooperativas de produção e comercialização e a Cooperativa de Crédito Rural ou Caixa Rural (Sparkasse), iniciativas do Pe. Amstad, que as acompanhou de perto nos primeiros anos de seu funcionamento.

Devido ao grande número de escolas desde a origem, destacando-se o Instituto Nossa Senhora da Anunciação da Congregação das Filhas do Amor

Divino e dos Irmãos Lassalistas, Cerro Largo tornou-se um polo educacional, recebendo o cognome **“Berço Regional da Cultura”**. Hoje, este cognome é fortalecido pelas Universidades que aqui se instalaram: A URI – Universidade Regional Integrada, A UAB – Universidade Aberta do Brasil, e a UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul.



A Unidade da Sicredi de Cerro Largo destaca-se por ser a sede da Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Serro Azul **desde a sua fundação, em 1913**. A história da Unidade confunde-se com a história da Cooperativa, e por que não dizer, com a história do Município. Há relatos de que, desde o princípio, a Cooperativa foi fundamental no desenvolvimento econômico das famílias dos associados, viabilizando, por meio de financiamentos,

empréstimos, aquisições de lotes de terras, entre outros.

A Unidade desempenha papel fundamental na sociedade cerrolarguense, bem como no Município de Ubiretama, onde possui um Posto de Atendimento, o qual iniciou as atividades em 15 de novembro de 2002. Também é integrada por parte do Município de Rolador, propiciando desenvolvimento econômico e social, tanto no cenário urbano quanto no cenário rural, por meio de suas linhas de crédito.

Cerro Largo e o Posto Avançado de Ubiretama possuem 5.306 associados de uma população total de 15.585 habitantes, o que representa 34,04% da população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$35.850.260 (trinta e cinco milhões, oitocentos e cinquenta mil e duzentos e sessenta reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 25.370.239 (vinte e cinco milhões, trezentos e setenta mil e duzentos e trinta e nove reais). Conta com uma equipe de 24 colaboradores para atender seus associados.

UBIRETAMA

Ubiretama foi fundada em 24 de julho de 1909 pelo **“Ato Intencional” nº 5**, com o nome de **“Povoado Laranjeira”**. Contava, na época, com 205 habitantes e 34 residências. Pertencia primeiramente a Santo Ângelo, na condição de 5º Distrito. Com a emancipação de Santa Rosa, em 1931, passou a integrar esse Município. Em 1944, o Povoado Laranjeira, por determinação do Poder Competente de Santa Rosa, passou a se denominar Ubiretama, que, na Língua Tupi-Guarani significa **“Terra Pátria”**.



A história recente de Ubiretama mostra que a emancipação do Município foi o caminho mais curto para o desenvolvimento socioeconômico da comunidade. Com autonomia para decidir os caminhos, o Município de Ubiretama está conseguindo cada vez mais proporcionar qualidade de vida a seus munícipes e construir a infraestrutura necessária para enfrentar os desafios do século XXI.

DEZESSEIS DE NOVOEMBRO

É um Município de pequeno porte em área e também no aspecto demográfico. Sua população é constituída por diversas etnias, sendo as principais de origem polonesa, alemã, italiana, luso-brasileiros, afro-descendentes, entre outros.

O ponto turístico de relevância é o Salto do Pirapó, localizado no rio Ijuí, entre os municípios de Dezesseis de Novembro e Roque Gonzales.

A denominação tem pelo menos duas versões: A primeira refere-se à chegada de uma família ao local e de essa ter derrubado uma árvore no dia 16 de novembro; e a segunda, que ocorrera uma festa na qual foi sugerida uma votação para a escolha do nome do lugar, surgindo apenas um nome: Dezesseis de Novembro. Foi aprovado esse nome.



O cognome de Dezesseis de Novembro é “**Capital Brasileira da Alfafa**”, e se deve pelo pioneirismo no cultivo dessa leguminosa forrageira perene.

A Unidade de Dezesseis de Novembro está inserida na comunidade há mais de 19 anos e possui 1.554 associados de uma população total de 2.866 habitantes, **o que representa 54,22% da população local que é cooperativada, a terceira proporção mais elevada da região, do Estado e provavelmente do País.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 7.267.743 (sete milhões, duzentos e sessenta e sete mil e setecentos e quarenta e três reais) Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 4.304.721 (quatro milhões, trezentos e quatro mil e setecentos e vinte e um reais). Conta com uma equipe de seis colaboradores para atender seus associados.

No ano de 2004, foi criado o Projeto Alfafa, uma parceria da Unidade da Sicredi de Dezesseis de Novembro com a Prefeitura e outras entidades, tendo como objetivo promover mecanismos de desenvolvimento no meio rural, por meio de financiamentos a juros subsidiados pelo Poder Público Municipal, agregando renda na propriedade rural. Esse projeto foi pioneiro na Sicredi em nível nacional, com a equalização dos juros para emprestar no crédito rural. **Cabe frisar a união do Poder Público Municipal com a Sicredi em torno de um objetivo comum**, que é o desenvolvimento da comunidade local. A Sicredi, comprometida com o Município, apoiou o Poder Público em benefício dos produtores. No primeiro momento, o projeto beneficiou os produtores de alfafa e, em seguida, foram beneficiados outros produtores com a recuperação de açudes, bebedouros e a formação de pastagens.

ENTRE-IJUÍ

O Município de Entre-Ijuí, situado no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, faz parte da região das Missões, integra a Rota Missões, Caminho das Missões (roteiro de peregrinação místico/cultural do Brasil) e do Roteiro Internacional de Iguassu Missiones.

Em 22 de março de 1873, Santo Ângelo se desmembrava de Cruz Alta e o “Passo do Ijuí” começa a ter suas primeiras moradias. Em 1923, dois novos fatos agitaram o pacato “Passo”. O primeiro foi a construção do primeiro comércio; e o segundo, **foi o “estouro” da revolução entre Maragatos e Chimangos, e o Passo do Ijuí era ponto estratégico.** Entre-Ijuí passa a ter esse nome por estar localizado entre o rio Ijuí Grande ao norte, o rio Ijuzinho ao oeste, rio Chuni ao sul e, novamente, o rio Ijuí Grande a leste. Entre-Ijuí é denominado **Portal das Missões**, pois no passado **era ponto de descanso para carreteiros e tropeiros.** Devido a esse fato o Município já foi considerado Capital das Ferrarias.

São pontos turísticos: o Sítio Arqueológico São João Batista, sexta redução missioneira fundada pelo Pe Antônio Sepp, em 14 de setembro de 1697, local da primeira fundição de ferro e aço do País, onde podemos apreciar um museu a céu aberto. Outros destaques: Balneário Parque das Fontes; Sítio da Cascata; Vinícola Fin; Santuário de Nossa Senhora de Altoeting; Ponte de Ferro, inaugurada em 1952, e a Usina da Cermissões.

A Unidade de Atendimento de Entre-Ijuí foi inaugurada em 15 de dezembro de 1993, atendendo ao anseio dos associados desse Município que precisavam se deslocar até Santo Ângelo, Município sede da então Credisa, que contava inicialmente com dois colaboradores.

A área urbana de Entre-Ijuí é margeada pelo rio que lhe origina o nome e por uma extensa e importante área agrícola da região. **É considerada o “Portão de Entrada das Missões”.** Conta com uma Unidade de Atendimento



da Sicredi, foi um passo para alcançar o desejo de suas lideranças em manter as riquezas locais, evitando que seus recursos migrassem para outros centros urbanos.

Inicialmente, atendia pequenos e médios agricultores. Foi a partir de 2002 e 2003, respectivamente, com a inauguração das novas instalações, modernas e padronizadas, e com a livre admissão de associados, que a Unidade pôde expandir seu quadro social no meio urbano, inclusive empresarial.

Entre-Ijuís destaca-se por ser um dos municípios do Estado que há mais tempo possui implantado na rede municipal de educação o programa A União Faz a Vida. Foi em 1998, que a Prefeitura e a Sicredi assinaram o Termo de Convênio, e coube à professora Isabel Gelatti Langer ser a primeira coordenadora local. De lá para cá, o programa se revitalizou, passando por transformações metodológicas, e a Prefeitura, por sua vez, teve várias trocas

de mandatários. **Contudo o programa A União Faz a Vida continua contribuindo com a educação integral de crianças e adolescentes.** Atualmente, são mais de 700 alunos e 70 educadores envolvidos nas quatro escolas municipais situadas no interior e na escola de Educação Infantil, na sede do Município.

Em 2013, foi implantado o Comitê Gestor local para o programa, colegiado que integra uma ampla rede de apoiadores, com o propósito de contribuir com o planejamento das atividades e de coordenar a aplicação dos recursos financeiros nos projetos e demais atividades.

Os municípios de Entre-Ijuís e Eugênio de Castro possuem 4.797 associados de uma população total de 11.736 habitantes, **o que representa 40,87% da população local cooperativada.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 15.794.170 quinze milhões, setecentos e noventa e quatro mil e cento e setenta reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 26.744.784 (vinte e seis milhões, setecentos e quarenta e quatro mil e setecentos e oitenta e quatro reais). Conta com uma equipe de 17 colaboradores para atender seus associados. Está incluso o Posto Avançado de Eugênio de Castro, o qual iniciou em 15 de maio de 1991.

EUGÊNIO DE CASTRO

Anteriormente à colonização, o seu território também era habitado pelos índios guaranis. Teve início na década de 1920, com a chegada das primeiras famílias.

Importante observar que Eugênio de Castro era o caminho pelos fundos, poderíamos dizer, de quem vinha de Tupanciretã a Santo Ângelo.

Havia uma estrada por meio da mata virgem, onde os viajantes da época (carreiros) faziam o transporte de seus produtos para a venda. O primeiro nome foi Esquina Ijuizinho e, depois da chegada da família de Eugênio de Castro, o pioneiro em casa comercial, originou-se definitivamente o nome atual. Eugênio de Castro tem o cognome **Terra da Hospitalidade**.

No ano de 1988, ocorreu a emancipação política e administrativa do Município, o que impulsionou a ida de um maior número de pessoas para a área urbana do Município, integrando-se, assim, ao mercado de trabalho ou buscando emprego no serviço público. Mesmo assim, o foco econômico municipal permaneceu na agricultura. As representações estaduais e privadas e as organizações da sociedade estão empenhadas em oferecer uma melhor qualidade de vida a toda população, por meio de iniciativas na área de saúde, educação e obras, aos homens do campo e da cidade, para que possam exercer seus direitos plenos de cidadãos.

GIRUÁ

O território de Giruá encontrava-se na área das Reduções Jesuíticas, pertenceu à redução de Santo Ângelo Custódio, e os índios chamavam-o de Jerivá.

A história registra que em meados de 1800 iniciou a colonização com a chegada dos primeiros imigrantes: letões, suecos, alemães e outros europeus. Esses encontravam dificuldades em pronunciar Jerivá e acabaram pronunciando Giruá, nome que se mantém até os dias atuais.

Um marco para o desenvolvimento do Município foi a inauguração da estrada de ferro já nos idos de 1928.

Uma das características de Giruá é a grande quantidade de butiazeiros,

planta que produz o fruto butiá, um dos símbolos da cidade. O Município possui diversos pontos turísticos que encantam os visitantes, destacando a Cascata do Comandaí, a qual possui 19 metros de altura, com 40 metros de comprimento na base inferior e 33 metros na base superior.

A agropecuária predomina na economia do Município. É destaque para os diversos cultivares: soja, trigo, milho, girassol, linhaça, canola, entre outros, e com alta produtividade. Elevando o Município a ocupar os primeiros lugares no Rio Grande do Sul. Diante das diversidades e eficiência produtiva, levaram o Município a galgar o título de “**Capital da Produtividade**”.



Há 20 anos foi inaugurada a Unidade de Atendimento da Sicredi em Giruá, na época com dois colaboradores, atendendo principalmente os produtores de leite. Nesses anos todos, foi de fundamental importância para a economia do Município, financiando produtores rurais nas linhas de custeio e investimentos e também atuando, de forma abrangente, em todos os segmentos da sociedade, seja no atendimento a pessoas físicas, bem como no comércio, na indústria e na prestação de serviços. No ano do Centenário da Cooperativa, inauguraram-se as suas novas instalações, com espaço físico superior a 600 metros quadrados.

Nesse Município, a Sicredi possui 3.400 associados de uma população total de 17.085 habitantes, o que representa 19,90% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 22.239.443 (vinte e dois milhões, duzentos e trinta e nove mil, quatrocentos e quarenta e três reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 22.400.885 (vinte e dois milhões, quatrocentos mil e oitocentos e oitenta e cinco reais). Conta com uma equipe de 15 colaboradores para atender seus associados.

GUARANI DAS MISSÕES

Apesar da miscigenação de colonizadores suecos, alemães, húngaros, lusos, o maior número de imigrantes que deu origem a Guarani das Missões foi o de poloneses que ali chegaram entre 1894 e 1900. No período entre 1891 a 1895, podiam ser contabilizadas cerca de 1200 pessoas, a maioria delas polacas. Porém, em 1913, quando a população atingiu cinco mil pessoas, chegaram mais de mil poloneses provindos diretamente da Polônia, atraídos

pelas terras férteis, elevando, assim, o percentual populacional da etnia na região.

A colônia Guarany ou Comandaí, como também era chamada, teve várias denominações até 1899, quando passou a ser chamada de Guarani das Missões. Guarani é de origem indígena e significa guerreiro, então **Guarani das Missões é Guerreiro das Missões**.

Na Linha Bom Jardim está situado o santuário de Nossa Senhora de Czestochowa (Monte Claro), a padroeira da Polônia, na qual os poloneses do município buscam força e graças a partir da fé devotada à santa. O dialeto polonês é tido como a segunda língua praticada pela população. O folclore é mantido vivo. As danças mais apreciadas são *polska*, *mazurka*, *oberek*, *kujawiak*, *trojak*, *krakowiak*. Enfim, a cultura polonesa, simbolizada na paisagem do município, seja de forma materializada ou pelas crenças e ideologias de seu povo, retrata um ambiente característico e de fundamental importância histórica e cultural. Guarani das Missões tem o cognome: **“Capital Polonesa dos Gaúchos”**.



A Unidade de Atendimento começou suas atividades como Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Guarani das Missões em 21 de fevereiro de 1954. Chama atenção que a Cooperativa foi fundada por nove associados. Os Estatutos da época previam que o número de associados não podia ser menos de sete. Na Assembleia Geral Extraordinária do dia 8 de junho de 1969, um dos assuntos foi o de deliberar sobre a incorporação ou não à Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Cerro Largo, nos termos do Artigo 77 do Decreto 60.597, de 19 de abril de 1967, o que foi rejeitado por unanimidade pela Assembleia. A partir do ano de 1970, passou a denominar-se Cooperativa de Crédito Rural Guarani das Missões Limitada. Na Assembleia Geral Extraordinária do dia 19 de março de 1978, foi aprovada a inclusão da sigla "COPERGUARANI", ficando o Artigo 1º assim definido: Cooperativa de Crédito Rural Guarani das Missões Ltda – COPERGUARANI. E em 26 de janeiro de 1996, ocorreu a incorporação com a Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo. A Unidade de Atendimento de Guarani das Missões possui um Posto Avançado em Sete de Setembro.

A principal atividade econômica do município é a agricultura formada por pequenos produtores. A Sicredi tem papel importante nessa atividade, como fomentadora de recursos. Hoje, é a unidade com maior número de operações de crédito rural em toda a Sicredi União RS.

Os municípios de Guarani das Missões e Sete de Setembro possuem 4.149 associados de uma população total de 10.239 habitantes, **o que representa 40,52% de população cooperativada.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 23.733.469 (vinte e três milhões, setecentos e trinta e três mil e quatrocentos e sessenta e nove reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$

35.541.431 (trinta e cinco milhões, quinhentos e quarenta e um mil e quatrocentos e trinta e um reais). Conta com uma equipe de 19 colaboradores para atender seus associados.

SETE DE SETEMBRO

O Município de Sete de Setembro iniciou sua colonização em 1931. Foi fundado por Henrique Schildt, procedente da Colônia Buriti, município de Santo Ângelo. Quando Henrique conheceu a localidade, percebeu que, além das terras produtivas, o rio Comandá proporcionava grandes riquezas por meio de sua queda d'água e bonitas cachoeiras. Havia, já na época, um moinho em funcionamento, e outro em desuso, instalado no ano de 1924.

Motivado pela queda da água, Henrique Schildt comprou o moinho desativado e mais uma colônia de terra. A região, na época, era coberta por matas. Indo morar na localidade, construiu sua propriedade às margens do rio Comandá e instalou suas indústrias, um moinho colonial e uma serraria, que existem até hoje.

Em 1935, surgiu a escola em uma casa particular. Mais tarde, em 1942, foi construída a primeira escola, cuja inauguração ocorreu no dia 7 de Setembro, “Dia da Pátria”. Henrique Schildt era muito patriota e, em função disso, solicitou que fosse dado à pequena vila o nome de Sete de Setembro, por simbolizar o dia da Pátria. Eis o surgimento do nome do Município.

Sete de Setembro possui e cultiva muitos traços culturais e sociais da época do início da colonização. Está situada na região das Missões, zona noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, composta por pequenas e médias propriedades rurais. Tem uma população aproximada de 2.131 habitantes, a maioria na zona rural, e de origem polonesa. Sete de Setembro é conhecido como o “**Berço das Águas**”.

NOVO MACHADO

A colonização teve início na década de 1920, com a chegada de alemães e italianos. Mais tarde chegaram russos, poloneses e outros. Novo Machado é favorecido pela hidrografia, essencialmente pelo rio Uruguai. Apresentava nos idos tempos todos os aspectos favoráveis à presença de indígenas.

O Município teve diversas denominações ao longo da sua história, quais sejam: Linha Machado, Povoado Machado, Vila Machado e, por fim, Novo Machado.

Chama atenção o fato de ter tido diversas cooperativas. A primeira surgiu em 1938. Sucederam-na mais duas, as quais desapareceram, o que não eliminou o espírito cooperativista do povo. Tem atualmente diversas filiais de cooperativas.



A Sicredi de Novo Machado iniciou as atividades em 6 de agosto de 1993 para oferecer soluções financeiras aos seus associados. Constitui-se num instrumento de acesso aos mais diversos produtos e serviços, atendendo, assim, a suas demandas e necessidades.

Essa Unidade possui um papel importantíssimo no desenvolvimento econômico e social, principalmente no meio rural, disponibilizando recursos para que seus associados melhorem suas infraestruturas e modernizem seus maquinários agrícolas, sendo referência nessas atividades.

Em Novo Machado, a Sicredi possui 1.826 associados de uma população total de 3.927 habitantes, **o que representa 46,49% de população cooperativada**. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 8.923.736 (oito milhões, novecentos e vinte e três mil, setecentos e trinta e seis reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 7.113.586 (sete milhões, cento e treze mil, quinhentos e oitenta e seis reais). Conta com uma equipe de nove colaboradores para atender seus associados.

PORTO LUCENA

Localiza-se às margens do rio Uruguai, onde se destaca a Ilha Grande com mais de 6 km de extensão e suas corredeiras. Registra a história que Porto Lucena está ligada ao primeiro morador da localidade, que era o índio Lucena. Os barqueiros e navegadores do rio Uruguai utilizavam a expressão “Vamos atracar no porto do Lucena”.

A colonização ocorreu principalmente a partir da década de 1920. No entanto, em 1891, um grupo de suecos chegou a Porto Lucena, o qual



comemorou o **Centenário de Imigração Sueca no Sul da América em 24 de maio de 1991.**

Porto Lucena também já foi área de Segurança Nacional, no período de 1964 a 1985. Porto Lucena tem como cognome **“Terra da Hospitalidade”** em virtude do espírito hospitaleiro do povo porto-lucenense.

A Sicredi está presente no Município de Porto Lucena desde novembro de 2003 e vem crescendo e auxiliando a comunidade. Em 15 de janeiro de 2010, inaugurou também o Posto de Atendimento Avançado no município de Porto Vera Cruz.

Nos municípios de Porto Lucena e Porto Vera Cruz, a Sicredi possui 2.054 associados de uma população total de 7.265 habitantes, o que representa 28,27% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade

de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 7.855.163 (sete milhões, oitocentos e cinquenta e cinco mil, cento e sessenta e três reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 7.432.283 (sete milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, duzentos e oitenta e três reais). Conta com uma equipe de 11 colaboradores para atender seus associados.

A Sicredi sempre contribuiu para o desenvolvimento dos seus associados e da comunidade onde está presente, pois trabalha com o conceito de agregar renda aos seus associados, ajudando o desenvolvimento em várias atividades, mas principalmente na atividade agrícola do Município.

PORTO VERA CRUZ (POSTO AVANÇADO DE PORTO LUCENA)

Os primeiros habitantes foram os índios guaranis, povoadores das encostas do rio Uruguai. A colonização de Porto Vera Cruz remonta ao início do



século passado, acentuando-se, a partir do ano de 1920, com a chegada de alemães, italianos, poloneses e russos, de diversas regiões. Iniciou com um nome um tanto estranho: Lajeado Cafundó, o qual só foi trocado no final da década de 1940 para Vera Cruz e, posteriormente, para Porto Vera Cruz.

O Município está localizado na fronteira Noroeste e apresenta muitos recursos turísticos, como a Corredeira do Roncador, Corredeira do Chico Alferes, o Paredão de Pedras e a Ilha dos Bugres. Um de seus principais eventos é a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, acompanhada por lanchas.

Tem como cognome: **“Chegada do Rio Grande”**. Segundo relato dos moradores, deu-se esse nome em função de ser Município de fronteira, caracterizando que os estrangeiros que viriam ao nosso Estado deveriam ingressar “por estas terras”.

PORTO MAUÁ

No início do século passado, registrava-se forte presença de indígenas que se deslocavam entre as Missões argentinas e brasileiras. Nesse período também se constatou a existência de moradores luso-brasileiros que viviam à margem do rio Uruguai, rio Santa Rosa e rio Santo Cristo, praticando caça, pesca, extração de madeira e agricultura de subsistência.

Por volta de 1912, começaram a chegar, onde hoje está localizado Porto Mauá, os primeiros descendentes de imigrantes oriundos das Colônias Velhas. Além de construírem benfeitorias e lavouras, abriram estradas, construíram pontes, comércios e pequenas indústrias. A ocupação humana pelos colonizadores esteve fortemente sustentada na religiosidade, o que proporcionou o surgimento de comunidades na sede e no interior, promotoras dos tradicionais eventos e festas de padroeiros (as).

Como fatores de desenvolvimento, destacam-se as atividades de intercâmbio comercial com a Argentina, desde o ano de 1930, quando a

navegação era realizada por barcos rústicos, evoluindo para as balsas de madeira e, após, para as modernas estruturas de metal. Também se destacam **os balseiros**, os quais transportavam madeira pelo rio Uruguai.

Merece uma pesquisa a história das **balsas e balseiros** que faziam o transporte de madeiras de lei e de produtos até Buenos Aires, descendo o rio Uruguai, única e exclusivamente quando este estava cheio.

Inicialmente, essa localidade se chamava Barra do Jacaré, sendo que a origem do nome Porto Mauá se deu em função de sua localização fronteiriça e em homenagem a Irineu Evangelista de Souza, o Barão do Mauá, que foi grande incentivador do desenvolvimento portuário brasileiro. Porto Mauá está localizado na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Faz fronteira com o Município de Alba Posse, Misiones, Argentina, separados pelo rio Uruguai. Tem como cognome **“Fronteira da Integração”**.

Fundada em 2002, a Unidade da Sicredi de Porto Mauá tem fundamental importância no desenvolvimento do Município, apresentando



forte influência na economia das famílias, uma vez que disponibiliza aos associados linhas de crédito voltadas ao crescimento da economia local, buscando o comedimento entre a condição econômica e a social, o que dá a dimensão da força e influência do cooperativismo nessa cidade, além da possibilidade de quantificar novas oportunidades de expansão da Cooperativa, em termos de associações.

Referente à economia do Município, percebe-se a importância da Unidade de Atendimento em virtude de ser na cidade a única instituição financeira.

Nesse Município, a Sicredi possui 1.291 associados de uma população total de 2.544 habitantes, **o que representa 50,74% de população cooperativada, proporção bem elevada e pode ser comparada à de países desenvolvidos.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 9.889.892 (nove milhões, oitocentos e oitenta e nove mil, oitocentos e noventa e dois reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 7.719.441 (sete milhões, setecentos e dezenove mil, quatrocentos e quarenta e um reais). Conta com uma equipe de sete colaboradores para atender seus associados.

PORTO XAVIER

Sabe-se que Porto Xavier integrou a área dos Sete Povos das Missões, uma vez que a localização é próxima à Redução de San Javier, fundada em 1626.

Seu povoamento deu-se pelo ano de 1870, com o nome inicial de São Francisco Xavier, depois São Xavier, “Cerro Pelado”, e consolidou-se como

Porto Xavier. Em 1891, surgiu o 1º núcleo habitacional no “Cerro Pelado”, e faz-se aqui este registro histórico: o Pe. Amstad visitou essa área em 1905, 1906 e 1913. Mas qual seria o objetivo?

Existe no Município a COOPERCANA, que é um empreendimento de autogestão de economia solidária para a fabricação de etanol, sendo hoje a maior produtora do Estado do Rio Grande do Sul. A produção agrícola, direcionada para o cultivo da cana-de-açúcar, é ainda hoje uma das principais fontes de renda da população, sendo a base da produção por meio da agricultura familiar. A criação de gado, pioneira desde o descobrimento dessas terras, com o aperfeiçoamento da produtividade, **faz de Porto Xavier o Berço Estadual do Gado Brahman.**

O rompimento de barreiras impostas pelo rio Uruguai torna esse pedaço de chão um elo do MERCOSUL com o crescimento progressivo do



Comércio Internacional. Porto Xavier possui o Porto Internacional devidamente habilitado.

A Sicredi está presente em Porto Xavier desde março de 2004. Durante esse período, vem apoiando de forma significativa o desenvolvimento do Município, fomentando setores importantes da economia de Porto Xavier, tais como transportes, importação e exportação, comércio e agricultura, tanto para pessoas físicas como para pessoas jurídicas que desenvolvem suas atividades no Município, gerando renda e empregos.

Em março de 2011, um marco importante para a Sicredi e para Porto Xavier foi a inauguração de uma nova Unidade de Atendimento no Município, com mais de 600m², bem localizada, sendo essa uma das mais modernas Unidades da Sicredi União – RS, propiciando, assim, a oportunidade de manter sempre um nível de excelência no atendimento à comunidade e aos associados.

Nesse Município, a Sicredi possui 2.488 associados de uma população total de 10.560 habitantes, o que representa 23,56% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 9.630.973 (nove milhões, seiscentos e trinta mil, novecentos e setenta e três reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 18.090.264 (dezoito milhões, noventa mil, duzentos e sessenta e quatro reais). Conta com uma equipe de 12 colaboradores para atender seus associados.

ROQUE GONZALES

Roque Gonzales possui uma rica história e com características específicas, iniciando com a morte do Padre Jesuíta João de Castilho, por ordem do Cacique Nheçú, em 1628. Local onde hoje existe um forte turismo religioso com a **“Trilha dos Santos Mártires”**, conhecido como **“Terra e Sangue das Missões”**.

No Município localiza-se o **Salto do Pirapó**, no rio Ijuí. Nesse local, foi construída uma usina de energia, hoje desativada, mas que foi muito útil no seu período. Essa usina recebeu recursos financeiros para a sua construção da Caixa Rural União Popular de Serro Azul. Hoje está no local a Usina Hidrelétrica Passo São João.

A colonização foi efetivada por imigrantes alemães que vieram de São Leopoldo, de Estrela e de outras terras distantes. Seus sonhos: ocupar a terra. Para isso, foram adentrando a floresta em solo firme. Foi, então, que reaprenderam toda a caminhada, antes realizada por seus pais vindos direto da Alemanha. Caçavam, pescavam e colhiam frutas silvestres para a sobrevivência. Mas a força de vontade empurrou os sonhos e começaram, com as mãos, a semear a terra, forjando instrumentos pesados de trabalho. Falquejaram a madeira para a própria morada.

Como resultado de todo esse trabalho, temos hoje o Município de Roque Gonzales, pujante no cenário do desenvolvimento de indústrias e agroindústrias familiares, nos mais variados campos, desde alimentação até bens de consumo e atividades diárias e necessárias na vida das famílias. O setor agropecuário está se tecnificando e, com isso, oferecendo produtos diferenciados, inclusive para a exportação.

E os aficionados por esportes mais radicais podem encontrar no Cerro Inhacurutum uma autêntica receita natural contra o estresse e, ainda, do seu topo, vislumbrar as terras dos Sete Povos das Missões. Roque Gonzales tem

paisagens lindíssimas, entre elas, a Barra do Ijuí que, no momento do sol se pôr no horizonte, entre o verde da mata, reflete seus raios nas águas correntes do rio Uruguai. São cores que se misturam e fazem no ser humano uma verdadeira cromoterapia.

A Unidade da Sicredi de Roque Gonzales está presente no Município desde o dia 3 de agosto de 2001. Com forte atuação na comunidade, apoia ativamente os eventos sociais e, principalmente, contribui para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade. O quadro social é composto por associados urbanos, rurais e empresariais.

Nesse Município, a Sicredi possui 1.958 associados de uma população total de 7.206 habitantes, o que representa 27,17% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de



Investimento e Previdência um total de R\$ 12.240.910 (doze milhões, duzentos e quarenta mil, novecentos e dez reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 12.055.412 (doze milhões, cinquenta e cinco mil, quatrocentos e doze reais). Conta com uma equipe de 11 colaboradores para atender seus associados.

SALVADOR DAS MISSÕES

Salvador das Missões foi colonizado no início do século passado por imigrantes alemães. Destaca-se por uma característica muito forte da sua população, que é o cooperativismo. Lembramos que a Caixa Rural União Popular de Serro Azul funcionou nos anos de 1918 a 1926 em São Salvador. Após a volta para a sede, São Salvador foi beneficiado com um Posto Avançado da Caixa Rural, depois desativado por exigência do Banco Central do Brasil, a partir de 1964.

Na década de 1920, existia uma Cooperativa Colonial com sede na Linha Isabel Sul, que mais tarde fora transferida para a Vila. Em 1951, surge a próspera Cooperativa Agrícola Mista São Roque Ltda – Cooperoque –, na Vila Catarina, que é o maior distrito. Anos se passaram, e períodos de dificuldades não foram suficientes para diminuir a vontade de trabalhar, superar e vencer.

A Unidade da Sicredi de Salvador das Missões destaca-se por estar enraizada na cidade Berço do Cooperativismo desde 1994. Nesse período, são vários os relatos de apoio da Sicredi, como financiamento de tratores, de carroças de boi, de propriedades de terra, entre outros.

A Unidade faz a diferença para o Município, pois os recursos investidos nela são reinvestidos em Salvador das Missões, agregando valor à economia das famílias e empresas, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento econômico e social no cenário rural e urbano. **O Município**

possui um Posto de Atendimento na Vila Catarina, o qual iniciou suas atividades em 24 de março 1995.

A unidade de atendimento possui 1.619 associados de uma população total de 2.669 habitantes, o que representa **60,65% de população**



cooperativada, própria de primeiro mundo, e é a segunda mais alta da região e talvez do Brasil. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 11.641.929 (onze milhões, seiscentos e quarenta e um mil, novecentos e vinte e nove reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 10.638.851 (dez milhões, seiscentos e trinta e oito mil, oitocentos e cinquenta e um reais). Conta com uma equipe de nove colaboradores para atender seus associados.

SANTA ROSA - CENTRO

A região era, primitivamente, habitada por indígenas do grupo Tapes e, com a chegada dos jesuítas e espanhóis, a partir de 1626, iniciou-se um sistema de redução para catequizá-los. Santa Rosa integrava o território dos Sete Povos das Missões, fundado pelos jesuítas. Contudo, a efetiva colonização só ocorreu a partir de 1915, quando entrou em execução um vasto plano de loteamento de terras para assentar os nacionais que já habitavam a região. No ano anterior, Quintino Zanella e mais alguns companheiros ergueram o acampamento no local onde hoje está construído o Colégio Santa Rosa de Lima. Assim, estava fundada a Colônia 14 de Julho. Os primeiros povoadores foram os próprios funcionários do serviço de agrimensura, mais tarde ocorreu a colonização propriamente dita. As famílias se instalavam nas proximidades do acampamento, derrubavam matas, construíam casas e faziam lavouras. A população do Município é formada por pessoas pertencentes a diferentes grupos étnicos. Os principais grupos que constituem a população são os caboclos, descendentes do cruzamento entre indígenas e portugueses, os afro-descendentes, que vieram para a construção da Estrada de Ferro e do Quartel Militar, os alemães, os italianos e outros.

Na agropecuária, destaca-se o rebanho bovino manejado com modernas técnicas de produção, que faz dessa a maior bacia leiteira do Rio Grande do Sul, fornecendo, juntamente com a suinocultura, matéria-prima qualificada para as agroindústrias. A agricultura responde por boa parte da produção gaúcha, com destaque para a soja (30% do Estado), que movimenta um ciclo de negócios que vai do pequeno produtor ao mercado internacional. A produção de hortigranjeiros e produtos coloniais revela-se uma alternativa de valorização e rentabilidade da família rural, aproximando os frutos da terra do consumidor local. No polo metal-mecânico, Santa Rosa e região são modelos no segmento industrial. Fabricando peças, máquinas e implementos agrícolas, situadas entre as maiores do mundo (AGCO e JOHN DEERE-Tratores, Colheitadeiras), lideram um processo de produção que movimenta o agronegócio e consolida um dos

mais vigorosos polos metal-mecânicos do País, voltado para a agricultura. Cerca de 66% das colheitadeiras brasileiras são produzidas na região. A erva-mate, produzida em Santa Rosa, abastece a tradição do chimarrão em todo o Estado; Cooperativas investem na agroindústria, potencializando a força do produtor local. E as indústrias beneficiam os frutos do setor primário com tecnologia e eficiência.

A partir dos anos 1960, a soja tornou-se um produto importante, responsável pelo desenvolvimento econômico da região e, particularmente, da cidade de Santa Rosa. Impulsionados por esse crescimento e desenvolvimento, foi instituída a FENASOJA, caracterizando-se como uma feira que tem o objetivo de mostrar e comercializar os produtos locais, a qual é realizada no Parque Municipal de Exposições Alfredo Leandro Carlson, recebendo muitos expositores. Além disso, tem o Musicanto Sul-Americano de Nativismo, um evento cultural de sentido americanista do Sul, que tem como promotora a Prefeitura de Santa Rosa. Por ser um festival aberto, oportuniza aos músicos e aos expectadores a possibilidade de conviverem com ritmos, folclores, usos e costumes de diferentes partes do País e da América Latina. Também ocorre o Encontro Estadual de Hortigranjeiros e Artesanato; Feira do Peixe; Feira do Mel e o Show das Águas Dançantes, que é o bailar harmonioso das águas, sons e luzes, descrevendo, no céu noturno, movimentos de graça e leveza, encantando adultos e crianças. Santa Rosa possui inúmeros pontos de turismo e lazer, entre eles destacam-se os balneários, as sociedades recreativas, o Parque Fazenda e suas belíssimas cascatas, o Santuário da Natureza, no Parque Municipal de Exposições, onde foi transplantada a árvore lunar, uma sequóia americana germinada em solo lunar. Há, ainda, a “Casa e o Pórtico da Xuxa”.

A Unidade de Atendimento do Centro de Santa Rosa destaca-se por ser a sede da antiga Cooperativa de Crédito Rural de Santa Rosa e demonstra que as raízes do cooperativismo já fazem parte da história do Município desde junho de

1981.

O papel da Sicredi frente à comunidade de Santa Rosa é de extrema importância por estar comprometida com o desenvolvimento econômico e social dos associados e da comunidade. Todos os recursos captados na Sicredi são reinvestidos na comunidade local e regional por meio da disponibilização de empréstimos e financiamentos, tanto urbanos quanto rurais, o que gera maior desenvolvimento, trazendo emprego, renda e fortalecimento da economia regional.

A Unidade de Atendimento de Santa Rosa - Centro - possui 7.351 associados. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 94.595.376 (noventa e quatro milhões, quinhentos e noventa e cinco mil, trezentos e setenta e seis reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 62.604.731 (sessenta e dois milhões,



seiscentos e quatro mil, setecentos e trinta e um reais). Conta com uma equipe de 41 colaboradores para atender seus associados.

Hoje, é a Unidade que proporciona as maiores sobras da cooperativa. Além disso, no mês de setembro de 2012, a Unidade foi certificada com o **Selo Ouro**, dentro do Programa de Qualidade implantado pela Central, o que demonstra que atende aos padrões e fluxos indicados pelo referido programa. Isso mostra que a Sicredi, cada vez mais, faz parte da vida das pessoas e cresce, a cada dia, junto com seus associados. Ainda, a Unidade trabalha focando a prática do cooperativismo por meio de programas sociais, fortalecendo a participação dos associados na tomada de decisões que vão gerar maior desenvolvimento e satisfação diante das necessidades que surgem no dia a dia das comunidades.

SANTA ROSA - BAIRRO CRUZEIRO

A Unidade do Bairro Cruzeiro no Município de Santa Rosa iniciou suas atividades em 6 de novembro de 2000. Na época, com uma estrutura reduzida, funcionando como um ponto de atendimento, foi uma experiência inovadora dentro do sistema para instalar mais de uma estrutura de atendimento em uma mesma cidade. A cidade de Santa Rosa, atualmente, conta com uma população de mais de 68.000 habitantes e com três unidades de atendimento da Sicredi União - RS.

O Bairro Cruzeiro tinha algumas características de um bairro residencial, mas essa é uma realidade que vem mudando. Hoje, são várias empresas que desenvolvem suas atividades comerciais, industriais e também de prestação de serviços, fazendo com que haja uma integração interessante com a comunidade. E a Sicredi vem acompanhando essas mudanças e atendendo a todas as demandas, tanto de associados pessoas físicas como de associados pessoas jurídicas.



A Unidade de Atendimento possui 3.938 associados. Em relação a 2012, administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 24.391.353 (vinte e quatro milhões, trezentos e noventa e um mil, trezentos e cinquenta e três reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 15.234.605 (quinze milhões, duzentos e trinta e quatro, seiscentos e cinco reais). Conta com uma equipe de 17 colaboradores para atender seus associados.

Já está operando em uma nova estrutura no prédio da Superintendência da Sicredi União RS, triplicando seu espaço físico e oferecendo, assim, melhores condições para atender as demandas dos associados.

SANTA ROSA - PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA

A unidade da Praça da Independência iniciou suas atividades em 14 de novembro de 2002, com quatro colaboradores, sendo a terceira unidade no Município de Santa Rosa.

Tendo em vista o crescimento e a adesão de um grande número de novos associados, essencialmente urbanos, surgiu a necessidade de um espaço maior, então foi inaugurada a atual Unidade de Atendimento no dia 15 de maio de 2009, propiciando, assim, um melhor atendimento.

Essa unidade possui 6.128 associados. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 52.140.046 (cinquenta e dois milhões, cento e quarenta mil e quarenta e seis reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 28.338.123 (vinte e



oito milhões, trezentos e trinta e oito mil, cento e vinte e três reais). Conta com uma equipe de 25 colaboradores para atender seus associados.

A unidade desenvolve o programa: “A União Faz a Vida” no Colégio Concórdia. Importante ressaltar que o Colégio Concórdia é uma cooperativa.

As três unidades de atendimento de Santa Rosa contam com 17.417 associados de uma população de 68.587, o que representa 25,39% de população cooperativada.

SANTO ÂNGELO

Santo Ângelo é conhecido como “**Capital das Missões**” e sua fundação ocorreu em 12 de agosto de 1706 por intermédio do Padre Jesuíta Diogo de Haze. A Redução de Santo Ângelo foi consagrada ao Anjo Custódio das Missões (aquele que tem a custódia, a guarda), o protetor de todos os povos missioneiros.

Referente à formação étnica, existe uma miscigenação de raças, sendo predominantes os portugueses, alemães, italianos, poloneses, entre outros. Mesmo pertencendo às reduções, não existe em Santo Ângelo um estilo arquitetônico único ou predominante e sim vários estilos, dependendo da época.

Santo Ângelo desenvolve os mais variados tipos de eventos, mas o destaque é a FENAMILHO – Feira Nacional do Milho –, evento bianual, tendo o seu início na década de 1950. Em 1995, com o objetivo de efetivar uma integração com os países do Mercosul, transformou-se na Fenamilho Internacional.

Duas informações turísticas merecem registro: o Caminho das Missões, que é um roteiro místico-cultural-histórico de caminhada através dos

Sete Povos das Missões, e o Projeto Rota Missões, que tem como objetivo conhecer um cenário de mais de 300 anos de história.



A Unidade de Atendimento tem sua origem na Cooperativa de Crédito Rural Santo Ângelo Limitada – CREDISA –, a qual foi fundada no dia 15 de maio de 1981 por 24 sócios fundadores.

Essa unidade possui 7.521 associados. Em relação a 2012, a mesma administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 48.864.982 (quarenta e oito milhões, oitocentos e sessenta e quatro mil, novecentos e oitenta e dois reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 48.729.239 (quarenta e oito milhões, setecentos e vinte e nove mil, duzentos e trinta e nove reais).

Conta com uma equipe de 36 colaboradores para atender seus associados.

Reforçando a premissa de ser a “Instituição Financeira da Comunidade”, no ano de 2013 foi inaugurada mais uma Unidade de Atendimento em Santo Ângelo que, junto com a Unidade Centro e Bairro Pippi, estará juntando esforços para deixar a Capital das Missões cada vez mais cooperativada, pois, afinal de contas, a vida é bem melhor quando é cooperativa!

BAIRRO PIPPI

A Unidade da Sicredi do Bairro Pippi está localizada na zona leste da cidade de Santo Ângelo. Foi instalada por solicitação das associações de Bairros no Núcleo da “Grande Pippi” que somam um total de nove bairros e uma população de 30.000 habitantes. A Unidade desempenha papel fundamental de estar presente nas comunidades, nesse caso, evita o deslocamento até o centro da cidade e atende, ao mesmo tempo, às demandas financeiras dos associados. Iniciou suas atividades em 11 de janeiro de 2004.

Tem como principal ponto turístico a estátua do gaiteiro missioneiro Tio Bília. Além disso, existe no bairro a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Odão Felipe Pippi, que é a maior do Município e conta hoje com 1.680 alunos.

No Bairro Pippi, a Sicredi possui 3.065 associados. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 11.257.530 (onze milhões, duzentos e cinquenta e sete mil, quinhentos e trinta reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 12.557.512 (doze milhões, quinhentos e cinquenta e sete mil, quinhentos e doze reais). Conta



com uma equipe de 13 colaboradores para atender seus associados.

As Unidades de Atendimento de Santo Ângelo contam com 10.586 associados de uma população de 76.275, o que representa 13,88% de população cooperativada.

SANTO ANTÔNIO DAS MISSÕES

Santo Antônio das Missões foi território das Missões Jesuíticas Guaranis. Guarda em seu território toda uma magia histórica, desde os primitivos guaranis até o domínio jesuíta, espanhol, português, gaúcho, invasões estrangeiras, revoluções e a República Rio-Grandense.

A história é testemunha e cenário de infintos acontecimentos e vestígios. A cultura do gaúcho, os costumes, as estâncias e a criação de gado fazem parte da vida dos santo-antonienses. O nome de Santo Antônio teve

origem pelo fato de que o local onde está situada a sede do Município havia sido uma sesmaria denominada “Santo Antônio”, pertencente aos Jesuítas. A palavra “Missões” foi acrescentada devido ao município estar localizado na região missioneira. Santo Antônio das Missões tem como cognome **“Celeiro da Hospitalidade”**.

O território que hoje compõe o Município é considerado a maior área que pertenceu ao Município de São Borja, sendo que toda a região, entre os rios Camaquã e Piratini, testando no rio Uruguai, era chamada de “Rincão do Camaquã”. Santo Antônio das Missões é o maior Município em extensão territorial da região das Missões.

O artesanato em couro confeccionado no Município é vendido para todo o Brasil. Destaca-se, ainda, **na confecção de palas, cobertores e mantas**, confeccionados em pura lã de ovelha. O Museu Municipal Monsenhor Wolski possui o 2º maior acervo de miniaturas em arte barroca jesuítica de todo o País. Na Vila Santa Rosa, às margens da BR 285, podem ser apreciadas casas típicas do século passado. No trevo de acesso à cidade, a imagem do Santo Padroeiro, segundo as tradições locais, atende às promessas dos viajantes, além de ajudar nas causas casamenteiras. O Cemitério do Itaroquém, localizado a 17 km da sede do Município, foi iniciado pelos jesuítas que habitavam o local e contém túmulos com mais de 200 anos. E local foi sede de um princípio de redução missioneira.

A Unidade da Sicredi de Santo Antônio das Missões teve a sua fundação em 1998 e, desde então, vem ampliando seu espaço e reconhecimento no Município. É uma instituição financeira de referência, auxiliando no desenvolvimento de seus associados urbanos, rurais e comunidade em geral.

Nesse Município, a Sicredi possui 3.626 associados de uma população total de 11.210 habitantes, o que representa 32,34% de população



cooperativada. **É muito expressiva, considerando que é, em área de população predominantemente luso-açoriana.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 12.006.990 (doze milhões, seis mil, novecentos e noventa reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 10.406.187 (dez milhões, quatrocentos e seis mil, cento e oitenta e sete reais). Conta com uma equipe de 14 colaboradores para atender seus associados.

SÃO BORJA

Em 1682, o povoado de São Francisco de Borja foi fundado pelo padre espanhol Francisco Garcia de Prada. Em 1687, tornou-se independente de Santo Tomé, conquistando a autonomia administrativa. São Borja inseriu-se num contexto de formação jesuítica que pertenceu aos 30 Povos das Missões que compreendiam os territórios do Brasil, Paraguai e Argentina. A partir da ocupação definitiva dos portugueses, em 1801, ocorreram muitas transformações.

São Borja desvinculou-se de Rio Pardo em 1833. E, em 21 de maio de 1834, foi instalada a primeira Câmara Municipal da Vila, data essa da emancipação política de São Borja. No período imperial, era considerada vila pela autonomia administrativa, com subordinação apenas aos governos provinciais. São Borja foi elevado à condição de cidade em 21 de dezembro de 1887, título concedido pelo Império às vilas que se destacavam pela importância e desenvolvimento que haviam conquistado.

O Município faz parte da Região da Campanha, na fronteira-oeste do Rio Grande do Sul. Limita-se com a Argentina pelo rio Uruguai. Caracteriza-se pela existência de estâncias onde há a presença do gaúcho típico e com usos e costumes tradicionais. A economia é baseada na agropecuária. No ano de 1997, foi inaugurada a Ponte da Integração, ligando São Borja a Santo Tomé, Argentina. No período anterior à construção da ponte, o comércio e a comunicação aconteciam por meio do sistema de balsas, propiciando o transporte no rio Uruguai.

Em 1994, recebeu o título de **“Cidade Histórica”** e ainda possui denominações como: **Primeiro dos Sete Povos, Terra dos Presidentes Getúlio Vargas e João Goulart, Leonel de Moura e Neusa Brizola, Noiva do Rio Uruguai e Capital da Produção.**

A Unidade da Sicredi em São Borja surgiu pela incorporação da antiga



Crediborja, que foi fundada em 8 de junho de 1981, e em 8 de maio de 2009 foi inaugurado o Posto Avançado do Bairro do Passo.

Nesse Município, a Sicredi possui 5.749 associados de uma população total de 61.662 habitantes, o que representa 9,32%, de população cooperativada da região. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 27.036.201 (vinte e sete milhões, trinta e seis mil, duzentos e um reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 30.046.254 (trinta milhões, quarenta e seis mil, duzentos e cinquenta e quatro reais). Conta com uma equipe de 25 colaboradores para atender seus associados.

Desde o princípio, a Cooperativa foi fundamental no desenvolvimento

econômico das famílias, dos associados e da comunidade são-borjense, viabilizando, por meio de financiamentos e empréstimos, a aquisição e custeio de animais e demais atividades agrícolas como o arroz, soja, milho e trigo.

SÃO LUIZ GONZAGA

São Luiz das Missões, hoje São Luiz Gonzaga, tem sua origem em 1687 nos Sete Povos das Missões, sendo também um deles. Sabe-se que as Missões Jesuíticas desenvolveram-se na Argentina, no Paraguai e no Brasil e deixaram marcas que hoje ainda perduram nas ruínas da denominada República Guarani. Das trinta reduções jesuíticas existentes, sete se fixaram à margem esquerda do rio Uruguai, depois de 1687, dando origem aos Sete Povos das Missões. Sobreviveram até 1756, quando os guaranis e os jesuítas foram expulsos pelas tropas portuguesas e espanholas por força da divisão do território estabelecida pelo Tratado de Madri, de 1750. Com a expulsão e o massacre de grande parte da população indígena local pelos invasores, apesar da heróica resistência liderada pelo mítico chefe guarani Sepé Tiaraju, a região passou por uma fase de abandono e estagnação até o século XIX. São Luiz Gonzaga possui uma história riquíssima e preserva diversos pontos para turistas vivenciarem essa realidade. Destacam-se a Igreja, os museus Senador Pinheiro Machado e Arqueológico, a gruta Nossa Senhora de Lourdes, o Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir, Monumento Sepé Tiaraju, a Cruz Missioneira, o Monumento ao **Pajeador Jayme Caetano Braun**, entre outros.

São Luiz Gonzaga voltou ao crescimento somente a partir de sua emancipação, em 1880, e com a instalação de uma Unidade do Exército Brasileiro, em 1905.

A Unidade da Sicredi de São Luiz Gonzaga foi fundada em 23 de junho de 1981 por 23 associados. Com o nome de Coopacredi, nasceu nas dependências da Coopatrigo, no mesmo local onde se localiza sua atual sede



administrativa.

A Unidade desempenha um papel relevante na comunidade são-luisense, fomentando o desenvolvimento tanto urbano como rural, por meio de suas linhas de crédito e investimentos.

Nesse Município, a Sicredi possui 5.812 associados de uma população total de 34.558 habitantes, o que representa 16,81% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 26.592.537 (vinte e seis milhões, quinhentos e noventa e dois mil, quinhentos e trinta e sete reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 22.629.290 (vinte e dois milhões, seiscentos e vinte e nove mil, duzentos e noventa reais). Conta com uma equipe de 23 colaboradores para atender seus associados.

SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

São Miguel das Missões possui uma riquíssima e vasta história das reduções. A Redução de São Miguel Arcanjo foi fundada em 1632 pelo Padre Cristóvão de Mendonza. Desde o início, a redução enfrentou dificuldades. Apenas com seis anos de fundação, os padres e os índios tiveram que passar para a outra margem do rio Uruguai, fugindo dos bandeirantes que procuravam escravos. Retornaram em 1687 e refundaram São Miguel Arcanjo, quando efetivamente ocorreu um grande desenvolvimento.

Pelo “Tratado de Madri”, que troca a Colônia do Sacramento, que era portuguesa e passa para a Espanha, incluindo os 7 Povos das Missões, deu início à decadência. Outros fatos corroboraram, entre os quais a Guerra Guaranítica, em que os guaranis foram derrotados e massacrados pelas tropas portuguesas e espanholas, a expulsão dos jesuítas do território espanhol e a Guerra Cisplatina, quando todos os homens das Missões foram incorporados ao exército. A partir desses fatos, a decadência foi completa.

A preservação da história iniciou em 1938, quando o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) realizou o tombamento dos remanescentes arquitetônicos. Em 1983, foi a vez da UNESCO efetivar o tombamento. O Município de São Miguel das Missões é conhecido por possuir **o único Patrimônio Cultural da Humanidade do Estado e do Sul do país**. O Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo tem sua origem relacionada aos remanescentes da redução do mesmo nome. São atrações permanentes as ruínas da igreja, a qual possuía três naves e cinco altares; o museu, com mais de uma centena de peças em diversos estilos; o Som e Luz, que é uma narrativa da história das Missões Jesuítico-Guaranis; e a Fonte, que é uma das sete fontes que abastecia a redução.

A Sicredi de São Miguel das Missões tem um papel fundamental no desenvolvimento do Município desde sua fundação em março de 1989. A sede



da unidade local se destaca por ser hoje a única Unidade Temática da região, pois é construída nos moldes das Ruínas de São Miguel, com pedras e estilo próprios dos indígenas guaranis.

Nesse município, a Sicredi possui 2.980 associados de uma população total de 7.421 habitantes, **o que representa 40,15%, um expressivo percentual de população cooperativada.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 10.910.868 (dez milhões, novecentos e dez mil, oitocentos e sessenta e oito reais). Da mesma forma, possuía emprestados aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 13.344.613 (treze milhões, trezentos e quarenta e quatro mil, seiscentos e treze reais). Conta com uma equipe de 11

colaboradores para atender seus associados.

São Miguel também destaca-se por ter um dos maiores territórios em área da região. Em todas as comunidades a Sicredi está presente, seja em reuniões de núcleos, seja em participação nas comunidades.

SÃO NICOLAU

A história de São Nicolau inicia com a fundação dos Povos Missionários, em 1626, crescendo muito rapidamente, chegando a quatro mil índios. Em São Nicolau, na primeira fase, foram introduzidos os primeiros rebanhos de gado e a atividade pecuária.

São Nicolau foi destruído na Guerra Guaranítica e reconstruído novamente no segundo período jesuítico. **Foi em São Nicolau que ocorreu a especialização da mão de obra indígena em profissões como tecelões, curtidores, ferreiros, carpinteiros, oleiros e agricultores, além da organização de turnos de trabalho.** Isso tornou o povoado muito produtivo e com qualidade de vida. Toda essa estrutura causou cobiça aos bandeirantes que obrigaram os padres a rumarem para a outra margem do rio Uruguai, tendo, assim, liberdade para aprisionar os índios, levando-os para a indústria canavieira em São Paulo.

Cinquenta anos após o encerramento do primeiro ciclo, os jesuítas voltaram a São Nicolau. Foram anos difíceis, mas tudo foi reconstruído. Para abalar a comunidade, ocorreram dois fatos: em 1688, um furacão com tempestade de granizo destruiu a igreja que estava em obras, as casas, as colheitas e grande quantidade de gado, e muitos habitantes morreram. Um ano depois, estava tudo reconstruído e um violento incêndio destruiu toda a aldeia. A nova reconstrução e o progresso voltaram e, em 1732, a população chegou perto de oito mil habitantes.

Como tudo iniciou em São Nicolau, que foi a primeira redução jesuítica

em solo rio-grandense, recebeu o cognome de **“Primeira Querência do Rio Grande”**. A economia da cidade gira em torno, basicamente, da produção agrícola.



A Unidade de Atendimento da Sicredi em São Nicolau foi inaugurada em 1º de março de 2000. A existência de uma unidade entre os municípios de Pirapó e Garruchos torna-se importante para a comunidade local, tendo em vista que os moradores desses municípios movimentam parte de suas rendas em São Nicolau, dando assim viabilidade aos negócios do Município. A unidade, enquanto cooperativa, prima pelo desenvolvimento econômico sustentável da população, por meio de suas linhas de crédito adequadas ao mercado financeiro atual.

Em São Nicolau a Sicredi possui 2.177 associados de uma população total de 5.727 habitantes, o que representa 38,01% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 5.601.608 (cinco milhões, seiscentos e um mil, seiscentos e oito reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 5.297.690 (cinco milhões, duzentos e noventa e sete mil, seiscentos e noventa reais). Conta com uma equipe de nove colaboradores para atender seus associados.

SÃO PAULO DAS MISSÕES

A colonização teve início em 1912, com a chegada dos colonos alemães. A origem do nome ocorreu já que chegaram exatamente no dia do Santo, São Paulo, sendo acrescentado, mais tarde, das Missões, ficando, portanto, São Paulo das Missões.

São Paulo das Missões é conhecido carinhosamente como **“Cantão Suíço das Missões”** por sua semelhança geográfica com a Suíça. Devido ainda ao cultivo expressivo de orquídeas pela Associação dos Orquidófilos, São Paulo das Missões vem sendo conhecido também regionalmente como **“Cidade das Orquídeas”** devido à beleza das flores produzidas. E ainda tem o título reconhecido pelo Estado do Rio Grande do Sul como **“Município Amigo do Idoso”**.

São Paulo das Missões possuía um Posto Avançado da Caixa Rural União Popular, o qual foi fechado com a reforma bancária em 1964, sendo correspondente o senhor Libório Bohn, por um determinado período.

A Unidade de Atendimento de São Paulo das Missões foi inaugurada em 9 de fevereiro de 1998 numa sala cedida pela Cotrisa. Iniciou com dois



colaboradores. Hoje, está instalada em um espaço amplo, moderno e bem situado ao lado da Prefeitura, no centro da cidade.

A Sicredi está bem envolvida com as entidades, apoiando e participando das atividades econômicas e culturais, sempre ajudando no desenvolvimento econômico e social da comunidade paulistana.

Nesse Município, a Sicredi possui 2.245 associados de uma população total de 6.367 habitantes, o que representa 35,25% de população cooperativada. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 12.093.225 (doze milhões, noventa e três mil, duzentos e vinte e cinco reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 10.758.176 (dez milhões, setecentos e cinquenta e oito mil, cento e setenta e seis reais). Conta com uma equipe de 11 colaboradores para atender seus associados.

SÃO PEDRO DO BUTIÁ

Os primeiros colonos chegaram em 1907. E já no início surgiu na Boa Esperança uma cooperativa para a compra de cereais e suínos e também para a venda de produtos aos colonos, no ano de 1918.

Como a cultura germânica ainda é muito acentuada, forte e valorizada, as escolas propiciam o ensino da Língua Alemã aos seus alunos. Por meio de concurso e por ser costume nas casas manter jardins sempre cheios de flores e bem organizados, foi escolhido o cognome **“São Pedro do Butiá – Jardim Missioneiro”**. Com a construção do Monumento São Pedro Apóstolo, padroeiro do Município, surgiu mais um nome: **“Terra do Centro Germânico Missioneiro, cujo ponto central é a estátua de mais de 30 metros de altura em homenagem ao Padroeiro do Estado do Rio Grande do Sul e da cidade de São Pedro do Butiá**. O pilar central que sustenta o Monumento é a Cruz Missioneira. Ainda, no seu interior, destaca-se um altar com relíquias trazidas da Terra Santa. **O Município é hoje, no Brasil, a primeira cidade irmã de Belém.**

O resgate e a preservação da cultura germânica, destacando acima de tudo a fé que deu força aos pioneiros para enfrentar o desconhecido e para construir as comunidades, são o grande objetivo dessa obra, a qual se tornou um referencial para toda a região. Sabe-se que nada “acontece por acaso”, então, a melhor maneira de encontrar bons resultados é a de a comunidade criar e assumir as alternativas para construir a sua história. Dessa forma, a imagem de um Município é o reflexo das ações do seu povo.

A Unidade de São Pedro do Butiá foi inaugurada em 12 de agosto de 1991. Foi o primeiro posto de atendimento da Sicredi Serro Azul. É a única instituição financeira do Município, pois se trata de uma unidade completa, oferecendo todos os produtos e serviços financeiros. Atualmente, conta com amplo espaço para atendimento aos associados, sala de autoatendimento,

com cashs, e atendimento personalizado, com uma equipe em constante busca de qualificação profissional.

Desde o princípio, a cooperativa foi fundamental no desenvolvimento econômico e social das famílias dos associados, tanto no cenário urbano quanto no cenário rural, e viabiliza financiamentos, empréstimos, captação e poupança, entre outros.

Nesse Município, a Unidade de Atendimento possui 1.849 associados de uma população total de 2.873 habitantes, **o que representa 64,35%, sendo este o mais alto e expressivo percentual de população local cooperativa da região, do Estado e do Brasil, equivalente à de primeiro mundo.** Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um



total de R\$ 12.897.122 (doze milhões, oitocentos e noventa e sete mil, cento e vinte e dois reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 11.384.748 (onze milhões, trezentos e oitenta e quatro mil, setecentos e quarenta e oito reais). Conta com uma equipe de nove colaboradores para atender seus associados.

A unidade tem como premissa zelar pelo bom atendimento, abordar com clareza e transparência os produtos e serviços buscados e ofertados aos associados. Lema da Unidade de Atendimento: **“Associado por uma vida e não por um negócio”**.

SENADOR SALGADO FILHO

A localidade, que nasceu com o nome de linha Giruá, pertenceu inicialmente ao Município de Cruz Alta. Posteriormente, passou a pertencer ao Município de Santo Ângelo, e no ano de 1931, a Santa Rosa. Em 28 de janeiro de 1955, com a emancipação de Giruá, passou a pertencer a este Município, já com a denominação de Salgado Filho. Colonizado por imigrantes alemães, suecos, russos e austríacos, o Município tem como principal característica as pequenas propriedades rurais, denominadas minifúndios. O início do povoamento ocorreu por volta dos anos de 1906 e 1907, nas denominadas Linhas República e Giruá. Sabe-se que as terras começaram a ser divididas em lotes rurais a partir de 1897. Esse processo de loteamento, no entanto, encerrou somente vinte anos depois, em 1917. Uma segunda leva de imigrantes estabeleceu-se nas localidades interioranas, entre os anos de 1908 e 1911, oriundos de “Estados Satélites” da então União Soviética (Ucrânia, Polônia), do antigo Império

Prussiano e, principalmente, da Alemanha. A maioria eram pessoas em fuga devido às revoluções que determinaram o fim dos czares na Rússia e a ascensão do nazismo na Alemanha e do socialismo estatal na URSS, e também a todos os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. Já no Brasil, padres missionários indicaram Salgado Filho como alternativa para fixar residência devido à semelhança do clima e das condições do solo. Além do mais, as terras poderiam ser adquiridas e pagas mediante prestação de serviços para o Governo (construção de estradas, medições, etc.). Todos receberam uma pequena ajuda do Governo, destacando-se a distribuição de sementes. Relatos orais afirmam que até ao Município de Cruz Alta as famílias vinham em caravanas. Dali, os homens vinham na frente, à procura dos lotes já abertos por companhias de colonização, mediante apoio do Governo Federal. As mulheres com as crianças seguiam na retaguarda. No vizinho Município de Guarani das Missões havia uma paragem, tipo entreposto de fiscalização. Os imigrantes de origem polonesa ficavam à esquerda do rio Comandáí. Cerca de 80% da população foi classificada como de origem alemã, enquanto os 20% restantes foram atribuídos a outras etnias, como polonesa, portuguesa, italiana e pomerana. A maioria desses imigrantes, na verdade, é oriunda do antigo Império da Prússia, que tinha como língua oficial a Alemã, mas abrangia uma vasta área que hoje são os países da Polónia e Ucrânia, especialmente de uma região chamada “Wollinien”.

Com a emancipação, Salgado Filho passou a chamar-se Senador Salgado Filho. Tem a sua economia baseada principalmente na agricultura, com as plantações de soja, milho e trigo; na pecuária merece destaque a produção de leite e derivados. Há pequenas indústrias como olarias, destilarias de aguardente, fábrica de esquadrias metálicas, de aberturas e móveis de madeira.

A Unidade Sicredi de Senador Salgado Filho destaca-se por fazer parte



da história do Município, sendo a primeira e única instituição financeira dessa cidade. As demais instituições somente possuem postos de atendimento. A primeira unidade foi inaugurada em abril de 2002. Em dezembro de 2008, em um prédio amplo e moderno, inaugurou-se a nova unidade, destacando-se na arquitetura do Município.

Nesse Município, a Sicredi possui 1.291 associados de uma população total de 2.814 habitantes, **o que representa 45,87% de população cooperativada**. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 11.725.396 (onze milhões, setecentos e vinte e cinco mil, trezentos e noventa e seis reais). Da mesma

forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 10.342.127 (dez milhões, trezentos e quarenta e dois mil, cento e vinte e sete reais). Conta com uma equipe de dez colaboradores para atender seus associados.

TUCUNDUVA

A colonização mais efetiva ocorreu a partir de 1920 com a chegada de famílias italianas, provindas da região de Bento Gonçalves. Apesar de viverem algumas famílias esparsas, entre as quais se destaca a família de João Tucunduva, cujo sobrenome deu origem ao município de Tucunduva. Com a chegada dos colonizadores, as localidades foram surgindo, originárias de diferentes grupos étnicos, entre eles alemães, italianos e poloneses. E, em 1926, foi fundado o povoado de Tucunduva.

Com o trabalho árduo dos antepassados, baseado na força braçal, áreas de matas foram cedendo espaço, transformando-se em lavouras de subsistência. Entre as décadas de 1970 e 1980, iniciou-se o processo de mecanização da lavoura, intensificando o plantio da soja, promovendo, consequentemente, mudanças nas relações de trabalho. As lavouras produtivas renderam ao município o cognome de **“Capital da Lavoura Mecanizada”**.

Tucunduva também é conhecida como a **“Terra do Músico”** por realizar, anualmente, a Festa do Músico, onde se reúnem grupos musicais de diversas regiões do país e do exterior.

Tucunduva se destaca no Cooperativismo de Crédito regional. Foi sede da cooperativa “Credituva” que, em 26 de janeiro de 1996, se uniu à Cooperativa de Crédito Rural Santa Rosa Limitada.



Nesse município, a Sicredi possui 2.589 associados de uma população total de 5.901 habitantes, **o que representa 43,87% de população cooperativada**. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 19.504.907 (dezenove milhões, quinhentos e quatro mil, novecentos e sete reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 23.209.639 (vinte e três milhões, duzentos e nove mil, seiscentos e trinta e nove reais). Conta com uma equipe de 14 colaboradores para atender seus associados.

Tucunduva destaca-se, também, pela efetiva parceria com colégios na execução do programa **A União Faz a Vida**.

TUPARENDI

A sua colonização iniciou por volta de 1914 com a chegada de alemães e italianos. O primeiro nome era Belo Centro. Tuparendi se destaca por estar em uma área onde o céu azul tem beleza ímpar, assim como a amizade e a hospitalidade do povo é motivo de orgulho. Já foi chamada de **“Fronteira da Amizade”**, porém, na atualidade, é conhecida como **“Cidade do mais Belo Céu”**.

No município de Tuparendi, a Unidade da Sicredi iniciou suas atividades em 17 de março de 1989, nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Foi com a força motriz de seus associados que a Unidade da Sicredi se expandiu, tornando-se uma excelente opção de negócios e agregadora de renda, tendo uma participação direta no desenvolvimento da comunidade



local, captando e emprestando, nas mais diversas linhas de crédito, para o mercado urbano e rural.

Nesse Município, a Sicredi possui 3.903 associados de uma população total de 8.557 habitantes, o que representa **45,61%, também um percentual alto de população cooperativada**. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 26.107.067 (vinte e seis milhões, cento e sete mil, sessenta e sete reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 31.913.037 (trinta e um milhões, novecentos e treze mil e trinta e sete reais). Conta com uma equipe de 16 colaboradores para atender seus associados.

VITÓRIA DAS MISSÕES

O Município de Vitória das Missões está localizado na microrregião do Planalto Médio, na região das Missões. Dentre os fatos históricos, se pondera duas versões referentes à criação do seu nome. A primeira versa sobre um grande latifundiário de terras, o senhor Luis Kruehl, dono da área onde se situa hoje o atual Município e que, em homenagem a sua esposa, que se chamava Vitória, escolheu esse nome para o Município. Já a segunda versão se deu a partir da vinda de imigrantes alemães, no ano de 1909, e italianos, em 1926, oriundos de várias cidades do Estado, em busca de uma vida melhor nessa terra promissora. Pelo sofrimento no percurso, ao chegarem, sentiram-se orgulhosos e batizaram então de Colônia Vitória, nome esse que prevaleceu até 1992, ano de sua emancipação político-administrativa.

Atualmente, o Município conta com uma diversidade de estabelecimentos comerciais, agricultura e pecuária leiteira bem expandida

que movimentam a maior arrecadação econômica. Possui vasta infraestrutura, sendo a mais importante o abastecimento de água aos munícipes por meio de poços artesianos, com a cobertura de 100%. Dentro do padrão turístico, o Município faz parte da chamada Rota Missões.



A Unidade de Vitória das Missões é a 4ª unidade de atendimento da antiga Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Missões. Foi inaugurada em 15 de outubro de 1992. Na época, contava com um colaborador.

A Sicredi Vitória das Missões atua como principal instituição financeira do Município e comunidade. Destaca-se das demais pela presença de uma equipe de colaboradores vitorianos, pois quase todos residem no Município e mantêm um excelente relacionamento com todos os associados e a

comunidade.

Nesse Município, a Sicredi possui 1.556 associados de uma população total de 3.485 habitantes, **o que representa 44,64% de população cooperativada**. Em relação a 2012, a Unidade de Atendimento administrava em Capital Social, Depósito à Vista, Depósito a Prazo, Poupança, Fundos de Investimento e Previdência um total de R\$ 5.863.802 (cinco milhões, oitocentos e sessenta e três mil, oitocentos e dois reais). Da mesma forma, possuía emprestado aos seus associados, nas mais diversas linhas e modalidades de crédito, um total de R\$ 4.303.360 (quatro milhões, trezentos e três mil, trezentos e sessenta reais). Conta com uma equipe de oito colaboradores para atender seus associados.

Saliente-se que são catorze os municípios da região que possuem um percentual acima de 40% da população cooperativada. É algo que engrandece a Sicredi União RS.

Na área de atuação da Sicredi União RS, ainda existem três municípios **sem posto de atendimento**. São eles:

ROLADOR

A denominação de Rolador vem do nome do arroio que banha o sul da cidade. Suas águas pouco profundas e as corredeiras vão “rolando” no seu leito de pedregulho e originaram o seu nome: arroio Rolador.

Rolador foi sede da Redução de Nossa Senhora de Candelária, fundada em 2 de fevereiro de 1627, na atual localidade do Rincão dos Melo, a 6 km da sede do Município. Com o retorno dos padres jesuítas que fundaram, em 1687, São Luiz Gonzaga, a área de Candelária foi integrada ao grupo de São Luiz. A área de Candelária foi ocupada pelos padres para a criação de gado.

Rolador deu um salto extraordinário de crescimento durante o período da construção da estrada de ferro. Foi sede do acampamento de militares responsáveis pela ferrovia.

GARRUCHOS

Garruchos integrou os Sete Povos das Missões por meio da Redução São Francisco de Borja. Toda a sua área era dos indígenas. Ocorreram ali ataques dos bandeirantes para escravizar índios. Nessa área havia muito gado e cavalos chucros.

O rio Uruguai divide os municípios de Garruchos no lado brasileiro e Garruchos, na Argentina. O rio é navegável por mais de 55 km, seguindo a costa do rio, passando por nove ilhas. É comum a existência de matas nativas e centenárias, predominando o pau-ferro. Casas antigas fizeram parte da história do Rio Grande. Os costumes do povo gaúcho eram preservados em cada lar, nos hábitos da vida no campo, na hospitalidade e na cultura local. Tem como cognome **“Paraíso dos Dourados”**.

Em Garruchos está localizada a Conversora Garabi. É também nesse Município que está sendo projetada a construção da hidroelétrica Garabi. Além da geração de energia, esse empreendimento deverá melhorar toda a infraestrutura regional e gerar um novo Polo de Desenvolvimento Regional Binacional.

PIRAPÓ

A colonização teve início no século passado com a chegada da família alemã de Ernesto Henrique Guilherme Wilhelm Sommer, juntamente com outras famílias. A colonização ficou conhecida como Colônia Sommer. Teve, ainda, outras denominações como Colônia Pirapó, Vila Pirapó e, por fim, somente Pirapó. A origem do nome, em linguagem tupi-guarani, significa **“Salto do Peixe”**, certamente pela abundância de peixes existentes no passado.

Uma curiosidade existente é a de que essa comunidade sempre era visitada pelo Pe. Amstad, já nos idos de 1905, apesar dos obstáculos

existentes, ou seja, o rio Ijuí. Provavelmente as visitas estavam programadas ao Volksverein que, em todas as comunidades, possuía uma associação ou ao menos uma representação.

Mesmo não possuindo ponto de atendimento nos municípios de Rolador, Garruchos e Pirapó, os associados são atendidos nos municípios limítrofes.

PARTE IV
PROGRAMAS SOCIAIS

Em 2005, foi criada a Fundação Sicredi. Tem como objetivo fundamental “a manutenção e a estruturação, em termos de planejamento, da essência do nosso empreendimento, que são as sociedades cooperativas”.

As principais finalidades da fundação são aprimorar o processo de organização do quadro social, fazendo com que os associados entendam sua responsabilidade nas decisões e nos resultados da cooperativa, levando-os a agir, efetivamente, como donos do negócio.

CRESCER E PERTENCER

Neste capítulo se registra a importância da Cooperativa de Crédito, para o presente e para o amanhã, dos programas **Crescer e Pertencer**. O fundamento está num associado que conhece e participa da vida da cooperativa, ou seja, aquilo que é seu.

O programa **Crescer** “é o programa de formação Cooperativa do Sistema de Crédito Cooperativo – Sicredi”. Assim, o programa Crescer “visa promover uma compreensão sobre o funcionamento das Sociedades Cooperativas, especialmente das Cooperativas de Crédito do Sicredi”.

As mudanças como um todo exigem igualmente mudanças para o Sicredi que constantemente precisa se adequar às novas realidades, garantindo a sustentabilidade de sua iniciativa, sem perder a sua identidade calcada nos valores do cooperativismo.

O objetivo permanente a ser desempenhado tem a função de promover educação, formação e informação sobre a prática cooperativista. Torna-se importante a difusão do conhecimento, dos valores e dos princípios cooperativistas, possibilitando uma dimensão bem clara dos direitos e deveres, das responsabilidades e do grau de participação que se espera do quadro social da Sicredi.

A educação, a formação e a informação são as bases que viabilizam o funcionamento de uma cooperativa, pois depende delas a participação consciente, organizada e eficiente dos associados. É necessária a formação, a capacitação e a reciclagem permanente dos associados, dirigentes, conselheiros, líderes e colaboradores das cooperativas. Fica o convite para cada associado realizar o processo de aprendizagem e de conhecimento sobre a sua Cooperativa de Crédito. Conhecimento nunca é demais e, acima de tudo, faz bem.

Mais importante e oportuna ainda é essa estratégia pedagógica, considerando que as cooperativas, quais peixes na água, flutuam em um mar de concorrência e individualismo crasso e desenfreado, de um “salve-se quem puder”, de um imediatismo usufruído, incansável dos múltiplos bens e serviços oferecidos pelo sistema consumista de estilo capitalista, materialista e neoliberal que somente visa acumular cada vez mais lucro em mãos de poucos.

Abreu (apud PINHO e PALHARES, 2004, p.98) diz que o “sucesso das cooperativas passa pela manutenção de bons mecanismos de mobilização dos seus associados, da seleção criteriosa dos seus dirigentes e da prestação de contas. E quanto maior a participação dos sócios em suas cooperativas, sobretudo nas assembleias (de núcleo), tanto mais estável tende a ser o seu funcionamento. O associado, além de beneficiário da infraestrutura e dos serviços oferecidos, participa da distribuição dos resultados gerados ao final de cada exercício social”. Abreu ainda nos apresenta quais são **os papéis dos associados** no empreendimento cooperativo, esses são: proprietário do empreendimento, provedor das reservas destinadas à mútua utilização e usuário dos produtos e serviços oferecidos pela cooperativa.

Palhares afirma que a empresa cooperativa tem que ser bem compreendida e adequadamente instrumentalizada. Para isso, é necessário ter lideranças formadas e conscientes de suas responsabilidades diante do quadro social.

O programa **Pertencer** tem como objetivo “aprimorar o processo de participação dos associados na gestão e desenvolvimento das cooperativas de crédito integrantes do Sicredi”.

É igualmente interessante lembrar quais são os objetivos da Cooperativa de Crédito que tem como missão “valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade”. E como visão, “ser reconhecida pela sociedade como instituição, comprometida com o

desenvolvimento econômico e social dos associados e das comunidades, com o crescimento sustentável das cooperativas, integradas em um sistema sólido e eficaz”.

O programa tem como objetivo final a formação de núcleos. Núcleo é um agrupamento pequeno de associados que se organizam e estruturam na base da área de ação da Cooperativa de Crédito, base que corresponde, em geral, à área de um Município. Cada núcleo terá o seu coordenador, o qual será identificado como delegado. No entanto, somente o associado que realizar o percurso 1 e 2 do Crescer e for aprovado no percurso 2 do Crescer, com média superior a 7, poderá ser candidato.

A perenidade da cooperativa está no programa Pertencer, o qual visa criar esse vínculo de pertencimento nos associados. O crescimento de uma cooperativa está essencialmente na fidelidade de seu associado, também em tempos difíceis, caso venham a ocorrer. Deve estar claro aos associados que “somos uma instituição Coletiva e Comunitária de Serviços Financeiros e não banco”. E quando se associam à Cooperativa de Crédito, automaticamente passam a ter direitos e deveres, e precisam cumpri-los, como patrões e coproprietários.

O programa Pertencer está fundamentado na missão, visão, valores e no posicionamento estratégico do Sicredi, acompanhado pelos princípios. São eles que direcionam o caminho.

É nas reuniões de Núcleo que, sendo grupo pequeno e mais próximo das pessoas, nele melhor se cria um ambiente de interação, de coesão e participação, porque ali todas as pessoas se conhecem, são vizinhos, compadres e comadres, e no qual, por isso, o associado participará efetiva e afetivamente do processo de gestão e desenvolvimento da cooperativa, atendendo, assim, ao previsto no parágrafo XI do artigo 4º da Lei do Cooperativismo, por intermédio do Coordenador do Núcleo. Por isso, quando o grupo de associados é coeso e comprometido, o resultado é o desenvolvimento

da atividade econômica da cooperativa.

Assim como as mudanças são permanentes em todas as realidades, seja com os humanos, as empresas, seja com a tecnologia, a Cooperativa Sicredi de hoje não teria sobrevivido se não tivesse acompanhado a evolução do próprio cooperativismo e realizado as mudanças necessárias. A Caixa Rural União Popular prosperou por um longo período porque as mudanças eram mais lentas. Hoje, a adequação é diária e contínua. O Crescer e o Pertencer lembram a responsabilidade ilimitada dos associados nos primeiros anos de existência das Caixas Rurais.

Schwingel, Gerente da Fundação Sicredi, conclui que “o Pertencer é a prática, e o Crescer é a teoria”. A sustentação e o crescimento da Sicredi como um todo estão nos programas Crescer e Pertencer. Quando o associado possui uma cultura cooperativista, desenvolve as suas atividades, ou melhor, faz os seus negócios com a sua cooperativa, na sua unidade. Havendo fidelização, haverá o atingimento das metas e um crescimento vertiginoso.

A perenidade da cooperativa está efetivamente nas mãos dos associados e não dos dirigentes. Os dirigentes têm a atribuição de coordenar e implantar o processo de crescimento e evolução constantes, e estimular, motivar e acompanhar de perto as bases. É provado que se cria uma identidade cooperativa, atitudes e valores na infância. É quando se enxergam e vivenciam-se atitudes e ações nos mais diversos setores da sociedade. Esse processo se dá pela Educação Cooperativa, pois nessa se vivenciam os valores e os princípios.

Assim se expressa (Schneider, 2010, p.112): “Para que a Educação Cooperativa seja capaz de criar laços ativos de confiança e de responsabilidade entre os associados, é necessário que se dê espaço para todos e cada um dos associados poderem expressar as suas opiniões quanto ao futuro da Cooperativa. Dessa forma, esses efetivamente perceberão que também são donos da Cooperativa, estabelecendo uma relação para além da mera instrumentalidade de vender o seu produto ou prestar um serviço.” E continua:

“Podemos afirmar que sem uma Educação Cooperativa não há meios de se manter a identidade cooperativa, nem de perceber qual é o diferencial das cooperativas em relação às demais empresas; muito menos observar o espírito de cooperação e comprometimento com o outro, uma vez que o associado estaria ali só pelas vantagens financeiras.”

E conforme a Política de Sustentabilidade do Sicredi, em seu preâmbulo (p. 02), diz que ela deve ser entendida como aquela que “gera resultado econômico, ao mesmo tempo em que protege o meio ambiente e melhora a qualidade de vida das pessoas com as quais interage”. Mais do que nunca, o planejamento é uma ferramenta essencial na administração das organizações. “Planejar, controlar, avaliar e replanejar passam a ser partes indispensáveis da gestão.” Por ser Cooperativa de Crédito de Livre Admissão, a prática de planejamento apresenta dois desafios, e diria que permanentes: a ampliação da participação dos associados, e a implementação de programas de formação dos seus quadros sociais. O planejamento é uma ação coletiva, isto é, onde os dirigentes e técnicos, com a participação dos associados, decidem e definem os rumos do empreendimento.

O Guia do Programa Pertencer diz que as sociedades cooperativas são empresas de propriedade coletiva e que seu desenvolvimento, solidez e perenidade dependem da participação dos sócios na construção do empreendimento.

Espera-se que os programas Pertencer e Crescer, na atual fase de crescimento e expansão do sistema, numa realidade econômica e social cada vez mais complexa e competitiva e a ritmos de mudança progressivamente velozes, com inovações tecnológicas e sociais se manifestando em todos os níveis e em todas as direções, proporcionem a sustentação da Sicredi União RS pelos próximos cem anos. Sem associados conscientes dos desafios e ao mesmo tempo participativos, não existe Cooperativa.

A UNIÃO FAZ A VIDA

As mudanças técnico-científicas na humanidade ocorrem num piscar de olhos, mas as inovações em educação e nos costumes (cultura) são de forma lenta. Sabe-se que a participação do aluno no processo de aprendizagem é ainda muito pequena, e esse é muito mais um receptor de informações do que construtor de conhecimento. As ações pedagógicas, na maioria das vezes, voltam-se para o sucesso individual, reflexo de uma sociedade que não é cooperativista e não desenvolve atividades de cidadania e cooperação.

O Sistema Sicredi, por iniciativa do seu então Presidente Ademar Schardong, a partir de 1993, solicitou e, em parceria com uma Universidade³, criou o programa **A União Faz a Vida**, testado em 1995 no Município de Santo Cristo. Depois, a partir de 1997, iniciou sua implantação em sete municípios do Estado e tem como objetivo **“construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional”**.

Hoje, o Programa tem construído parcerias com várias universidades do Estado. Os princípios que orientam o programa projetam sua visão de mundo e a compreensão sobre o modo de organização econômica e social que deseja reafirmar: cooperação e cidadania.

Com o objetivo acima, a Fundação Sicredi efetiva na prática o que propõem o 5º e o 7º princípios do cooperativismo, que são: promover educação, formação e informação e o interesse pela comunidade, respectivamente.

3. Do grupo de docentes e pesquisadores do setor cooperativista e da economia solidária da UNISINOS, que se encarregaram de elaborar a dimensão didático-pedagógica do programa.

Segundo o professor Belato, é necessário pensar as práticas e as concepções a respeito da formação cooperativa e, para tanto, precisa-se compreender melhor o fazer educativo em seus fundamentos e em suas implicações.

Enquanto educadores, o dia a dia deles está repleto de oportunidades para praticar o que lhes propõem os quatro pilares da educação defendidos pela UNESCO, sob a coordenação de Jacques Delors (Educação para Todos): **“aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conviver com os outros”**.

Um dos objetivos finais do programa é que tanto os professores quanto os alunos adquiram conhecimento (saber) da realidade na qual estão inseridos, adquiram atitudes (saber ser), adquiram habilidades (saber fazer) e, por fim, pratiquem o relacionamento (saber conviver).

É pressuposto que o aluno adquira algumas habilidades empreendedoras com o desenvolvimento de habilidades de “aprender a ser” e do “aprender a se relacionar”.

A escola, em princípio, não funciona nessa sistemática. Para viver juntos e cooperar, o ego individualista precisa mudar essencialmente em atitudes e ações. Precisa uma mente nova que conduza a práticas novas, mais solidárias e respeitadoras das pessoas e do meio ambiente.

Para concluir esse raciocínio, precisa-se, conforme Belato, construir a cultura da cooperação, dentro de uma realidade adversa, como já mencionado anteriormente. Como? Efetivando práticas de cooperação, planejamento cooperativo, que expandam uma cultura cooperativa que fomente ações de interação de professores com professores, professores com alunos e de alunos e professores com a comunidade educativa, pais e familiares. Este é o objetivo do programa: buscar desenvolver práticas cooperativas inovadoras que sejam pedagogicamente eficazes para o desenvolvimento da cultura da

cooperação.

Estes são os desafios que integram uma educação cooperativa: atitudes e ações dos profissionais, pautadas nos princípios do cooperativismo, os quais devem fazer parte do nosso ser, da nossa vida, do nosso fazer e do nosso agir.

Por isso, o programa tem este propósito: integrar a escola e a comunidade dentro do espírito do comprometimento cooperativo por meio de práticas de solidariedade, na ajuda mútua e no exercício da democracia, nos mais diferentes setores da atividade humana.

Projetos de trabalhos cooperativos somente ocorrem com professores e alunos cooperativos e como consequência de aulas cooperativas nas quais ocorrem a interação, a mediação, a intervenção e a integração.

Segundo Frantz, para desenvolver a cooperação e o cooperativismo nas escolas a partir do programa “A UNIÃO FAZ A VIDA”, deve-se constituir na inserção da escola, na comunidade, trazendo seus desafios socioeconômicos, seus saberes e a diversidade cultural da vida cotidiana para dentro das escolas.

E, por fim, Levinski diz que a pedagogia de projetos está vinculada à perspectiva do conhecimento globalizado e interdisciplinar que, a partir da realidade do sujeito, dá significado ao conteúdo escolar, rompendo com a fragmentação dos saberes de cada disciplina. Inclui o educando e a comunidade como sujeitos pensantes, críticos, criativos, históricos e cidadãos que sejam cada vez mais os efetivos protagonistas do seu destino. Está pautada, em especial, no aprender a aprender.

Os projetos desenvolvidos pelas crianças e adolescentes, em conjunto com os demais agentes do programa, têm na sua essência a construção de vivências de atitudes e valores de cooperação e cidadania.

A perfeição do ser humano pode parecer utópica, mas apostar em um

programa voltado para a transformação social, que apresenta características para a realidade, essencialmente educativas e comunitárias, é, com certeza, uma possibilidade de humanização. As conquistas dos que aceitam o programa A União Faz a Vida e dele gostam são percebidas nos ambientes em que ele acontece. Poucos programas mexem tanto com alunos, professores, pais e comunidade quanto o programa A União Faz a Vida nas comunidades onde atua. Pois o programa, ao mesmo tempo que motiva os educandos para a cooperação e a solidariedade, os motiva em prol da preservação do meio ambiente. Há igualmente situações em que, com o surgimento de dificuldades, ocorre o desânimo e, por vezes, tais iniciativas acabam ficando pelo caminho. Nesses casos escolas, professores, alunos, pais e comunidades perdem uma oportunidade de criar e desenvolver a cultura da cooperação.

Sabe-se que a experiência tem um valor inestimável. E o programa A União Faz a Vida tem esse objetivo de vivenciar e experienciar por meio dos projetos essa realidade. É a grande lição de vida para alunos, professores e comunidade de aprendizagem.

A Fundação Sicredi deve continuar proporcionando e investindo no programa, pois o sonho de mudança existe, e o desafio é para todos. O programa contribui efetivamente para uma educação integral.

Na Sicredi União RS, o programa é desenvolvido efetivamente nos municípios de Entre Ijuís, onde o mesmo está em atividade ininterrupta há mais tempo, em Tucunduva e em Santa Rosa.

Saliente-se que existe uma boa bibliografia à disposição para o conhecimento e aprofundamento do programa “A União Faz a Vida”.



E.M.E.F. São José Operário - Tucunduva - RS



E.M.E.F. Zeferino Antunes de Almeida - Entre-Ijuís - RS



E.M.E.F. São Paulo - Entre-Ijuís - RS



E.M.E.F. Antônio Cortez - Entre-Ijuís - RS



E.M.E.F. Maria Antônia Uggeri Pizetta - Entre-Ijuís - RS

PARTE V
HISTÓRICO COOPERATIVISTA
DA REGIÃO

HISTÓRIA DA SICREDI UNIÃO PROCESSO DE UNIFICAÇÃO

Veja-se a seguir um pequeno histórico das atividades cooperativistas ocorridas na região noroeste do Rio Grande do Sul a partir dos anos de 1980. De modo sucinto, registra-se a caminhada cooperativa, resultando, ao final, nas unificações, ou seja, na união das Cooperativas de Crédito.

Os empreendimentos, no caso, as Cooperativas de Crédito, normalmente iniciam pequenos e vão crescendo gradativamente. Uma se desenvolvem de forma mais acelerada e nelas ocorre um aumento do número de associados permanentemente. Nenhuma Cooperativa de Crédito dessa região foi fundada por um número expressivo de associados, sendo a maioria por menos de cinquenta (50).

Dependendo da cultura cooperativista, o número de associados aumentava de forma gradativa, sendo que algumas apresentam exceções, e o aumento era quase vertiginoso, o que valorizava em muito a Cooperativa de Crédito.

Nessa região, igualmente ocorreram diversas uniões de Cooperativas de Crédito para o seu fortalecimento. Vale lembrar que esses processos sempre ocorreram não somente aqui, mas em todas as partes do mundo, e continuam nos tempos atuais. O objetivo final é sempre fortalecer a cooperativa e proteger o associado.

A Cooperativa de Crédito Rural de São Borja Ltda – CREDIBORJA –, que foi fundada em 8 de junho de 1981, passou a denominar-se Cooperativa de

Crédito Rural de São Borja Ltda – Sicredi São Borja – em 1996. Salienta-se que a cooperativa sempre teve um número reduzido de associados, o que provavelmente foi um dos principais motivos que a impediu de avançar no seu crescimento econômico. Vale lembrar ainda que não ocorreram irregularidades na administração da cooperativa. Diante das dificuldades, a Cooperativa de Crédito Rural de São Luiz Gonzaga – Sicredi São Luiz Gonzaga – ocupou o espaço deixado pela Sicredi São Borja. Não deixou margem a especulações sobre o cooperativismo, mas também não conseguiu frutificar como deveria, e logo a seguir uniu-se com a Cooperativa de Crédito Rural de Santo Ângelo Ltda – Sicredi Santo Ângelo. Em 6 de maio de 1998, passou a denominar-se Cooperativa de Crédito Rural Missões Ltda – Sicredi Missões.

A Cooperativa de Crédito Rural Santa Rosa Ltda – Sicredi Grande Santa Rosa – incorporou a Cooperativa de Crédito Rural Tucunduva Ltda – Sicredi Tucunduva –, o que foi aprovado pela AGE (Assembleia Geral Extraordinária) conjunta, realizada na cidade de Tucunduva – RS, no dia 26 de janeiro de 1996.

E, por fim, a Cooperativa de Crédito Caixa Rural União Popular de Guarani das Missões – COPERGUARANI – foi fundada em 21 de fevereiro de 1954, e uniu-se à Cooperativa de Crédito Rural de Cerro Largo Ltda – Sicredi Cerro Largo – a contar de 26 de janeiro de 1996.

A partir de 2009, começou a discussão sobre a possibilidade de efetivar mais uniões de cooperativas, tendo em vista o fortalecimento, mais ainda diante do aumento da concorrência financeira dos bancos e da globalização. Assim, as três Cooperativas de Crédito de Cerro Largo, da Grande Santa Rosa e das Missões iniciaram o processo com a troca de ideias. O processo avançou rapidamente iniciando em 2010, pela Sicredi Serro Azul, a qual aprovou a união por unanimidade na Assembleia Geral Extraordinária no dia 28 de setembro de 2010. A seguir, a Sicredi Grande Santa Rosa também aprovou a união na Assembleia Geral Extraordinária realizada no dia 29 de setembro de 2010, e,

por fim, a Sicredi Missões igualmente aprovou por unanimidade a união na AGE do dia 30 de setembro de 2010.

Diante desse fato, foi convocada uma Assembleia Geral Extraordinária - AGE – conjunta para o dia 1º de novembro de 2010, na cidade de Santo Ângelo – RS, a qual referendou, por unanimidade, a incorporação pela Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi Serro Azul RS – a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Grande Santa Rosa – Sicredi Grande Santa Rosa RS – e a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Missões – Sicredi Missões Ltda RS –, **passando a denominar-se de Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi União RS.**

As experiências das uniões dessa grande região resultaram numa das maiores Cooperativas de Crédito do País, a Sicredi UniãoRS.

Estampa-se abaixo, a fotografia dos membros do Conselho de Administração:



Eis a fotografia dos membros do Conselho Fiscal da Sicredi União RS.



HISTÓRIA DA SUREG UNIÃO RS

A Superintendência Regional União RS iniciou em julho de 2008. Denominada nesse ano como Sureg Missões - Noroeste RS, a entidade iniciava suas atividades atendendo, de forma compartilhada, a quatro cooperativas: Sicredi Grande Santa Rosa RS, Sicredi Serro Azul RS, Sicredi Missões RS e a Sicredi Noroeste RS.

Naquele ano, essa era uma iniciativa pioneira no Sistema Sicredi, passando as antigas URDC's (Unidades Regionais de Desenvolvimento e Controle), que tinham um foco voltado para atender às demandas administrativas das unidades de atendimento, a se tornarem Superintendências Regionais, com foco no desenvolvimento de negócios.

A criação desse primeiro escopo de Sureg compartilhada aconteceu após muitos encontros entre os dirigentes das quatro cooperativas e da Central Sicredi Sul, que acreditaram na ideia de desenvolvimento proposta pelo Sistema Sicredi. Em abril de 2009, após quase um ano de funcionamento da Sureg Missões-Noroeste RS, a Sicredi Noroeste RS deixa de integrar o grupo, constituindo Sureg própria, e a Superintendência também passa a se denominar Sureg Missões RS.

Com o aumento do número de demandas, o cenário econômico que estava surgindo e, com a necessidade de cada vez mais padronizar os processos e obter ganhos em escala, em novembro de 2010, outro passo importante acontece: a união das três cooperativas integrantes da Sureg Missões RS. Com isso, a Superintendência passa a se chamar Sureg União RS,

deixando de ser compartilhada para ser parte de uma das maiores Cooperativas de Crédito do Brasil.

Atualmente, a Sureg União RS conta com 73 colaboradores, desempenhando funções nas mais diferentes áreas: administrativas, desenvolvimentos de negócios e controles.

A seguir os leitores são brindados por um poema que nos versos retrata um pouco da história centenária.

TITULO - 100 ANOS SICREDI UNIÃO - RS

AUTOR - JOSÉ DIRCEU DUTRA

*É um marco eterno na história
Do nosso associativismo
Hoje o cooperativismo
Faz 100 anos de existência
Brotados de uma querência
Do tempo dos bois de cangas
Das carreteadas, as sangas
E aos cascos dos cavalos
Aos contos, réis e regalos
Que davam pano pra manga*

*Lá da grande Serro Azul
Vem nascer com esse encargo
A cultural Cerro Largo
Alicerçada na união
Exemplo de criação
Seguindo à risca a experiência
Com lisura e transparência
De associar por vocação*

*Vieram as caixas rurais
Criadas, inicialmente
E assim estarem presentes
Desenvolvendo a região
E toda a distribuição,
Era para fins beneficentes
A entidades carentes
Com destacada orientação*

*A COCECRER foi criada
Para servir de modelo
E as cooperativas, com zelo,
Deram crédito à entidade
Que treinava a realidade
Do nosso homem rural
Para ser profissional
E alimentar a cidade*

*E assim a Sicredi União RS
Já nasceu forte e ativa,
Bendita cooperativa
Alavancando o progresso
Que faz parte do processo
No campo e na cidade
E vem mostrar à sociedade
Que cooperar é um sucesso*

*Nossos programas sociais
Dão base ao empreendimento
Eles que são o sustento
E a representatividade
De ver na realidade
Que nem tudo é financeiro,
Cooperar é ato pioneiro
Pra solidez da entidade*

*A política de governança
E o nosso código de conduta
São verdades absolutas
De um norte a ser trilhado,
Ficando assim memorizado
Exemplificando de fato
A retidão desse ato
De postura lado a lado*

*É na adesão voluntária
E democrática gestão,
Tendo a fiel participação
Do associado em transparência
Com autonomia e independência
O sistema é preservado
E cada real retornado
Com honradez em evidência*

*Enfatizamos aqui
Nossos colaboradores,
Também os coordenadores
Que fazem frente ao associado,
Eles estão empenhados
Na execução do melhor,
Trazendo ao seu redor
Profissionais bem preparados*

*Há um grupo de conselheiros
Que formam o colegiado
Defendendo o associado,
Que é o dono do negócio,
O patrimônio é do sócio
E deve ser multiplicado
E sempre bem preservado
Num ato de sacerdócio*

*À frente a diretoria
Com seus encaminhamentos
Trazendo planejamentos
A serem concretizados
Com pulso firme - embasados
Disputando a concorrência,
Mostrando à luz da experiência
O respeito ao associado*

*Fazer cooperativismo
É semear pra eternidade
É agregar a realidade
E olhar sempre o futuro
Nem gesto fraterno - puro
Dividir o resultado
E deste modo ser olhado
Como negócio seguro*

*Há de ser o centenário
Perpetuado pela união
Numa força em vocação
Na defesa do crescer
Para o bem do pertencer
Na liquidez financeira
Defendendo uma bandeira
De eternamente aprender*

*Parabéns, Sicredi União RS,
Para deixar registrado
Esse marco consagrado
De trabalho, organização,
Um exemplo de criação
Que deve ser sempre seguido
Tão firme, fortalecido,
Abraçado a muitas mãos*

PARTE VI

UMA VISÃO PROSPECTIVA

ECONÔMICO X SOCIAL X AMBIENTAL

Este capítulo quer ser, acima de tudo, uma reflexão dedicada aos cooperativistas e, essencialmente, aos associados.

Palhares (2004, p.75) diz que “as cooperativas são empresas com características sociais, mas não são filantrópicas”. E continua afirmando que “o cooperativismo é um sistema econômico, financeiro e social e por isso precisa ser o mais eficiente, democrático e justo possível” e ter clara consciência dos seus diferenciais no mercado e na sociedade.

Ou ainda, a cooperativa é uma entidade que se compõe de uma “associação de pessoas” que cria uma “empresa” para que preste serviços a seus donos, os associados, visando satisfazer, por meio da cooperação e ajuda mútua, suas necessidades e promover seu crescente bem estar. A cooperativa, portanto, compõe-se de dois elementos que são estreitamente interdependentes e indispensáveis, onde um expressa sua dimensão social, que opera predominantemente na base da racionalidade social, buscando a eficiência social, enquanto, na sua dimensão econômica, ela opera orientada pela racionalidade econômica, buscando a eficiência econômica, em benefício coletivo dos associados (Schneider).

Roberto Rodrigues (2004, p.84) apresenta a seguinte reflexão, em contraponto, dizendo que o cooperativismo, no terceiro milênio, passa a ter uma função que ultrapassa a tradicional função social e econômica para ganhar uma nova dimensão de caráter político. Essa é a nova consistência do cooperativismo, razão pela qual se diz que há um renascimento do movimento

cooperativo fortemente impulsionado por governos de países desenvolvidos. Por quê? Em primeiro lugar, porque a consciência solidária, nesses países, é mais consistente. “Viveram momentos na história, nos quais a solidariedade se transformou numa necessidade”, diz Rodrigues.

É fundamental entender que o que diferencia um país desenvolvido de um não desenvolvido é o grau de organização e de participação da sociedade. Por isso, a solução está na ação das bases comunitárias. Não mais como um rio fluindo entre as duas margens – capitalismo e socialismo, cada um de um lado, mas uma ponte juntando as margens – de um lado o mercado e na outra margem, o bem-estar das comunidades e dos associados. O cooperativismo é esta ponte: a defesa da democracia (que, desde as suas origens há 169 anos, é um princípio seu) e da paz, na medida em que ele combate a exclusão e a concentração.

Desjardins (in Freitas, p.93), há mais de cem anos, ensinou que: “Uma cooperativa de crédito não é um negócio financeiro comum, buscando enriquecer seus membros às expensas do público em geral. Nem uma empresa de empréstimos, buscando fazer lucro às expensas dos infortunados. A Cooperativa de Crédito não é nada desse tipo; é a expressão, no campo da economia, de um ideal social elevado.”

A sustentação da Cooperativa de Crédito tem a sua base nos valores e atitudes da cultura do comprometimento de todos os seus associados. No comprometimento estão incluídos as diretorias, os colaboradores e os associados. Quanto maior o comprometimento, tanto maior a sustentabilidade. Cerqueira apresenta alguns valores e princípios do comprometimento, os quais servem como uma reflexão das atividades desenvolvidas no dia a dia. Os princípios, a seguir apresentados, foram importantes no decorrer de toda a história da Cooperativa de Crédito. Foram eles que proporcionaram o crescimento econômico e social. São eles: 1 – Foco

no resultado: o objetivo é atingir as metas, agindo com profissionalismo, transformando o associado em DONO, valorizando o associado como parceiro na obtenção do resultado, evitando o assistencialismo e o paternalismo; 2 – Valorização da autoestima: respeitar os outros; 3 – Empatia: colocar-se no lugar do outro, ver o outro lado, ponderar; 4 – Afetividade: desenvolver uma forma de tratamento entre as pessoas na qual exista cordialidade, igualdade, fraternidade; 5 – Fidelidade/transparência: ser fiel aos princípios da Cooperativa nas relações, manter a palavra, cumprir o acertado e ser transparente, o que aumenta a confiança recíproca; 6 – Postura positiva: valorizar os acertos, incentivar o esforço e a iniciativa; 7 – Alavancamento das soluções inteligentes: procurar melhorar sempre, buscando soluções. Ter iniciativa, ser pró-ativo, buscar melhorias contínuas, ser persistente, não se acomodar nem se omitir; 8 – Ênfase no coletivo: trabalhar todos em equipe (parceria) na busca de um mesmo resultado, pensando no todo, visualizando as partes integrantes, os elos de relação, procurando fortificá-los, enfim, valorizando o empreendimento, como iniciativa coletiva; 9 – Desafios: não ser paternalista, assistencialista ou esperar passivamente as coisas de graça, ou atribuir demasiada responsabilidade e iniciativa ao poder público. Crédito no alcance das metas; 10 – Espírito desarmado: não agredir, não ofender, não fragmentar, colocando uns contra os outros; 11 – Equilíbrio emocional: não ter atitudes intempestivas, ter atitudes ponderadas. Ter equilíbrio emocional e serenidade para solucionar os problemas, saber controlar as atitudes nos momentos mais difíceis, não se deixar levar pela impulsividade/agressividade. Enfim, ser cordial em todas as situações.

A Cooperativa de Crédito, baseada em princípios e valores, tem como grande meta contribuir para tornar a sociedade melhor. Sua vocação é colaborar para o crescimento humano. Seu sonho é gerar qualidade de vida a todas as pessoas que ela atinge direta ou indiretamente.

Por ser dono, coproprietário de uma empresa, “Ser um empreendedor é sonhar grandes sonhos e construir metas para transformar os sonhos em realidade”, diz Cury (2007, p.191 e 193). E continua afirmando que “são os empreendedores que fazem a diferença nos ambientes. Eles ajudam, abrem caminhos, conquistam, enxergam o que não está diante dos olhos, corrigem erros, previnem falhas, motivam pessoas, trazem soluções que ninguém trouxe”. E, por fim: “Os que desejam ser empreendedores precisam ter consciência de que a vida é uma grande escola, mas pouco ensina para quem não sabe ser aluno.”

Schneider (2010, p.41) diz que “por isso a Cooperativa é uma ou talvez a única estrutura em condições de combinar aspectos econômicos e sociais, buscando o permanente equilíbrio entre eles, sem recorrer à exploração das pessoas e à maximização do lucro. A Cooperativa tem como aspecto central do seu diferencial, empenhar-se na realização de um duplo objetivo: a busca da eficiência social e da eficiência econômica”.

Evidentemente que a Cooperativa de Crédito, e isto é válido para qualquer ramo de cooperativa, necessita ser cada vez mais eficiente num mercado altamente competitivo. Há a necessidade da qualidade em seus serviços. No entanto, a grande estratégia é o avanço na cidadania das pessoas. Aí se encontra a real e verdadeira solidez da empresa cooperativa. E, neste sentido, mais uma vez Schneider (2010, p.57) diz que “Dentro dos contextos de globalização, como os que vivemos em que as pessoas são tratadas apenas como consumidoras, a identidade cooperativa enquanto valorização dos princípios de cooperação, reconhecimento do outro, diálogo e reflexão ativa, torna-se ferramenta de resgate dos indivíduos reduzidos a objetos de insumos dos processos produtivos, alçando-os ao status de sujeitos.”

Conclui-se o capítulo com a seguinte reflexão efetivada por Fauquet (in Schneider, 2010, p. 71): “O futuro das cooperativas depende em grande

parte dos próprios cooperadores. Duas funções são essenciais para o êxito das cooperativas: no plano interno do Movimento, gerir a empresa com competência e também com espírito inventivo e, ao mesmo tempo, formar cooperativistas, instruí-los e reforçar neles o senso de responsabilidade individual e coletiva; no plano externo do Movimento, dar à cooperação a relevância que ela merece, mostrar aos que a ignoram, e talvez a buscam, e quais são seus princípios, seus méritos, bem como qual a finalidade que constitui o ponto que atrai as pessoas.”

Chega-se ao 1º Centenário da Sicredi União RS porque os valores e princípios acima explicitados foram colocados em prática. Os valores do cooperativismo são mais permanentes e perenes na história de um Movimento Social. Porém, os princípios podem ser adaptados, a cada época, segundo as novas exigências que aparecem, mas sem perderem o seu sentido fundamental, expresso este nos valores. Praticando-se os conhecimentos, as experiências, as habilidades, uma visão estratégica e motivação, chegar-se-á ao 2º Centenário com menos dificuldades do que as enfrentadas no transcorrer dos primeiros 100 anos.

MENSAGENS:

A passagem do 1º Centenário da Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Serro Azul – Sicredi União RS – perpassa a realidade local e regional. Registram-se a seguir algumas mensagens:

A persistência que vale a pena

Os movimentos de cooperação e ajuda mútua são milenares na história do mundo, mas organizados em sociedade, em especial de “pessoas”, sabemos que não têm dois séculos.

A importância de superar o primeiro século e perseguir o alcance do segundo é muito relevante para o cooperativismo brasileiro e latino-americano, pois o grande movimento de constituição e de melhor estruturação de Cooperativas de Crédito datam de 30 anos atrás. Muito recente, mas inspirador na persistência dessas.

Sabemos que é significativo para as pessoas e para as comunidades estarem organizadas em cooperativas, cujas diferenças em relação às sociedades capitalistas e demais foram amplamente discutidas e avaliadas no Ano Internacional das Cooperativas, que a ONU chancelou em 2012.

A contribuição econômica que traz para os seus membros é relevante, pois a difusão dos princípios cooperativistas no seio da sociedade gera estímulos extraordinários como, por exemplo, o exercício da democracia.

Quando o Sicredi afirmou nas suas campanhas que “Gente que coopera cresce”, uma gama enorme de reflexões foram feitas na direção da união de forças, do fortalecimento das cooperativas e da grandeza da causa. E o resgate da história da Sicredi União RS mostra que é possível alcançar os 100 anos e é digno de mérito e registro.

Ainda quando dizemos que a “vida é melhor quando é cooperativa”, é mais uma prova de que a história faz sentido, assim como o labor do cotidiano para conduzir a organização para o futuro, pensando nas bases, nos fundamentos e também nos benefícios gerados. Nossos parabéns às famílias e líderes que mantiveram vivos este modelo de sociedade, mesmo em períodos difíceis. Parabéns aos que reergueram e promoveram a “União” em prol do fortalecimento da cooperação e da ajuda mútua.

Manfred Alfonso Dasenbrock
Presidente do Conselho da SicrediPar

Ao parabenizar a Sicredi União RS pelos 100 anos de uma trajetória de sucesso, queremos enaltecer o trabalho e a dedicação de todas as pessoas que escreveram essa bonita história do cooperativismo de crédito. O nome 'União', muito mais que um nome fantasia, representa a sustentabilidade de um empreendimento focado no crescimento das pessoas e das comunidades. Saudações aos mais de 120 mil associados que acreditam e confiam na missão da Sicredi União/RS. E aos dirigentes e colaboradores pelo empenho e pela visão de futuro, colocando os interesses coletivos sempre em primeiro lugar para atender plenamente às necessidades dos associados. Este centenário demonstra que o caminho foi percorrido da melhor maneira possível, que a estratégia usada foi bem planejada e que, com certeza, muitos outros aniversários serão comemorados.

Orlando Borges Müller

Presidente da Central Sicredi Sul

Completar 100 anos representa muito para qualquer instituição. Afinal, se conseguimos comemorar esse momento com grandeza e solidez é porque os nossos antecessores fizeram um trabalho importante para que cada degrau fosse construído com a estrutura necessária para nos tornar uma Cooperativa que atendesse na sua plenitude os associados, razão pela qual a Sicredi União RS busca constantemente a qualificação das equipes e não mede esforços para que a cada dia os nossos valores e diferenciais competitivos sejam percebidos por cada um dos nossos sócios.

Mais do que simplesmente oferecer produtos ou serviços ou assessorar os nossos associados financeiramente, o nosso compromisso é valorizar e acreditar no potencial de cada um, respeitando sempre cada individualidade, mas acreditando que juntos podemos construir uma sociedade melhor para cada pessoa que faz parte dela. Assim é a Sicredi União RS, uma Cooperativa que une pessoas e forças para ajudar a construir a evolução das comunidades onde está inserida.

Agora, nesse momento em que celebramos as conquistas que tivemos até aqui, chega também a hora de planejar o nosso futuro, procurando sempre crescer com sustentabilidade, para que todas as pessoas que se envolvam com a Sicredi União RS daqui para frente possam comemorar com muito mais força, solidez e grandeza muitos aniversários que virão.

Parabéns a cada pessoa, seja ela associada ou não, que fez parte da nossa história até aqui. Agradecemos pela contribuição e pela confiança depositada, afinal a vida é melhor quando é Cooperativa.

Fernando Dall'Agnese

Presidente da Sicredi União RS

Considero-me um privilegiado por fazer parte desta história que chega neste ano aos 100 anos. Ainda mais por integrar há 35 anos essa Cooperativa que a cada dia evoluiu, sempre preocupada, através de cada um dos dirigentes que por aqui passou, com o associado e com a responsabilidade de estar atento às mudanças do mercado, não deixando que nada pudesse interferir na saúde financeira e no crescimento do nosso negócio.

Mas nada disso seria possível construir se lá no início os primeiros associados não tivessem apostado nesse sistema que hoje é sólido e forte no nosso país. Mas não só os primeiros associados, mas sim cada um destes que hoje já somam mais de 120 mil e que a cada dia que passa deposita a confiança nos nossos colaboradores que procuram fazer o melhor para trazer retorno aos donos deste negócio.

Vale aqui lembrar também cada um dos colaboradores que por aqui passaram e deixaram a sua contribuição. Seja por menor ou maior tempo. Todos foram importantes na construção desta história de sucesso.

Queremos que o nosso associado aproveite esse momento importante do nosso centenário, valorize o tamanho e a força que sua Cooperativa alcançou e que siga trabalhando e apostando cada dia mais nesse modelo de negócio para que se possa no futuro comemorar dois, três ou mais centenários.

Ênio Scheid

1º Vice-Presidente da Sicredi União RS

O nosso tempo é marcado por grandes, rápidas e intensas mudanças, gerando nas pessoas uma sensação de crise. Há aqueles que sucumbem diante da crise sentindo-se incapazes de qualquer reação e deixando-se levar pelo desânimo. Outros sentem-se desacomodados, desafiados e instigados a buscar novos caminhos. São os pioneiros. Tornam-se protagonistas dessa busca. E, sem dúvida, entre os pioneiros encontramos o Pe. Theodor Amstad. Homem corajoso, de larga visão, se coloca a caminho, trazendo consigo algumas certezas: acreditava na cooperação e na ajuda mútua, não teve medo de remar contra a maré e não abria mão de princípios e valores que faziam parte de sua formação.

Assim, ele chega a esta região e em 1913 criava na Colônia Serro Azul uma Caixa Rural União Popular visando o desenvolvimento das pequenas propriedades, seu progresso econômico e social e o bem-estar das famílias que aí viviam.

Quando celebramos os 100 anos dessa experiência vitoriosa, precisamos lançar nosso olhar para essa história, e quem nos ajuda a fazer essa memória são os Professores

Elemar José Wilhelm e José Odelso Schneider com um trabalho investigativo e de fôlego, permitindo que nada dessa saga se perca. É a essência daquela que viria a se tornar uma das primeiras cooperativas do país.

Hoje, a continuidade dessa história empolgante está em nossas mãos. A grandeza da Sicredi União-RS, com aproximadamente 120 mil associados e 600 colaboradores, exige seriedade e compromisso de cada um, de cada uma. A sociedade cooperativa tem princípios dos quais não pode abrir mão e para isso a organização de seu quadro social é fundamental.

*Como alguém comprometido com esta construção, **conclamo** a uma participação cada vez mais ativa e efetiva. **Convido** para a leitura atenta desta obra como quem faz parte dela. Finalmente **convoco**: a Cooperativa é sua. Ela será tanto melhor quanto mais qualificada for sua presença e participação.*

Hermes Antônio Marchetti

2º Vice-Presidente da Sicredi União RS

Tenho certeza que a comemoração dos 100 anos da Sicredi União RS é vivida com muito orgulho por todos os nossos associados e colaboradores. Uma história de muitas lutas, muito desenvolvimento e grandes conquistas, que, com certeza, a elas se somaram algumas derrotas que serviram apenas para fortalecer ainda mais os que lutaram e os que lutam pelo desenvolvimento desta Cooperativa.

Já dizia que são poucas empresas que conseguem completar 100 anos. O que deixa a todos nós ainda mais entusiasmados é que esta Cooperativa completa o seu Centenário estando em pleno desenvolvimento, construindo bons resultados, sendo eles lastreados em bases sólidas e de bom planejamento, com a participação ativa dos Colaboradores, Conselheiros, Coordenadores de Núcleo e, sim, de todos os associados.

Estar completando, no ano do Centenário, os meus 20 anos dedicados a esta Cooperativa é motivo de muito orgulho. Ter participado do seu crescimento e ter apoiado, de uma ou outra forma, nas tomadas de decisões e direcionamentos fazem com que tenha a certeza de que em conjunto estamos construindo uma bela organização que, cada vez mais, deixará sua marca na história desta região e fora dela devido a sua importância dentro do Sistema Sicredi.

Uma Cooperativa de Crédito Centenária engrandece nossa região e o povo que nela vive, pois, por ser uma Sociedade Cooperativa, pertence a esta comunidade e ao povo

que nela reside. Desta forma, cabe a esta grande região trabalhar cada vez mais para o desenvolvimento desta instituição na busca do seu próximo Centenário.

Sidnei Strejevitch

Diretor Executivo – Sicredi União RS

Estar comemorando 100 anos de história nos remete a acreditar que todos os que passaram por esta instituição fizeram seu papel, vivendo um modelo cooperativo na essência, de ajuda mútua, de coletividade, de solidariedade, de seriedade e de comprometimento, entendendo que Cooperar não é sinônimo de assistencialismo, de filantropia, e sim de um negócio sustentável, gerando equilíbrio entre os Cooperados.

Nossa história nos remete a sete Cooperativas em sua origem, que após fusões transformaram-se em três e, em 2010, a união destas criou a atual Cooperativa. Olhando para essa história de união e guiados pelo princípio da intercooperação, fica o entendimento que a soma de forças gera sucesso. Por que não unir mais segmentos econômicos e trabalhar em Cooperação em nossos municípios da área de ação, como muito bem nos mostra o Sistema Modragon na Espanha? Seria um belo capítulo da história do próximo centenário. Depende de nós!

Poder participar e contribuir por vinte e um anos de trabalho neste centenário da Cooperativa é algo extraordinário do qual tenho orgulho, bem como nos remete à alta responsabilidade, porque a soma de nossas atitudes diárias é que construirá o futuro da Sicredi União RS. Nosso compromisso é mantê-la sólida.

Neste momento histórico, desejo a todos os Cooperados da Sicredi União RS muito sucesso, sabedoria e espírito Cooperativo, e que sejamos visionários, como o Pe. Teodor Amstad, para que no próximo centenário se repita o sucesso até hoje alcançado e cada vez mais pessoas possam participar e se beneficiar do trabalho Cooperativo iniciado há mais de 100 anos pelo nosso fundador.

Giovani John

Diretor de Operações – Sicredi União RS

PARTE VII
CONCLUSÃO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
AGRADECIMENTOS

Ao concluírem-se as pesquisas e os trabalhos desta história, pergunta-se: que amanhã se quer? Não é o passado. É o presente, mas com a visão e o direcionamento para o horizonte, que nunca será alcançado, mas sempre será a nossa utopia. E acredita-se que a mudança é possível, que uma outra economia e outra sociedade são possíveis, por meio das ações e atitudes, que o individualismo necessita ser banido e eliminado do cooperativismo, e que o diálogo e a transparência sejam os caminhos.

Quando efetivamente formos a alternativa, e queremos sê-la, a sociedade apontará com naturalidade e dirá: esta é verdadeiramente a Cooperativa de Crédito que se quer. E almeja-se que a grande maioria dos associados realize os seus negócios, exclusivamente em Cooperativas de Crédito, e aqui, particularmente, na Sicredi União-RS, por ser a que melhores condições e/ou oportunidades lhes proporciona.

O sonho não é apenas um sonho. O sonho pode ser o amanhã numa nova realidade. Uma realidade diferente em que a ajuda mútua e a solidariedade se direcionem para o verdadeiro cooperativismo. Isso poderá ocorrer na medida em que a sociedade cooperativa Sicredi União RS se mantiver unida e crescer nessa união em parceria com tantas outras cooperativas de crédito, e mais, como Sistema Cooperativo, junto com cooperativas de outros ramos, formem um forte e coeso Sistema Cooperativo, para contribuírem na construção de uma outra economia e de uma outra sociedade possível. Nunca foi e nunca será fácil entender o emaranhado do mundo globalizado, mas é dentro dele que a Cooperativa de Crédito precisa viver e sobreviver. A participação do associado necessita ser cada vez mais efetiva. Quem é dono da Cooperativa de Crédito não pode ficar alheio; precisa acompanhá-la permanentemente.

Conforme a resolução do Conselho Monetário Nacional nº 3.859/10, a governança da Cooperativa é estrategicamente realizada pelo Conselho de

Administração, composto de um Presidente, de um Vice-Presidente e de conselheiros que têm a função de serem os guardiões do objetivo social, do sistema de governança e o elo entre propriedade e gestão. E isso se espera também da Diretoria Executiva que é responsável pela gestão operacional da Sicredi União RS.

E, para concluir, é preciso, ainda, fazer-se as seguintes observações: a cultura cooperativista é e será fundamental para um futuro cada vez mais glorioso da Sicredi e do Sicredi. Porque a cultura é um alicerce firme e seguro e é uma das bases de sustentação. O cooperativismo precisa ter como foco permanente a cultura, uma vez que ela é uma aprendizagem e, por isso, adquirida no percurso da nossa vida, nas mais diversas situações. Tal cultura reforça nossos valores e princípios solidários e ambientais, nosso usos e costumes de associados, nossa presença marcante na comunidade como cooperativistas e como cidadãos.

A Sicredi União-RS necessita dessa visão para fundamentar cada vez mais a sustentabilidade econômica, social e ambiental. E cabe dizer que a cultura organizacional é e será o resultado da atuação das pessoas que nela trabalham.

Almeja-se que a missão do Sicredi “Como sistema de crédito cooperativo, sempre valorize o relacionamento, ofereça soluções financeiras para agregar renda e contribua para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da comunidade”, concretizando-se no dia a dia.

E como diz Rodrigues: “As cooperativas são “A” opção e não apenas “uma” opção, porque geram valor agregado à vida das pessoas. As cooperativas transferem não somente produtos, serviços e recursos financeiros; transferem cultura.” Assim como se expressou Rodrigues, os associados querem que a Sicredi União-RS seja “A opção” de negócio e não “uma opção”.

Para alcançar esta cultura, é imprescindível uma educação e capacitação cooperativa. Schneider (2010, p.19-20) nos apresenta a diferença existente entre educação e capacitação: “educação (suscitar valores, princípios e padrões de comportamento que conduzam a práticas solidárias e de ajuda mútua) e capacitação (formar habilidades, profissionalizar)”. Não resta nenhuma dúvida que a educação e a capacitação e sua correspondente formação profissional são opções estratégicas que devem andar sempre juntas, em prol do cooperativismo de crédito, a sua consolidação e ao seu desenvolvimento. E, mais uma vez, Schneider diz: “Entendemos a “educação cooperativa” como tudo aquilo que é próprio e da essência do “ser cooperativo” como a visão do mundo e da sociedade, a visão sobre a organização do trabalho e a forma peculiar de estruturação empresarial, a filosofia, a doutrina, os valores, os princípios e as normas das cooperativas e do respectivo projeto de economia e de sociedade que pretendem ajudar a construir”.

A base para chegar ao 1º Centenário foi uma cultura cooperativista (ajuda mútua) entre os associados, sem sombra de dúvida. A cultura que, no seu cerne, expressa um conjunto de valores, seja o alicerce, o fator energizador, firme e seguro da Sicredi União-RS e também das demais. A cultura é um fenômeno coletivo, uma vez que a mesma é adquirida. Ela não é herdada, ela deriva do espaço social das pessoas. E é fator preponderante que os associados a multipliquem. Para tanto, torna-se necessário avançar na cultura organizacional porque ela é o reflexo dos seus colaboradores. Que características os colaboradores possuem, ou seja, quais os seus valores, os princípios, as relações, o seu modo de ser, e quais são os de uma cultura cooperativista?

Quando se consegue estabelecer semelhanças entre as Diretorias, Conselhos, Colaboradores e Diretoria executiva em suas práticas com os

mesmos valores e expectativas idênticas ou similares na Cooperativa, estamos na direção da cultura organizacional.

Quando o profissionalismo cooperativo se associa à valorização dos colaboradores, os quais executam tarefas com eficácia e competência, demonstrando espírito de colaboração, habilidade, dedicação e com capacidade de iniciativa, contribuindo, desse modo, para o alcance das metas comuns da cooperativa, manifesta-se a cultura organizacional.

As dificuldades sempre foram forças e desafios para a busca de soluções conjugadas. Existem dezenas de exemplos pela região de que a cooperação é o caminho, a alternativa. A preocupação é quando a cultura organizacional da Cooperativa de Crédito, com uma racionalidade empresarial própria e peculiar, passa a não se diferenciar mais do padrão e da racionalidade de outras empresas.

A cultura cooperativa existe em parte nos associados, mas é preciso aprofundar a forma de pensar, de viver e de agir em relação aos valores, aos princípios da Empresa Cooperativa, para passarem a assumir uma mente e uma “cabeça”, diferente, solidária, participativa e inclusiva, que é contraponto de uma mentalidade e de uma prática individualista, competitiva, concentradora e excludente.

Espera-se que o 1º Centenário nos proporcione forças e, principalmente, a visão para um horizonte sempre vislumbrado, mas nunca alcançado, em benefício dos associados, rumo ao 2º Centenário. Este, com certeza, não será mais o meu ou o nosso projeto, mas as novas gerações poderão vivenciar o que nós estamos vivenciando com muita alegria e satisfação. Cabe registrar o reconhecimento por todos aqueles que labutaram a fim de que esse objetivo fosse alcançado. E o foi.

Concluindo, chama-se a atenção que, em praticamente todo o Cooperativismo de Crédito, os colaboradores são jovens. Serão eles os

protagonistas do crescimento acima da média nesta década e também nas próximas.

É oportuno registrar o que Pereira e Fonseca (1997, p.245) dizem: “A mudança faz parte da nossa vida. Não apenas nós, os seres humanos, mas tudo o que nos rodeia está em permanente transformação. Quanto mais rápidas as mudanças, maior o impacto nas pessoas, porque elas devem tomar decisões para se adaptar à nova situação. Portanto, não existe decisão sem mudança, nem mudança sem decisão.”

E, por fim, nada é mais seguro do que a intercooperação e, por este motivo, as mais diversas Cooperativas de Crédito da região se uniram, formando a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul que, daqui em diante, será conhecida, cada vez, mais como a “Sicredi União-RS”. Esta, por sua vez, teve a visão estratégica de manter vínculos e interações cada vez maiores com a Sicredi Central Sul, a entidade de segundo grau do sistema do cooperativismo de crédito. A união teve como objetivo único o desenvolvimento da região abrangida, levando, além dos negócios, a cultura do cooperativismo, assim como ocorreu nas Reduções Jesuíticas, onde as sobras ou os excedentes gerados em cada Redução eram destinados para todos e não apenas para alguns, distribuídos na proporção da fidelidade e assiduidade em operar com a instituição central. Enfim, que a Sicredi União RS seja a protagonista da mudança da economia e da comunidade em sua área de abrangência, com grande justiça social, com cooperação e com muita solidariedade, aspectos ainda bastante ausentes na realidade de hoje.

FELIZ CENTENÁRIO A TODOS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 –AMSTAD, Pe. Theodor. **Festschrift zum 25 jährigen Bestehen der Bauernvereins-Kolonie Serro Azul** – Porto Alegre: Typografia do Centro, 1928,100p.
- 2 – _____. Pe. Theodor . **Memórias Autobiográficas** (Reedição) – Nova Petrópolis: Editora AMSTAD, 2012, 205p.
- 3 –BELATO, Dinarte. **Cooperação e cooperativismo**. Caderno I – Fundação Sicredi/SESCOOP/RS – Porto Alegre, 2005, 54p.
- 4 -BÚRIGO, Fábio Luiz. **Cooperativa de Crédito Rural: agente de desenvolvimento local ou banco comercial de pequeno porte?** Chapecó: Editora Universitária ARGOS, 2007, 135p.
- 5 –CALLAI, Jaime Luiz. **Fecotrigo, um trabalho de união – 50 anos**. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2008, 254p.
- 6 – CERQUEIRA, Wilson – Consultores Associados. (2005) **Valores e Atitudes da Cultura do Comprometimento** – Apostila, Porto Alegre, 2005.
- 7 – CURY, Augusto. **12 semanas para mudar uma vida**. 2ª edição. São Paulo. Editora Academia da Inteligência, 2007, 258 p.
- 8 - DELORS, Jaques. **Educação, um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Segunda parte: Princípios. Cap.4. Os quatro pilares da educação. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.
- 9 – DEWES, Miguel José. **A História de Cerro Largo**. Porto Alegre: Editora da Alvorada, 1966, 164p.
- 10 - EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Chapecó: Editora da Unochapecó ARGOS, 2009, 376p.
- 11 – FRANTZ, João Carlos. **Escola e relações cooperativas na sociedade**. Caderno IV – Fundação Sicredi/SESCOOP/RS – Porto Alegre, 2005, 44p.
- 12 - KIST, Ana e PESAVENTO, Fábio. **A reestruturação do Sicredi**. 1ª edição. Porto Alegre: Sicredi, 2011, 28 p.
- 13– _____. **Ser cooperativa: o posicionamento estratégico do Sicredi**. 1ª edição. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2011, 32p.
- 14 – _____. **O relato dos desbravadores**. 1ªedição. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2011, 32p.
- 15 – LIVINSKI, Eliara. **Institucionalização das relações cooperativas no âmbito escolar**. Caderno V – Fundação Sicredi/SESCOOP/RS – Porto Alegre, 2005, 36p.
- 16 – PAGNUSSAT, Alcenor. **Guia do Cooperativismo de Crédito: organização, governança e políticas corporativas**. Editora Sagra Luzzato, Porto Alegre, 2004, 194p.
- 17 – PEREIRA, Maria José Lara de Bretas e FONSECA, João Gabriel Marques. **Faces da Decisão – As mudanças de Paradigmas e o Poder da Decisão**. São Paulo, Editora Makron Books, 1997, 275p.
- 18 – PESAVENTO, Fábio. **Novas fronteiras: os avanços da Constituição de 1988 e a expansão**

para o Centro-Oeste. 1ª edição. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2010, 32p.

19 – _____ **A marca Sicredi e o primeiro banco cooperativo do Brasil.** 1ª edição. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2010, 32p.

20 – _____ **A consolidação da Sicredi como instituição financeira Cooperativa da comunidade.** 1ª edição. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2010, 32p.

21 – PINHO, Diva Benevides e PALHARES, Valdecir Manuel Affonso. **O Cooperativismo de Crédito no Brasil – do século XX ao século XXI.** Edição comemorativa. São Paulo, Editora CONFEBRAS, 2004, 342p.

22 – RAMBO, Arthur Blásio (tradutor). **Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul: 1824-1924.** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005, 646p.

23 – RAMBO, Arthur Blásio. **Somando Forças – O projeto social dos jesuítas no sul do Brasil.** São Leopoldo. Editora UNISINOS, 2011, 380p.

24 – RAMBO, Arthur Blásio e AREND, Isabel Cristina/ Organizadores. **Cooperar para prosperar: a terceira via.** Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2012, 216p.

25 – SAVARIZ, Claudinor Antônio – **Lembrança de Catuípe-** 2ª edição. Gráfica Catuípe, 40p.

26 – SCHNEIDER, José Odelso (coordenador). **Educação e Capacitação Cooperativa – Os desafios no seu desempenho.** São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS, 2010, 132p.

FONTES PRIMÁRIAS

1 – Entrevistas e Histórias

2 – Jornal O Cerro Largo. Cerro Largo, 22 de setembro de 1963. Ano 7, nº323.

3 – Jornal Folha da Produção. Edições de 28 de junho a 16 de agosto de 1978.

4 – Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 7 de junho de 2012, pág. 12 dos Editoriais.

5 – Livros de Atas das Assembleias Gerais, do Conselho Fiscal e das Diretorias;

6 – Livro de Atas das Assembleias da FECRESUL;

7 – Livro de Atas do Conselho Administrativo e Diretoria Executiva da FECRESUL;

8 – Livros de Correspondências a partir de 1916.

9 – Livros dos Estatutos, Protocolos e Matrícula dos Sócios desde 1913.

10 – Portal do Cooperativismo, consultado em 10-09-2013.

11 – Programa a união faz a vida: vivenciando trajetórias cooperativas. Fundação Sicredi Coord. Porto Alegre: Fundação SICREDI, 2008, 138p.- Programa de Formação Cooperativa Crescer: cooperativismo de crédito: contribuindo para o crescimento coletivo. Fundação Sicredi (coord.), Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2011, 218p.

12 – Protocollbuch der Sparkasse;

13 – Skt. Paulusblatt dos anos: 1913; 1914; 1925 a 1929; 1934; 1936; 1937; 1940 e 1941.

AGRADECIMENTOS:

Agradecer é essencial e necessário, tendo em vista que foram muitas as pessoas que contribuíram para a construção desta história.

A todos aqueles que se dispuseram a nos auxiliar e a ajudar no ofício do trabalho, sem exceção, o nosso muito obrigado. Talvez seja impossível citar todos, mas sentimo-nos no compromisso de enumerar algumas dezenas de colaboradores que propiciaram, inclusive, opiniões sobre o desenrolar da história, hoje centenária. O resgate histórico é algo nada fácil e as pessoas idosas nem sempre conseguem lembrar, na íntegra, fatos interessantes e relevantes.

Ao atual presidente da Sicredi União RS, Fernando Dall’ Agnese; aos vices Ênio Scheid e Hermes Antônio Marchetti; ao diretor Executivo, Sidnei Strejevitch; ao diretor de Operações, Giovani John; ao Gerente Regional de Desenvolvimento, Joelmir Gustavo Winck; aos responsáveis pelos programas sociais, Márcio Ten Caten, Tânia Pires de Almeida, Karen Nickel e Cláudia Mueller; aos comunicadores Caroline Molinari Koslowski e Eduardo Mireski, ao José Carlos Scherer que labutou para a transformação dos recursos financeiros, sobre os quais pairaram dúvidas, mas ao final optou-se em deixar os originais e, enfim, o nosso agradecimento a todos os colaboradores e servidores da SUREG, os quais contribuíram de forma decisiva para que este livro estivesse pronto, e poderíamos dizer, em tempo recorde. Foram um pouco mais dois anos em busca de informações, pesquisas, entrevistas, viagens e muita leitura. Aos colegas conselheiros de Administração e Fiscal, o nosso reconhecimento especial pelas diversas colaborações e ajudas.

Aos gerentes das Unidades e aos gerentes administrativos financeiros, aos colaboradores das Unidades de Atendimento da Sicredi União RS, o nosso muito obrigado pela colaboração e ajuda.

Diversas opiniões foram registradas neste histórico e, em função

dessas, foram necessárias conversas, entrevistas e viagens. Destacamos a entrevista e o prefácio de Ademar Schardong, presidente executivo do Sicredi; de Gerson Ricardo Seefeld – vice presidente da Central Sicredi Sul – que nos auxiliou muito nos encaminhamentos. Ao Dr. Clairton Walter, gerente jurídico do Centro Administrativo do Sicredi e a Werno Blásio Neumann, o qual nos forneceu o histórico da FECRESUL. A nossa gratidão e reconhecimento.

Na busca de dados e informações referentes às ex-Caixas Rurais de Santo Cristo, de Santo Ângelo e de Campina das Missões, a nossa gratidão ao Renato de Wallau, Lino Raimundo Wagner (in memoriam), Afonso Wagner (grande conhecedor da história de Santo Cristo), hoje (in memoriam), Oscar Pinto Jung, Walter Francisco Spannring (in memoriam), Inácio Mallmann, Ivo Jung e Pe. Marcos Riffel.

Especificamente referente à história da Caixa Rural União Popular de Serro Azul, é imprescindível agradecer aos que viveram uma parte da história e a engrandeceram: Dorival Scheid, Anacleto Bertagnoli, Osvaldo Colling (o qual trabalhou quase toda a década de 1950), os ex-colaboradores Almiro Spies (o maior conhecedor da Caixa Rural União Popular) e Eloy Kliemann, os quais, por mais de 30 anos, desenvolveram as suas atividades na Cooperativa. Um reconhecimento especial ao Dr. Laureano Schoffen, ex-conselheiro de Administração, fiscal e secretário, que, apesar da idade avançada, não esqueceu nada da nossa história. Foram muitas horas de conversas, de diálogo, de troca de informações e, ao final, de uma entrevista. Ao José Nelmo Ten Caten, que colaborou na história do Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola – CCTA- o nosso muito obrigado. Enfim, queremos incluir todos os ex-presidentes, vices, gerentes, conselheiros e associados que contribuíram de forma decisiva para a construção dessa grande Caixa Rural.

Ao professor Guido Casildo Henz, historiador e pesquisador, e ao professor Benedito Haas, pelas informações obtidas.

Ao presidente do Museu 25 de Julho, Teo Schneider, por ter

proporcionado as condições de realizar a pesquisa nos documentos existentes, essencialmente nos Skt Paulusblatt, e no Jornal O Cerro Largo, o nosso reconhecimento e agradecimento.

À professora Isolde Bohn, que nos proporcionou o resgate histórico do correspondente, o qual se encontra no assunto sobre “Os Correspondentes”, o nosso muito obrigado.

À professora Neiva Fogolari, que teve o primeiro contato com os textos, efetivando correções, sugerindo modificações, pela sua dedicação e presteza e por seu senso crítico, o nosso grande reconhecimento.

Ao colega conselheiro, José Dirceu Dutra, que, com leveza, produziu uma poesia cooperativista para engrandecer ainda mais este livro do Centenário, nossa gratidão.

Ao casal de professores doutores da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS - do Campus de Cerro Largo, Marcelo Krug e Cristiane Horst, pelas primeiras conversas e troca de ideias, sugestões e encaminhamentos, os quais hoje se encontram no Campus de Chapecó, o nosso muito obrigado.

Às Secretarias Municipais de Educação, Cultura e Turismo que auxiliaram no histórico dos municípios da Sicredi União RS. Devemos registrar também que foram diversas consultas nos Portais das Prefeituras para a devida complementação. O nosso reconhecimento pelo auxílio.

Enfim, à minha família, por ter-me compreendido nos momentos de dificuldades e de nervosismo diante deste grande desafio. Foram muitos fins de semana de trabalho. Muito obrigado por tudo, especialmente à minha esposa, Maria Judite.

Ao Senhor da vida por ter-nos dado a sustentação para superar as dificuldades, os impasses e tantos obstáculos que se apresentaram ao realizar uma pesquisa de dados e informações de 100 anos.

De qualquer maneira, sentimo-nos satisfeitos por termos tido a oportunidade de efetivar um resgate histórico que, a partir de agora, será

conhecido não somente na grande região da Sicredi União RS, mas também no Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil e, quem sabe, além-fronteiras. Agradecemos pela oportunidade de desenvolvermos essa pesquisa, proporcionando condições e liberdade no desenvolvimento das atividades. Ressaltamos também que nem tudo o que ocorreu foi registrado, pontos que poderão servir para futuras pesquisas.

Sempre seremos gratos ao professor doutor José Odelso Schneider, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e da Coordenação do Curso de Especialização em Cooperativismo – CESCOOP - por ter aceito ser coautor desta fascinante história da Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Serro Azul – Sicredi União RS – iniciada em 6 de julho de 1913. O nosso reconhecimento será permanente.

Karen Nickel, a você, a nossa eterna gratidão. Para nós você sempre será de importância ímpar. E agradecemos imensamente pela sua disponibilidade em auxiliar nas nossas dificuldades, bem como pelo apoio e incentivo.

À professora Lenir Giovelli e ao amigo professor e mestre, Artur Hamerski, pelas revisões dos textos, a nossa gratidão e reconhecimento.

Nenhuma obra é obra de uma só mão e, sim, de várias. Queremos que todos, citados e não citados, recebam a nossa gratidão.

Assim dizemos que a obra não é completa nem perfeita, não só pelas dificuldades encontradas na busca do material ainda existente mas também pelo curto espaço de tempo para o registro dos 100 anos. Não faltou esforço. Na soma das dificuldades, acrescenta-se a busca de soluções, e foram essas que, no dia a dia, deram-nos forças para concluir esta obra em conjunto com o professor doutor José Odelso Schneider.

Com as possíveis adequações necessárias, esta obra seria, com certeza, nossa Dissertação de Mestrado em Cooperativismo. Resta-lhes dizer, enfim, isto: boa leitura!

